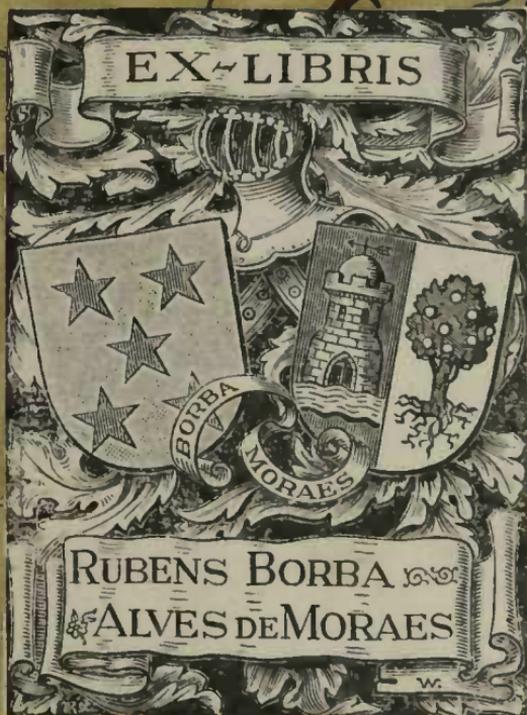


EX LIBRIS
BenediTo L. Peretto



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

(527)

3 vol.
1,500 —

O FORASTEIRO

AU MONDE ELEGANT
A. GENOUD
LIVRARIA - MUSICAS
CAMPINAS

OBRAS QUE SE ACHÃO A VENDA NA MESMA LIVRARIA :

J. de Alencar

TIL, romance brasileiro, 4 v. in-16, br. 4\$000, enc.	6\$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 2ª edição. 2 v. br. 2\$000, enc.	3\$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 2ª edição. 1 vol. broch.	2\$000
enc.	3\$000
O GUARANY, 3ª edição, 2 v. in-4º, encadernados....	10\$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, complemento do pre- cedente. 6 v. in-8, br. 12\$000, encadernado	16\$000
O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$50,
AS AZAS DE UM ANJO, comedia em 1 prologo, 4 actos e 1 epilogo, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
A MAI, drama em 4 actos, 2ª edição. 1 v.....	2\$000
VERSO E REVERSO, comedia em 2 actos, 2ª edição. 1 v.	1\$000

Senio

O GAUCHO. romance brasileiro. 2 v in-8 br. 4\$, eno..	6\$000
PATA DE GAZELLA. romance brasileiro. 1 v. in-8 br.	2\$000,
enc.	3\$000
O TRONCO DO IPÊ. romance brasileiro. 2 v. in-8 br.	4\$000,
enc.	6\$000
SONHOS D'OIEO, romance brasileiro. 2 v. in-8º enc.	6\$000
br.....	4\$000

G. M.

DIVA, <i>perfil de mulher</i> . 2ª edição. 1 v. enc.....	3\$000
LUCIOLA, <i>perfil de mulher</i> . 2ª edição. 1 v. enc.....	7\$000

J. Norberto de Souza e Silva

ROMANCES E NOVELLAS. 1 v. br. 3\$000, enc.....	4\$000
BRASILEIRAS CELEBRES. 1 v. in-8º enc.....	2\$000
FLORES ENTÃO ESPINHOS. 1 v. in-8º enc.....	2\$000

Rozendo Moniz

FAVOS E TRAVOS, romance. 1 vol. in-8 br. 2\$000, enc..	3\$000
--	--------

Th. Fix

HISTORIA DA GUERRA DO PARAGUAY, traduzida por A. J. Fer- nandes dos Reis e annotada por *** 1 v. in-8º enc... 5\$000	
---	--

V. Valmont

O ESPILHO PRUSSIANO, romance historico inglez, resumindo os principaes acontecimentos da guerra Franco-Prussiana, tra- duzida por V. Colonna. 1 v. in-8º br. 2\$000, enc... 3\$000	
--	--

O
FORASTEIRO

ROMANCE BRASILEIRO

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

SEGUNDA EDICAO

TOMO II

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

69, Rua do Ouvidor, 69

O FORASTEIRO

I.

O cavalleiro sem viseira e o indio sem mascara.

Sim, porque não sei ; mas d'este homem suspeito.
Não tens notado ainda seu singular aspecto ?...
Desde que o dia acaba, de nós em torno vaga.
Que faz n'estes lugares ?... Que vem aqui buscar ?...

A Noite veneziana.

Contámos já a historia d'essa criancinha recém-nascida, mysteriosamente confiada á caridade, e depois ternamente adoptada pelo amor de Constança : vimos crescer e desenvolver-se esse menino, na fazenda da Aldêa ; acompanhá-mol-o em seus brincos infantis, e depois nos seus innocentes amores com a bella filha de Pedro de Almeida ; dissemos já tudo quanto sabiamos a seu respeito ; em um ponto só deixámos de sa-

tisfazer a curiosidade, que por ventura tenha elle podido excitar; mas n'esse ponto não nos é ainda possível derramar luz alguma; o mysterio do nascimento de Leonel não deve, nem pôde ser por ora descortinado: Leonel é ainda para nós sómente — o Engeitado da Aldêa, — como o povo do lugar o chama.

Já apreciámos tambem em sua pura e innocente origem o amor, que liga os corações de Jorge, o *triste*, e de Iveta, a *mameluca*.

Tornemos agora a tomar o fio dos acontecimentos, cuja relação de repente suspendemos.

É desnecessario declarar, que fôra Leonel aquelle cavalleiro de armas negras, que nas cavalhadas attrahira a attenção geral, e que não tinha sido outro senão elle mesmo aquelle indio travêso e desinquietao que tanta desordem lançára no meio das dansas dos mascarados.

Branca e Iveta devião ter reconhecido logo o cavalleiro pela *perpetua-branca*, que era a divisa do seu escudo; e nas dansas, se a *mameluca* duvidou a principio que o indio fosse o *irmão-velho*, depressa teve de ver dissipadas todas as suas duvidas, encontrando-se com elle, e com elle conversando, em quanto se queimava o fogo de artificio.

Leonel, depois de ter alcançado de Iveta a

promesssa de que dous dias depois se encontraria com ella e Branca no *ingaseiro do Tingidor*, saltou, como vimos, o muro do quintal de Raphael, e retirou-se.

Achando-se todo o povo occupado em admirar e applaudir o fogo, teria o imprudente mancebo conseguido afastar-se da povoação sem ter sido reconhecido por mais alguém, fóra as duas moças, se não lhe houvesse sahido ao encontro o *Forasteiro*, que já lhe tinha fallado nas cavalhadas. -

De caminho para a fazenda de sua madrinha, Leonel não pôde deixar de roubar muitos momentos a Branca para reflectir n'esse homem mysterioso, que o seguia, como a sua sombra, e que o descobria através de uma viseira, ou a despeito de qualquer disfarce.

Seu segredo, e talvez a sua vida, estavam á mercê d'esse personagem desconhecido, que sabia tudo a respeito de todos, e a respeito de quem ninguem sabia nada.

As reflexões de Leonel perdêrão-se todas no vago das incertezas. O *Forasteiro* era um enigma indecifrável.

Chegando á casa, Leonel saltou do cavallo, e foi ter com sua madrinha, que o esperava velando.

— Eis-me, enfim, minha madrinha! exclamou elle entrando.

— E que fizeste, louco?

— Loucuras, minha madrinha.

— Conta-me tudo.

— Tirei duas argolinhas; aqui está uma, que lhe trago, para provar que não sou esquecido.

— E a outra?

— Offereci-a a D. Branca.

— Á sobrinha de Raphael?!...

— Não, minha madrinha; foi á filha de Pedro de Almeida.

— E a terceira?... passaste pela vergonha de perdê-la?

— Não, senhora; tive sómente o prazer de não querer tirá-la.

— E que mais fizeste, cabeça de vento?

— Dansei, saltei, gritei e corri vestido de indio.

— Onde?

— Na propria casa do vosso inimigo, no meio de cujas dansas lancei a confusão e a desordem.

— Não devias ter lá ido.

— Quem foi lá, não fui eu; foi o indio, minha boa madrinha.

A lógica de Leonel era convincente; Constança sorriu-se, e continuou perguntando:

— E ninguem te conheceu?

— Nas cavalladas fui de certo reconhecido por Branca e Iveta.

— Como?

— Eu cá sei, minha madrinha.

— E nas dansas?

— Dei-me a conhecer a Iveta.

— E para que, meu imprudente?

— Para uma cousa que tambem eu sei.

— E ninguem mais te conheceu?

— Juro, que não.

— Juras, Leonel?

— Espere, minha madrinha; creio que fui conhecido por um homem, a quem não conheço.

— E quem é elle?

— Chamão-n'ò o *Forasteiro*.

— Tenho ouvido fallar n'elle: que personagem é essa?

— Uma especie de feiticeiro, na opinião do povo; e um homem, que eu não comprehendo, na minha opinião.

— Tens visto esse homem muitas vezes?

— Boa pergunta, minha madrinha! ha quinze dias que elle me faz o favor de seguir-me por

toda a parte, e de apparecer-me quando mal o espero!

— E com que fim?

— Com que fim?... exactamente é essa a pergunta que lhe tenho feito umas poucas de vezes, e sempre sem resultado.

— Fizeste algum mal a esse homem, Leonel?

— Certamente que não; pelo contrario, minha madrinha ha de se lembrar, que lhe viêrão contar uma certa historia de ladrões, na qual eu appareço representando o papel de valentão, e soccorrendo a um velho atacado por esses cobardes...

— Sim, chegaste a tempo para salvar...

— Qual salvar! acabei apenas a contenda mais depressa; porque o tal *Forasteiro*, apezar de velho, batia-se como um damnado!

— E porque não me contaste tu mesmo essa historia, Leonel?

— Porque não achei que valesse a pena de se fallar n'isso.

Lgrimas de ternura humedecêrão os olhos da boa velha.

— Meu filho, disse ella; penso como tu, que esse homem é bem extraordinario!

— Sim, senhora; mas eu tenho entendido, que devo acabar com todos esses mysterios, quanto antes.

— E de que modo ?

— Indo ter com o Sr. *Forasteiro*, e pedindo-lhe que, ou me dê as razões porque me segue, ou que me faça o favor de não me seguir mais nunca.

— Leonel ! tens a idéa de faltar ao respeito a um velho ?

— Não, senhora ; mas pretendo sustentar a independencia de um moço.

— Meu filho, os cabellos brancos de um ancião são tão respeitaveis, como a innocencia de uma virgem.

— Ninguem diz menos d'isso, minha madrinha.

— O *Forasteiro* não te espia como um inimigo ; acompanha-te como um amigo fiel.

— Mas com que direito ?

— Com o direito da gratidão talvez.

— Gratidão?... gratidão porque ?

— Já te esqueceste da historia dos ladrões ?

— É verdade, minha madrinha ; não me lembrava mais d'isso.

— Pois então...

— Mas é que tambem parece uma cousa um pouco incommoda um amigo, que se não conhece, e que não se deixa conhecer : pensará esse homem que eu tenho medo ?

— Não ; porém acreditará, que és um impru-

dente, e quererá defender-te em caso de necessidade.

— Minha madrinha, eu não tenho inimigos, e quando os tivesse, graças a Deos, sinto-me com o braço bastante forte e com o coração bem cheio de coragem para affrontal-os e abatel-os.

— Mocidade cega!... exclamou Constança com voz dolorosa e pungente: oh Leonel! meu Leonel!... ha inimigos que nos apertão a mão, e que se sorriem para nós, quando nos estão apunhalando! ha traidores, que se dizem nossos amigos, e que ao mesmo tempo preparão a nossa ruína; e contra esses homens-serpentes não ha, nem força de braço, nem coragem no coração, que chegue para affrontal-os e abatel-os!

— Minha madrinha, dizeis isso de um modo que me faz suspeitar alguma cousa!

— Não, não suspeites nada; eu me estava lembrando de meu filho!

— Ainda!...

— Sempre! quando é que uma mãe se esquece de seu filho?... oh Leonel! elle era joven, bello, e intrepido como tu és; era tambem, como tu, bom e nobre; e tambem como tu, me dizia que não tinha inimigos, e que se os tivesse, saberia arrostal-os; mas, olha, veio um dia a serpente da traição e mordeu-o...

— Senhora !

— E nem lhe valeu a força do braço, nem a coragem do coração ; porque elle succumbio e a serpente triumphou... e sabes, Leonel, quem foi essa malvada serpente ?

— Sei, e aborreço-a, senhora ; e se ella ainda se roja sobre a terra ; se a sua cabeça ainda não foi esmagada pelo pé da mais justa vingança ; vós o sabeis, senhora, a culpa não tem sido minha.

O fogo da colera brilhára nos olhos ardentes do mancebo. A velha Constança respondeu com accento grave e resignado :

— Não... não ! Deos nosso senhor não deu ao homem o direito de vingar-se : a vingança mancha a alma do christão : e tu, innocente o puro ainda, deves ter horror á vingança, que é tambem um crime.

Leonel curvou a cabeça, como se se dobrasse áquella lição de virtude.

— Mas deixa-me continuar no que ia dizendo, proseguio a velha : sabes, Leonel, sabes quem foi a serpente que mordeu e sacrificou meu filho ?

— Sim... foi...

— Foi Raphael ! é isso mesmo : foi Raphael, repara bem : Raphael é o homem da traição e da infamia : Raphael aperta a mão d'aquelle a quem

pretende assassinar d'ahi a pouco : lembra-te bem d'isto!

— Mas, minha madrinha... que pretendeis dizer?

— Leonel, tu nunca mentes?

— Nunca; senhora.

→ E tambem, n'este caso, de pouco te serviria a mentira, porque eu sei tudo desde muito tempo.

— E o que sabeis então?

— Que tu amas a sobrinha de Raphael.

— Não, senhora: o que é verdade é, que eu amo a filha de Pedro de Almeida.

— O que vem a ser a mesma cousa: não te quero mal por isso, Leonel; desde o começo do teu amor, acompanhei-te com os olhos, e nunca me oppuz a elle.

— Oh minha madrinha! tendes sido para mim sempre a melhor das mães!

— Sim; mas desde que Pedro de Almeida morreu, e que Branca passou a ser pupilla de Raphael, eu tremo por ti, e receio que acabes por ser victima de alguma traição!

— De quem?

— De Raphael.

— Ai d'elle, se...

— Menino! tu és um pobre louco e nada

mais : o nosso inimigo, se não descobriu já, descobrirá em breve o teu amor, e levantará uma barreira insuperavel entre sua sobrinha e o afilhado de Constança.

— Eu destruirei essa barreira.

— Como ?

— Como fôr : pouco importa o modo ; mas hei-de destruil-a.

— Oh ! a tua mesma imprudencia servirá ao seu odio : se elle quizer, colher-te-ha em seus laços, e sacrificar-te-ha, como sacrificou a meu filho.

Leonel impaciente e irritado, respondeu á ultima observação de Constança com um olhar abrado, onde se lia um desafio a Raphael.

— E portanto, continuou a velha, eu agradeço ao céo esse homem, que é teu amigo, e que te acompanha por toda parte.

— Quem?... o *Forasteiro*?...

— Dizem-me, que é uma personagem mysteriosa, que conhece a vida de todos, e que adivinha todos os segredos : quem sabe se elle não adivinhou já algum tenebroso trama de Raphael contra ti?...

— E que mais, minha madrinha?...

— E por isso incessantemente te segue para salvar-te, como tu o salvaste?

— Pois muito bem, disse Leonel; eu quero correr os meus perigos sem comprometter a ninguém: não quero hesitar em nenhuma acção com receio de sacrificar a outrem.

— Que queres dizer?

— Que agora, mais que nunca, me determino a fazer com que o *Forasteiro* me deixe em liberdade, e se resolva a não seguir-me mais nunca.

— Louco!

— Amigo ou espião, dispenso completamente os seus serviços; e amanhã mesmo...

— Leonel!

— Eu o farci, minha madrinha.

— Leonel! prohibo-te que, de qualquer maneira, ou por palavras, ou por acções, offendas esse homem.

— Senhora...

— Eu t'o prohibo, repito; eu t'o prohibo com toda a autoridade, que a gratidão me dá sobre ti.

— Então...

— Deixarás esse homem fazer o que melhor lhe parecer. O *Forasteiro* é por força um amigo.

— Vós o conheceis?...

— Que pergunta! como queres tu que eu conhecesse o *Forasteiro*?...

— Mas, confiaes tanto n'elle...

— Tu o salvaste: elle talvez te salvará ainda;

tenho presentimentos, e acredito em sonhos ; sonhei que o *Forasteiro* te hade salvar.

Leonel fez um movimento para saber.

— Juras, disse-lhe Constança ; juras, que cumprirás o que te ordenei a respeito do *Forasteiro*?...

— Bem, minha madrinha, obedecerei.

— Juras por Branca?... tornou-lhe a velha sorrindo-se.

— Não, não ; mas juro por vós, minha madrinha ; e presto assim um juramento sagrado.

— Maganão ! lisongeiro ! exclamou Constança abraçando o afilhado.

— Ora pois : estaes contente?...

— Sim, meu extravagante ; vai dormir.

Leonel recebeu a benção da madrinha, e retirou-se, dizendo comsigo :

— É muito boa esta ! Querem por força salvar-me, e eu não sei de que perigo ! Trago atraz de mim um aio, como se eu fosse menino traquinas ; e tenho, finalmente, um protector invisivel, que só se mostra ás vezes á guiza de genio encantado !

Leonel entrou no seu quarto, mudou de vestidos ; mas em vez de tratar de dormir, como lhe recommendára sua madrinha, abriu uma janella, e recostando-se n'ella, deixou seu espiri-

to voar pela região dos sonhos nas azas da imaginação.

Pensava em Branca, e no seu amor; pensava também na pobre Iveta e no triste Jorge; e mal cuidava que ás mesmas horas, e também recostadas a uma janella, Branca e Iveta estavam pensando n'elle.

Tres dias antes da festa do templo *reedificado* Leonel recebêra da propria bocca de Jorge a noticia do projecto que tinham feito Claudio Góes, e Raphael, de casal-o com Branca.

— Tu resistirás, tinha dito Leonel; sabes, que Branca me pertence, como te pertence Iveta.

— Oh! sim! eu resistirei até o fim, respondera Jorge; mas só Deos sabe o que terá de acontecer.

— Que quer dizer resistir até o fim, Jorge?... perguntou o afilhado de Constança alterando-se.

— Leonel! tornára o fraco mancebo; Leonel, eu não me envergonho de vir pedir soccorro ao forte: em nome de Branca e de Iveta salva-me! salva-nos! porque eu, que me sinto capaz de lutar abraçado com um tigre, tenho medo de meu pae, e não sei o que será de mim!...

Leonel olhára com piedade para Jorge, e concluíra dizendo com o orgulho da força, que era um dos traços mais notaveis do seu character:

— Pois seja, farei tudo eu só; não te peço senão que me ponhas ao facto de tudo quanto occorrer.

Jorge abraçára chorando o amigo, e d'elle se afastára, envergonhado de sua invencível fraqueza.

— Misera Iveta! dissera Leonel vendo Jorge partir: triste destino te espera!

Desde que recebeu a fatal nova, Leonel concebeu trinta mil projectos, cada qual mais extravagante; felizmente uns destruíam os outros, e por fim elle assentou, que devia declarar guerra a Raphael, e começar a luta apparecendo inosperadamente nas cavalladas, offerecendo uma argolinha de ouro a Branca, e até acabando por ir-lhe fallar no meio das dansas, na propria casa do seu inimigo.

Custou muito a Leonel obter de Constança a permissão de tomar parte nos jogos, que erão presididos pelo causador da desgraça do seu tão chorado Raul; finalmente, porém, o mancebo teimou e venceu, com a condição de levar o rosto encoberto por uma viseira; esta condição contrariou um pouco as idéas de Leonel, que queria apresentar-se com a face descoberta; mas não teve remedio senão sugerir-se: só lhe faltava achar um companheiro que o quizesse acompa-

nhar e figurar nas cavalhadas; sua madrinha incumbio-se d'isso, e o companheiro de Leonel veio de proposito, para nada se suspeitar, de uma das freguezias visinhas.

Já sabemos o que fez Leonel nas cavalhadas e nas dansas de mascarados; observemol-o agora recostado á janella do seu quarto.

Pensava em Branca, e no seu amor, já o dissemos.

Mas embora graves contrariedades ameaçassem o seu amor, Leonel não podia meditar languida e tristemente, como o faria Jorge, ou como o fazem quasi todos em identicas circumstancias: quando se recordava, quando passava pelo seu espirito a lembrança do projectado casamento de Branca, em vez de estremecer, ou entristecer-se, seus olhos se accendião, seu peito arfava e a colera transluzia em seu rosto; mas bem depressa sentia-se serenar, e parecia extasiado contemplar a imagem de Branca, que surgia diante de sua alma, e como que se mostrava a seus olhos em pé, a alguns passos d'elle, aos raios da lua, vagando no prado por entre as flôres, ou brilhando no céu no meio das estrellas.

Leonel nunca tinha experimentado os golpes do infortunio: marcado pelo dedo da desgraça ao entrar no mundo, fôra incessantemente feliz

d'ahi por diante: habituára-se á felicidade, e contava com ella: zombava da adversidade, por que a adversidade não o tocára senão uma vez, e n'essa vez unica elle não a poderia sentir, pois era apenas uma criança recém-nascida.

Era por isso que Leonel não se sentia desanimar com a noticia dos planos de casamento de Branca, forjados por Claudio Góes e Raphael; e era por isso tambem que seus sonhos erão ainda todos dourados, quando por acaso não vinha tol-dal-os a colera.

Entretanto, mais alguma outra imagem, que não só a de Branca, se desenhava aos olhos de Leonel n'aquellas horas de longo scismar, que estava passando; muitas vezes ao lado da linda filha de Pedro de Almeida, levantava-se tambem a figura agigantada, triste e grave d'esse velho mysterioso, a quem todos chamavão o *Forasteiro*; o mancebo via seus cabellos brancos, e sua longa barba da mesma côr alvejando ao clarão da lua, via brilharem, como dous carbunculos, seus dous olhos negros e abrasados, e via, emfim, sua extensa capa negra desdobrar-se pouco a pouco á semelhança de uma nuvem tenebrosa que se dilata no horisonte.

Já era de madrugada, e ainda Leonel scismava, rocostado á janella, como em igual po-

sição conversavão Iveta e Branca; pouco faltava para abrir a aurora suas rosas no jardim do oriente, e ainda Leonel pensava em Branca e no velho mysterioso, quando ao fitar os olhos no campo, a alguns passos de sua janella, pareceu-lhe que uma figura agigantada e negra surgia do centro da terra.

O mancebo firmou a vista, e reconheceu que não era uma illusão de seus sentidos : um homem, quem quer que fosse, o estava observando.

Em um momento depois o vulto avançou para o lado da casa, e, quando se achou perto do mancebo, ergueu a cabeça e disse :

— É quasi dia ; dorme, Leonel.

Escravo sempre de seu primeiro pensamento, Leonel de um salto achou-se no campo e junto ao vulto mysterioso.

— Quem és tu?... perguntou.

— Pois não estás vendo?... respondeu-lhe o vulto atirando para traz sua longa capa negra; eu sou o *Forasteiro*.

Leonel não se moveu ; acabava de lembrar-se do juramento que fizera á sua madrinha; e o *Forasteiro* retirou-se vagarosamente, e desapareceu por entre os densos véos da neblina.



II.

O ingaseiro do Tingidor.

— Deixai-me ao menos ouvir ainda outra vez d'esses labios, que sois minha, minha só, minha para sempre; deixai-me aspirar á felicidade depois de tanto padecer; deixai-me...

— Escutai... escutai de novo... Não foi illusão!... O perigo está sobranceiro... Que será de nós se vos encontrão aqui!

A. HERCULANO.—*Monge de Cister.*

O segundo dia, depois d'aquelle em que tivera lugar a festa do templo *reedificado*, estava finalmente correndo; era de tarde.

Longos tinham sido esses dous dias, longos como dous seculos, para Leonel, que esperava o praso dado para encontrar-se com Branca e Iveta no *ingaseiro do Tingidor*.

Emfim, a hora se approximava: o sol ainda dardejava raios ardentes sobre a terra, quando o *engeitado da Aldêa*, tomando a sua espin-

garda de caça, sahio a pé, e dirigio-se para o sitio da mãe Cyriaca.

Leonel caminhava exclusivamente occupado do fim a que se dirigia; aves formosas voavão por cima de sua cabeça, ou pousavão nas arvores que se levantavão á beira da estrada; perto gemião as juritis, perto cantavão os inambús e as capoeiras, que vagavão aos bandos; e a espingarda descansava sobre o hombro do mancebo, que não se arrancava de seus pensamentos nem ao canto estridente da araponga.

Uma idéa sobretudo o preoccupava.

— Conseguirão ellas vir encontrar-me?! perguntava a si mesmo.

E ferido por essa incerteza, sentia-se revoltar contra Raphael.

Quando se achou nas visinhanças do sitio da mãe Cyriaca, em vez de seguir a estrada, Leonel observou se alguém o seguia, e vendo que a estrada estava solitaria, e que não tinha que receiar olhar algum curioso, metteu-se pelo mato a dentro, e foi andando com essa admiravel rapidez e facilidade com que um sertanejo atravessa uma floresta.

No fim de um quarto de hora Leonel surgiu do outro lado do pequeno bosque, e exactamente defronte do querido *ingaseiro*, do qual ape-

nas o separava o *Tingidor*, que elle passou de um salto.

Mas ainda era cedo : a impaciencia e o ardor do amante havião feito com que elle corresse ao sitio aprazado uma hora pelo menos antes d'aquella em que as duas moças poderião chegar.

Leonel supportou a custo a demora de suas bellas irmãs ; maldisse de Raphael, e já desesperado começava a receiar que Branca não tivesse podido alcançar licença para vir á casa da mãe Cyriaca, quando finalmente as duas moças apparecêrão, dirigindo-se apressadas para o *ingaseiro*.

Leonel precipitou-se ao encontro de Branca ; lançou-se de joelhos diante d'ella, e só se levantou para abraçar Iveta.

— *Irmão velho!* exclamarão as duas.

— Branca ! Iveta ! oh ! ha que tempo, ha que seculos que não nos achamos juntos !... Que dias de ~~amargura~~ de saudade ! sim... mas hoje havemos de nos ~~vingar~~ de tantos mezes de pesada e abominavel tristeza, consagrando esta venturosa tarde ao mais ardente prazer !

— Leonel de Leonel ! pois tu sentes prazer ?...
— E como não sentir-o, se vos tenho junto de mim, minhas irmãs ?... Ah ! mas ambas vós sois bem más, visto que me fizestes esperar tanto tempo.

— Então ainda não sabes, Leonel?

— O que?

— Mudámos de residencia.

— Como?

— Meu tio, de volta da freguezia, mostrou-se triste e pensativo toda a manhã de ante-hontem, e de tarde repentinamente determinou a nossa mudança para a sua fazenda, onde dormimos logo aquella mesma noite.

— É notavel! Desconfiaria elle de alguma cousa?...

— Não sei ; talvez.

— E tua tia, Branca?

— Minha pobre tia, nunca reprova nem approva nada.

— Embora! é apenas mais meia legua de caminho.

— Oh! mas custou-nos muito a obter licença para vir ao sitio da mãe Cyriaca: foi necessario que minha tia interviesse a nosso favor, e se compromettesse a vir buscar-nos ao entrar do sol.

— E elle consentio que viesseis sós?

— Não; acompanhou o nosso carro até á cancella do sitio, e foi logo depois para a casa do pai de Jorge.

— Pois que converse largamente com o seu

amigo usurario; façamos o mesmo nós, com a differença que elles planejam desgraças e devem por isso estar carrancudos e sombrios; e nós somos bons, nós amamos, nós queremos a vida com a virtude e o amor, e por isso devemos mostrar-nos contentes, e...

— Leonel! é impossivel!

— Branca! Branca! eu me sinto n'este momento louco de amor e de alegria!

— Oh! e esqueces, irmão?...

— Não me chames mais nunca irmão, Branca!

— Pois bem, Leonel, tu esqueces...

— O que?...

— O abominavel projecto que póde fazer a desgraça de todos nós?

— Sim, disse Leonel estremecendo de repente; o projecto do teu casamento com Jorge; foi para fallarmos d'elle que eu me empenhei por alcançar esta entrevista.

— Estás vendo, Leonel, que nós não hesitámos um momento em vir. Oh! a noticia que déste a Iveta cahio como um raio sobre nossas cabeças; nós ignoravamos tudo.

— Eu o pensava, Branca.

— Querem matar-nos, Leonel; matar-nos, sim, porque é matar-nos acabar com aquella doce vida, que se vive pelo coração! Leonel, Leonel, tu te

lembras de que eu fui sempre acanhada e fraca; mas agora eu fallo e grito, porque intentão matar-me, e eu não quero morrer!

E a triste moça cahio nos braços de Leonel desfazendo-se em pranto...

— Branca! não chores assim, que me despedaças o coração: reanima-te; confia em mim; eu não consentirei que sejas desgraçada.

E todo occupado de sua formosa amada, o mancebo não via a pobre *mameluca* que, silenciosa e abatida, conservava-se em pé, encostada ao tronco do *ingaseiro*.

— Oh! disse Branca; mas como é que has de salvar-nos, Leonel?... dize, dize.

— Digo que te hei de salvar, e basta.

— *Que te hei de salvar!*... murmurou Iveta: e portanto ninguem se occupa de mim! nem elle!

— Iveta!... exclamou Leonel, Iveta!... minha irmã!...

— Nem Iveta, nem irmã; respondeu a moça com voz lugubre: chama-me *mameluca*; n'este nome se encerra o meu destino.

— Que dizes?...

— *Mameluca*, sim! *mameluca*, filha de cabocla... fructo vil de arvore desprezada... chama-me *mameluca*...

— Irmã, tu estás louca: *mameluca*, tu és tão

pura, e portanto tão nobre, como Branca: quem ousaria insultar-te, Iveta? dize, quem?... tu tens um irmão sobre a terra, tens um homem que bebeu o leite dos peitos de tua mãe, e que ha de defender-te, se fôres atacada; e vingar-te, se fores ultrajada.

— Sou *mameluca*: repetio com voz rouca a afflicta moça.

— E eu o que sou?... tu ao menos sabes o que és: e eu?... um misero engeitado, um homem, que foi repellido por sua mãe, e desprezado por seu pai: o que sou eu?... quem m'o dirá, se eu mesmo não o posso dizer?... mas tu vês que nem por isso Branca me despreza.

— Leonel!...

— Iveta, a nossa causa está ligada; triumpharemos todos.

— E Jorge?... e Jorge?...

— Jorge é um homem de bem, e te ama apaixonadamente: não é livre, porém, como eu; tem um paç a quem tributa respeito cêgo e obediencia de escravo; o seu unico defeito é um excesso de virtude.

— E sacrificar-me-ha a seu barbaro pai!

— Não; porque adiante do pai de Jorge, como adiante do tio de Branca, levantar-me-hei, e salvarei a todos.

— Mas como?... de que modo?...

— Deos me ha de inspirar.

— Leonel, tu confias de mais em ti mesmo.

— No nosso caso confio tambem em ti, Branca.

— E tens razão, Leonel : disse Iveta.

— Tratemos do que mais importa, continuou o o mancebo : eu preciso estar em dia com tudo quanto occorrer : Jorge não me deixará ignorar cousa alguma ; e tu, Branca, debes igualmente prevenir-me do que se passar comigo.

— Ah... e porque meio?...

Leonel olhou para Iveta.

— Minha mãe ajudar-nos-ha, disse a *mameluca*; é necessario confiar-lhe o segredo de nossos amores.

— Era isso mesmo o que eu esperava que disseses, minha irmã ; a mãe Cyriaca contar-me-ha tudo quanto alguma de vós lhe disser.

— Sim... sim... e que mais?

— Sou eu agora que pergunto, Branca : o que ha?... teu tio já te deu parte de suas intenções?

— Não, Leonel.

— E que resposta lhe preparas?...

— A unica que devo e posso dar ; uma só palavra : — não.

— E se elle te ordenar?

— Repetirei : — não.

— Mas se ainda assim fores arrastada aos pés de um altar?

— Direi lá mesmo *não* á face de Deos.

— Oh Branca! Branca! e se houver um padre tão infame, que finja ouvir um *sim*, quando bradares—*não*?...

— É impossivel!

— Se todavia fosse possivel?...

— Leonel, diante de Deos, eu não estaria casada!

— E na opinião dos homens?...

— Oh! tu me fazes enlouquecer!

— Branca, é indispensavel que estejas preparada para tudo; póde se dar alguma circumstancia em que tenhas necessidade do meu braço, do meu auxilio, lá mesmo dentro de tua propria casa; e póde tambem acontecer que não te seja possivel prevenir-me d'isso.

— Oh! e então?...

— Branca, tu me bordaste uma banda: cil-a aqui; sua côr é viva e brilhante... o encarnado vê-se de longe.

— Mas... eu não entendo...

— O teu quarto na fazenda de Raphael tem janella que abra para o campo?

— Sim, tem.

— Qual é ella?

— Do lado esquerdo está a capella ; é a terceira do lado direito.

— Bem ; quando precisares de mim, pendura essa banda na tua janella, e eu juro que me has de ver ao pé de ti.

— Leonel, e por onde entrarás?

— Pela porta, sem duvida, pois que não ha outro meio, ou... quem sabe?... por uma janella... pelo telhado... ou por onde fôr : o certo é que hei de entrar.

— Ah ! fazes-me tremer !

— Branca ! exclamou Iveta ; lembra-me um recurso feliz...

— E qual ?

— Ante-hontem, quando chegámos, veio o capellão e apresentou ao Sr. Raphael uma chave da porta exterior da capella, e vi então que essa porta tinha duas chaves, uma que o padre conserva consigo, como responsavel pela capella, e a outra, que veio dar ao Sr. Raphael, o qual, considerando-a talvez inutil, foi guardal-a no pequeno oratorio do quarto de tua tia.

— Excellente ! disse Leonel ; eu tenho precisão d'essa chave.

— Mas eu não devo...

— Branca, nenhum de nós póde prever o que tem de acontecer.

— Sim... todavia...

— Desconfias de mim, Branca?

— Oh! nunca!

— Pois então, Iveta fará chegar ás minhas mãos essa chave.

— Fal-o-hei, *irmão-velho*.

— E agora, eu desafio a Raphael, a Claudio Góes, e a todos os nossos inimigos!

— Leonel!

— Não os temo: creio em Deos, que defende e ampara os justos...

— Isso sim...

— Oh! sim! disse Iveta: ponhamos nossas esperanças em Deos!

— E juremos de novo por elle, Branca, amarmos sempre até à morte...

— Juremos, Leonel!

E os dous jovens estendião suas mãos para fazer esse juramento sagrado, quando uma voz lhes bradou:

— Suspendei-vos!

Leonel, Branca e Iveta olhárão para traz, e virão a mãe Cyriaca junto d'elles.

— Abençoado seja o vosso amor, meus filhos! disse a velha; mas não jureis n'esse lugar, porque serieis desgraçados!

— Mãe Cyriaca!

— Eu agradeço ao céu ter permittido que chegasse a tempo... Meus filhos, antes que vós mesmos o soubesseis, sabia eu já que vos amaveis, e dava graças a Deos por isso.

Leonel e Branca abraçárão-se com a velha cabocla.

— Ainda bem que não jurastes aqui!

— Oh mãe Cyriaca! disse Leonel; mas nós tantas vezes confessamos um ao outro o nosso amor á sombra d'este *ingaseiro*...

— Fatalidade! exclamou Cyriaca; mas ainda bem que não jurastes.

— E porque?...

— Soffrereis muito... mas talvez que ainda vençais a desgraça... não sei... mas se tivesses completado o juramento... infelizes de vós, meus filhos! a morte de um, ou o infortunio de ambos seria inevitavel!

— Explicai-vos, mãe Cyriaca; disse Branca a tremer.

— Nunca ouvistes contar a historia da *araponga do Tingidor*?

— Nunca, mãe Cyriaca.

— Nunca vistes a *araponga*, que costuma pou-sar n'este *ingaseiro*?...

— Nunca.

— Pois ouve a sua historia, minha filha, e rende

graças ao céo por não teres jurado amor á sombra d'esta arvore maldita.

Leonel e as duas moças prestarão curiosa atterção á velha, que começou a fallar.

A ARAPONGA DO TINGIDOR.

Ha já bem annos, dizem os brancos ; tem passado tantas luas, quantas são as folhas da arocira, dirião os meus irmãos das florestas. depois que succedou o lamentavel caso, que eu vou contar, meus filhos.

Esta historia teria sido esquecida, como o forão todos os grandes feitos da minha raça, se a gente que veio do mar, e que sabe conservar a lembrança de todas as historias ensopadas de lagrimas e manchadas do sangue, não nos conservasse a memoria d'ella.

E comtudo já foi ha muito tempo !

Depois que os francezes forão expulsos da formosa Nietheroy, e que os portuguezes vencedores lançarão os fundamentos da nova cidade, e dominarão exclusivamente, a despeito da opposição e das guerras que lhes fizerão os bravos tamoyos, veio no fim de alguns annos governar a colonia um homem de fogo e de sangue.

Esse homem chamava-se Antonio Salema, e

o seu governo marcou a época do extermínio e da proscricção dos tamoyos ; centenaes de *tabas* foram queimadas, milhares e milhares de victimas foram sacrificadas, e os ultimos selvagens, que restavão da valorosa e heroica tribu, fugirão atravez de montanhas, de precipicios, de abysmos e de torrentes impetuosas, até que tiverão de parar lá muito longe... muito longe, diante de um rio, que é tão grande, que se confunde com o mar.

Aquelles que não fugirão, foram reduzidos á escravidão, que é mil vezes peor que a morte.

Quando mais fortemonte travada se achava essa guerra de destruição e de desespero entre os portuguezes e tamoyos, aconteceu a historia que vou referir.

Em uma das expedições dirigidas pelos portuguezes ao interior do paiz, com o fim de exterminar os tamoyos, Lopo, jovem branco, filho de um rico e nobre senhor estabelecido na nascente cidade de S. Sebastião, vio uma moça tamoya, que passeava nos bosques vizinhos da sua *taba*.
— Meus filhos, não são somente formosas as mulheres alvas, e de olhos languidos, criadas á sombra dos palácios, e a favor de mil cuidados de seus ricos pais.

Não são somente formosas vós outras, de beiços mulheres, a quem um raio do sol abate, como as

flôres, que brillão de madrugada para murchar ao meio dia.

Ali, no seio de nossos bosques, havião mulheres morenas, de olhos negros e scintillantes, que como se fossem filhas do sol, animavão-se com^o seu calor vivificante, e rivalisavão com as mais orgulhosas flôres do bosque.

A moça que Lopo vio era uma d'essas: sua arrebatadora formosura fazia o encanto e a admiração de todos os seus irmãos da mesma raça, que lhe havião dado por isso o nome do mais delicado e do mais encantador de todos os passarinhos.

Chamava-se Guaynumby (1).

Já era moça dos mais bellos annos, e ainda não tinha amado, quando se encontrou com Lopo no bosque.

Os portuguezes quizerão prendel-a, e Lopo a defendeu.

Guaynumby fugio; avisou seus irmãos do projectado ataque de seus inimigos; salvou-os: mas escapando-se com elles levou no coração a imagem do mancebo, que a salvára da escravidão ou da morte.

Tambem Lopo não pôde mais esquecer a formosa tamoya: amavão-se ambos com esse amor,

(1) Guaynumby era o nome dado ao beija-flôr pelo gentio do Brasil.

que começa de repente, e que é de ordinario o amor, que nunca se acaba.

A guerra continuava. Affrontando mil perigos, Lopo, que tomava parte em todas as expedições de proposito para ver se descobria a mulher, que o encantára, conseguiu enfim encontrar-se de novo com ella, e bem depressa conheceu que era tambem amado.

Quiz arrancar Guaynumby dos bosques, e ella resistio: a joven tamoya preferia partilhar a sorte de seus irmãos, e sobretudo tinha um pai, a quem amava mais que a vida, e não podia sujeitar-se á condição de abandonal-o.

Mas... uma noite a aldêa em que vivia Guaynumby é cercada e atacada pelos portuguezes: o ferro e o fogo lanção por terra os homens e as choças... tudo é destruição e morte... todos vão succumbir: a mão possante de um soldado grosseiro e barbaro arrasta Guaynumby pelos cabellos; uma espada assassina já se levantava sobre sua cabeça; quando um defensor inesperado atira para longe o carrasco, e salva a misera victima.

Era Lopo.

Ao romper da aurora amanhecêrão os vencedores assentados entre cadaveres e ruinas.

A obra estava completa: retirárão-se levando captivos os tamoyos que tinham sobrevivido.

Os captivos erão arrastados pelos vencedores, menos Guaynumby, que caminhava chorando apoiada sobre o hombro de Lopo.

Ao atravessar de um bosque ouviu-se um grito, que mais pareceu um rugido de fêra, do que voz humana.

Guaynumby estremeceu da cabeça até os pés, e exhalou um gemido pungente.

— Que foi?... perguntou Lopo.

Guaynumby chegou seus labios ao ouvido do amante, para que ninguem mais a ouvisse, e murmurou baixinho:

— É meu pai que inda vive: elle fallou.

— E que disse?

— Uma palavra, que é o futuro manchado de sangue: disse — vingança!

E ella fez um esforço para arrancar-se dos braços de Lopo.

— Que intentas fazer?... perguntou elle.

— Deixa-me fugir, Lopo!

— Ainda!

— Oh! agora não é por mim, é por ti, que me levas.

— Como?

— Aquelle grito de meu pai ha de ser fatal a ti, que me levas!

— Embora! exclamou Lopo abraçando com mais força ainda a joven lamoya.

Guaynumby não resistio mais.

Lopo era um homem de coração e de honra: chegando á cidade, fez baptisar a formosa lamoya, e, a despeito da opposição, dos protestos e das violencias de seu pai, desposou-a á face da igreja, embora em segredo; mas o segredo foi em breve descoberto, e o velho portuguez, rico e nobre como era, envergonhado da filha que lhe dava Lopo, desafiou contra este a colera dos homens e do céo; porque appellou para a justiça d'estes, e lançou sobre seu filho a maldição, conjurando o céo contra elle.

Mas a justiça dos homens nada pôde; pois que, os dous amantes conseguirão escapar-lhe, e no céo confiavão elles tambem, porque do céo é que vem o amor que elles sentião.

Quando fugião, Guaynumby disse chorando:

— Oh Lopo! Lopo! nós havemos de ser infelizes por força!

— Porque? perguntou elle.

— Porque meu pai bradou — vingança! — e teu pai bradou — maldição!

— Deos é por nós; anima-te.

— Não... não... Deos não pôde proteger dous

filhos que desrespeitarão e offendêrão seus pais!...
eu já sei isto; já sou christã

Lopo afogou em beijos e caricias as queixas e os receios de Guaynumby, e os dous amantes esposos continuárão a fugir.

Depois de terem andado longas horas costeando a praia, Lopo vio uma piroga, que pertencêra sem duvida a algum indio, e que estava deposta perto do mar.

— Fugamos para bem longe d'aquelles que nos repellem, disse elle.

E empurrando a piroga para as ondas, embarcou-se n'ella com Guaynumby, e navegou para o interior da bahia; passou por entre uma myriada de ilhas pequenas e encantadoras, archipelago gracioso, que tanto embelleza a bahia do Rio de Janeiro; depois entrou n'um rio, e continuou a navegar pela corrente acima.

No fim de muitas horas, desembarcárão os dous esposos na margem esquerda do rio, e internárão-se em uma vasta floresta: descansárão á sombra das arvores, matárão a fome comendo fructos silvestres, saciárão a sêde bebendo a agua das fontes do deserto, dormirão no seio do bosque, e despertando ao romper da aurora, ao canto das aves, caminharão ainda, até que por fim chegarão a uma valle ameno escondido

no seio da floresta, e banhado por um arroio delectoso.

N'esse valle virão os dous esposos um pequeno campo coberto de verde relva, e terminando-se na margem do arroio; e parando junto de um frondoso ingaseiro, que crescia á margem da tenue corrente, disse Lopo:

— Não achas, Guaynumby, que a nossa cabana n'este sitio retirado e formoso seria ao mesmo tempo para nós um asylo seguro, e para o nosso amor um templo e um palacio magestoso?...

— Sim, Lopo; não passemos adiante; fiquemos no lugar, que pareceu grato ao teu coração.

— E ao teu?...

— O meu?... o voto do meu coração é como o êcho dos desejos do teu: tu pensas, tu desejas por mim: eu não vivo senão por ti, Lopo.

Fixarão pois os dous amantes a sua residencia no lugar, a que tinham chegado, e que era este, em que estamos, meus filhos.

Levantarão uma cabana a alguns passos do *Tingidor*, e vivêrão do seu amor, longe do tumulto dos homens, e abrigados no regaço da solidão.

Serenos volvião-se os dias arrebatados nas azas do prazer.

Essa alegria immensa, ardente, inexprimivel,

que dá sómente a íntima união de dous entes que se adorão, não era perturbada nunca no coração de Lopo; porque seu unico senão ora o ciúme, e ali no deserto, tão longe do mundo e da sociedade dos homens, elle não podia ter ciúmes da formosa Guaynumby; e ella tambem apenas se entristecia ás vezes, quando se lembrava do grito de — vingança — de seu pai, e do brado de — maldição — do pai de Lopo.

E os dias forão correndo.

Lopo e Guaynumby, tinhão plantado á porta de sua cabana dous pés de mal-mequeres do prado: o que Lopo plantára, ficára sendo de Guaynumby, e esta déra a Lopo o arbusto que cultivára. As auras de amor velavão pelos dous arbustos, que se mostravão sempre coroados de flôres.

Todos os dias Lopo abraçava e beijava Guaynumby e partia para a pesca, ou para a caça; beijava-a e abraçava-a de novo na volta, e ao pôr do sol, sentados ambos á porta da cabana, Lopo tirava um mal-mequer do arbusto plantado por Guaynumby, Guaynumby tirava um mal-mequer do arbusto plantado por Lopo, e sorrindo-se ambos ensaiavão a experiencia de amor nas petalas das suas flôres.

Arrancavão as petalas das flôres uma por uma, e á princira petala que cahia repetião *amo-te!* á

segunda, *muito!* a terceira, *pouco!* e a quarta, enfim, *nada!* tornavão a começar da primeira palavra, até que chegando á ultima petala dizião um para o outro a palavra final, que era o resultado da experiencia, ou a sentença dada pela flôr.

E por feliz acaso sempre, todos os dias, ao cahir a ultima petala dos mal-mequeres, Lopo olhava para Guaynumby, e dizia :

— Muito! amas-me muito!

E Guaynumby tambem sorrindo-se respondia a Lopo :

— E tu igualmente, Lopo, amas-me muito! muito!

E abraçavão-se e beijavão-se outra vez.

Um dia ao romper da aurora o céu estava coberto de nuvens negras, e ameaçava tempestade.

Lopo estava prompto para sahir.

— Não saias hoje de casa, meu amado; disse-lhe Guaynumby: o céu nos avisa que a borrasca se approxima; fica comigo.

— Tens medo?...

— Tremo por ti.

— Não, socega: voltarei em breve; mas é preciso que eu vá buscar ao rio, ou aos bosques, o sustento de que precisamos.

E abraçando, e beijando Guaynumby, Lopo sahio.

Se houve borrasca, não a ouviu Lopo; mas quando elle voltou, e correu a abraçar a esposa, estremeceu vendo-lhe os olhos vermelhos e traços de uma dôr mal disfarçada no semblante.

— Que tens tu, minha amada? tu soffreste...

— Não, Lopo.

— Choraste...

— Chorei... tive medo hoje pela primeira vez ao ver-me só...

— E que mais?...

— Nada mais.

— Tu me enganas, Guaynumby; pela vez primeira tu não me dizes a verdade.

A moça curvou a cabeça, e não respondeu.

Porque teria ella chorado?...

Lopo, triste e confuso, sahio da cabana para ir sentar-se á sombra do *ingaseiro*; caminhando porém de cabeça baixa, como quem ia meditando, observou com espanto pegadas humanas na areã, e examinando-as com cuidado, reconheceu que os pés, que havião deixado aquelles vestigios, erão maiores que os seus... e portanto, muito provavelmente um homem tinha em sua ausencia vindo á cabana e fallado a Guaynumby, que chorára.

Que homem seria esse?... Lopo trêmeu; o seu unico *senão* era o ciume: elle desconfiou de sua esposa, e tornando a entrar na cabana conservou-se silencioso e carrancudo até á hora da experiencia das flôres.

Ao pôr do sol sentou-se, como de costume, á porta da cabana, e ao lado de Guaynumby; tirá-rão ambos os seus mal-mequeres, e começãrão a arrancar-lhes as petalas.

Quando a ultima petala cahio, Guaynumby voltou o rosto e disse com voz doce:

— Muito, Lopo! amas-me sempre muito!

E Lopo respondeu com voz dolorosa, e com olhar sombrio:

— Nada! nada! nada!...

— Tambem as flôres mentem, meu amado!

— Quem sabe!...

— Duvidarias tu de mim?...

— Quem sabe!...

— Julgar-me-ias capaz de ser infiel ou ingrata?... de ter um só pensamento que não fosse teu?... de pensár em outro homem que não fosses tu, Lopo?...

— Quem sabe!... quem sabe!... repetio o esposo, que ardia em ciúmes.

— Lopo! Lopo! exclamou Guaynumby: eu já não sou a selvagem, que arrancaste do deserto;

a luz do céu me salvou das trevas : a voz da religião me ensinou a virtude ; e eu conheço hoje, graças a ti, todos os deveres de uma mulher casada ; selvagem porém fosse eu ainda, e o meu procedimento seria o mesmo ; porque até agora, Lopo, a força e a constancia do amor, que consagra a meu marido, tem tornado desnecessarios para mim todos os conselhos da virtude.

Lopo não respondeu.

— Lopo, Lopo, meu querido, continuou a esposa ; olha, não duvides jámais da fé que te jurei, e do amor que te tributo ! escuta, e acredita no que te digo : esta cabana, em que temos gozado tantos dias de indizível felicidade, não nos pôde convir mais ; fujamos d'este sitio... eu tenho presentimento de que, demorando-nos aqui, acabaremos por ser muito desgraçados : abandonemos esta cabana, Lopo ; não durmamos mais n'ella nem esta noite ; fujamos.

Lopo olhou para Guaynumby com olhos flamejantes de colera.

— Oh ! fujamos ! proseguio ella ; fujamos, esposo amado, creê no que te digo.

— Não ! bradou Lopo erguendo-se.

— Sim ! sim, por ti e por mim, e em nome de Deos, fujamos !

— Guaynumby, disse Lopo com voz surda,

um homem entrou hoje em minha ausencia n'esta cabana.

A pobre moça soltou um grito de dôr, e tornou a exclamar :

— Fugamos!...

— Que homem foi esse que esteve hoje contigo, Guaynumby?... perguntou o esposo.

— Lopo, Lopo, não desconfies de mim!...

— Tu hesitas?...

— Não ; mas estremeço, lembrando-me da desgraça que está a cahir como um raio sobre nossas cabeças.

— Mas esse homem...

— Quer matar-te, Lopo!

— Então é verdade que veio aqui um homem em minha ausencia?... que esteve ao pé de ti?... que te fallou?...

— É verdade.

Lopo atirou-se sobre a infeliz, agarrando-lhe no braço com ambas as mãos, e perguntou tremendo de raiva :

— Quem é esse homem?... dize.

— Lopo!

— Já! dize : quem é esse homem?...

— É meu pai! respondeu Guaynumby chorando desesperadamente.

; Lopo deixou cahir o formoso braço da tamoya,

que tivera apertado entre suas mãos; reflectio alguns momentos, e depois disse :

— É falso.

— Oh !... desgraçadamente é bem verdade : eu queria occultar-te isso, e obrigar-te a fugir comigo para tão longe, que não fosse mais possível á vingança o apanhar-nos ; tu me fizeste, me obrigaste a fallar : pois bem, um homem veio hoje á nossa cabana, e esse homem é meu pai que quer vingar-se de ti.

Lopo sacudio a cabeça.

— É preciso fugir, meu querido Lopo ; fujamos !

— Não ; agora, mais que nunca, devo ficar ; é necessario que eu veja teu pai, e que me convença de que foi elle realmente que esteve aqui.

— Esposo ! pelo amor que me tens, fujamos !

— Guaynumby ! queres que eu me convença de todo, que tu temes que eu venha a conhecer a verdade, e descobrir perto d'aqui um homem que não seja teu pai?... oh ! é indispensavel que eu conheça o atrevido que ousou approximar-se de ti : hei de encontral-o, ou morrerei de desespero, porque, enfim, a duvida e o ciume estão me dilacerando o coração.

Guaynumby curvou a cabeça, entrou para o in-

terior da cabana, ajoelhou-se, e começou a rezar e a chorar.

A noite se adiantava entretanto.

Lopo fechou a porta da cabana e deitou-se: reinava profundo silencio interrompido sómente pelos soluços de Guaynumby, e pelo respirar anciado de Lopo.

Finalmente a fadiga venceu a colera e a dôr: á meia noite Lopo e Guaynumby adormecêrão sem querer.

Sonhavão ambos talvez com a desgraça, ou com a felicidade, quando despertárão ao mesmo tempo suffocados pelo fumo, e abrazados de calor.

Abrindo os olhos, vírão que a cabana ardia de todos os lados.

Lopo achou-se de um salto junto da porta, e Guaynumby abraçou-se com elle.

— Meu Deos! exclamou ella; soou a hora terrível da vingança.

A porta cahio por terra a um impulso de Lopo, que saltou para fóra.

Ouvio-se um bramido de fera.

— Perdão! gritou Guaynumby na lingua de seus irmãos.

Cahio por terra.

A esposa dedicada collocára-se de repente dian-

te de Lopo, e uma setta, disparada contra elle, varou-lhe o coração.

Dous homens arrojão-se immediatamente um contra o outro, e Lopo reconheceu o pai de Guaynumby no inimigo quo atacava.

Lopo tinha na mão um punhal, de que se armára ao sahir da cabana, e o velho tamoyo a terrível *massa*, com que os indigenas combatem corpo a corpo.

O fogo da cabana incendiada allumiava os dous ferozes inimigos.

O tamoyo descarregou um golpe tremendo sobre a cabeça de Lopo; mas este, podendo desviar-se, enterrou o punhal todo inteiro no peito do velho indio.

O tamoyo sentio que ia morrer; deixou cahir a *tacape*, e estendendo os braços, agarrou com ambas as mãos no pescoço de Lopo e cravou-lhe as unhas na carne.

Um momento depois tombárão os dous combatentes, agarrados sempre um com o outro.

No dia seguinte achava-se no lugar da cabana um monte de cinzas, e a alguns passos os cadaveres de Guaynumby, de Lopo o do velho tamoyo!

Desde essa noite de sangue, meus filhos, ficou este lugar *encantado*, segundo dizem todos.

A alma de Guaynumby transformou-se em uma *araponga*, que nunca deixa este sitio, e que vem pousar todos os dias no *ingaseiro do Tingidor*.

Fatal a todos os amantes, este prado pittoresco e bello tornou-se verdadeiramente perigoso, e, segundo affirmão, quando um homem e uma mulher que se amão jurão amor á sombra d'este *ingaseiro*, apparece de subito a *araponga* para avisal-os do perigo quo correm, ou então rebenta do centro da terra a voz terrivel de Lopo, que grita aos amantes imprudentes: — fugi!

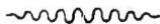
— Fugi!... bradou uma voz rouca e pavorosa.

A mãi Cyriaca, Branca e Iveta, soltárão um grito de espanto, e deitárão a correr assustadas.

Leonel ia já atirar-se em seguimento d'ellas, quando uma mão vigorosa o susteve pelo braço, e lhe disse:

— Tu ficarás.

O mancebo voltou-se rapidamente, e vio ao pé de si a figura mysteriosa do *Forasteiro*.



III.

Uma visita fóra de horas.

« São cheios de mysterio este homem e esta noite.
« Antes que tarde seja, previnamos o perigo.

LAMARTINE. — *A queda de um anjo.*

O grito pavoroso, que tinha feito com que tão inopinadamente Branca, Iveta e a mãe Cyriaca deixassem Leonel junto da arvore maldita, que em sua ignorancia dos acontecimentos do passado as duas moças haviam até então amado tanto, e escolhido de predilecção para acolher-se á sua sombra; esse terrivel grito, que parecêra ter rebentado do centro da terra, teve de ser bem depressa considerado por ellas como um aviso do céu!

Apenas entradas no campo do sitio, encon-

trarão Raphael, que as vinha buscar; se se tivessem, pois, demorado mais alguns minutos, o segredo do amor de Branca e Leonel teria sido descoberto.

As duas moças olhárão-se tremendo: a mãe Cyriaca forçou seus labios a fingir um sorriso para complimentar a Raphael, que, frio e calmo, pareceu não ter concebido desconfiança alguma.

— Alda nos espera, disse elle; vamos.

Meia hora depois um carro puxado a bois e seguido de um cavalleiro, que não era outro senão Raphael, conduzia para a fazenda d'este Alda, Branca e Iveta.

A mãe Cyriaca, que se deixára ficar em pé no terreiro de sua casa até ver desaparecer o carro, que levava suas filhas, disse com voz triste, e ar pensativo:

— A frieza e a serenidade d'aquelle homem não me enganão: elle sabe já muito mais do que devia saber; é preciso que amanhã eu diga duas palavras a minhas filhas: se Deos quizer, hei de ir vel-as ao romper do dia.

E recolheu-se para casa.

Já mal se ouvia o rincar do carro, quando surgiu do bosque para a estrada o destemido amante de Branca, que, com apressado passo, e dirigio para a fazenda de sua madrinha.

E logo após o engeitado da Aldêa, arrastando-se por baixo de uma moita, como uma serpente, que se roja pelo chão, appareceu o corpo de um homem, que sahio do bosque fronteiro, e que depois de olhar espantado para uma e outra parte, socegou pouco a pouco do medo que visivelmente se lhe podêra ler no rosto, e disse, soltando uma risada medonha, que deixou ver seus dentes amarellados :

— Ah!... era elle!... pois antes elle do que outro.

E sem cuidar em sacudir o pó e as folhas seccas, que a seus vestidos se tinhão apegado, seguiu tambem com pressa o caminho opposto áquelle que tomára Leonel.

Esse homem, que estava escondido e de espreita no bosque, e que depois de reconhecer Leonel se ia retirando, era Claudio Góes — o *Onça*.

Cabia-lhe, assentava-lhe perfeitamente o alcinha, com que o marcava a antipathia ou o justo odio do povo.

Claudio Góes deveria ter cerca de cincoenta annos de idade ; era um homem de mediana estatura, de peitos largos e corpo cheio ; seu pescoço era tão curto, que a cabeça parecia collocada immediatamente sobre as clavículas : tinha

os braços desmedidamente longos em relação ás pernas, e estas ainda mais curtas parecião, quando se attendia á enormidade de seus pés.

Mas o que sobretudo se mostrava repulsivo n'este homem era sua cabeça, e erão suas mãos.

Cabellos longos, grossos, desalinhados, e já enbranquecendo, cahindo sobre os hombros, e cobrindo uma frente estreita e turva, emmaraanhados e feios, asperos e sordidos: olhos fundos e covados por bastas e torcidas sobranceiras, olhos de uma côr verde-clara, brilhantes, incisivos, ferozes como os do tigre; nariz chato e com grandes narinas, que ás vezes se dilatavão, respirando crueza ou torpe luxuria; labios grossos, bocca rasgada e enorme; dentes longos e amarellados, maxilla larga e chata: rosto quasi redondo e côr macillenta: eis a cabeça de Claudio Góes! e como se mais alguma cousa fosse preciso para completar a eloquencia sinistra d'esse semblante feroz, pendião de seus compridos braços, mãos grossas, calejadas, desmarcadas e cabelludas, cujos dedos, igualmente grandes, erão coroados por enormes, immundas e retorcidas unhas. Se o rosto fazia lembrar o tigre; as mãos e as unhas trazião á memoria as aves de rapina!

Se havia difficuldade em retratar o homem;

nada é mais facil do que descrever seus vestidos, pois que elle se veste sempre do mesmo modo.

Um tosco o grosso chapéo de palha trançado pelos caboclos lhe cobre a cabeça; uma camisa de panno ordinario sempre trigueira e amarro-tada, debruça seus collarinhos por sobre a golla de una já bem antiga vestia de baeta preta, que desce abotoada até a altura dos quadriz: uma calça larga de velbute riscado e sapatos sem fivella e sem lustro, mas em compensação com solas dobradas e ferrados, resumem o trajar constante e infallivel de Claudio Góes.

Este homem habitava o Brasil ha quarenta annos: aos dez tinha vindo de Portugal empurrado pela miseria de sua familia. Saltára quasi nú, e com os pés descalços, na terra da Santa Cruz, sonhando com a — arvore das patacas.

Seu sonho tornou-se em breve na mais bella e completa realidade!

Com o trabalho, que honra ao homem, faria uma fortuna mediocre em pouco tempo: mas elle preferio amontoar em breves annos uma grande riqueza, deshonrando o trabalho com a avareza.

Enriqueceu votando seu corpo á miseria e sua alma ao demonio.

Enriqueceu impondo-se mil vezes o martyrio da fome, vestindo trapos, ao mesmo tempo que guardava barras de ouro, e sacrificando os seus semelhantes ao vicio da avareza, que o dominava.

Emprestou dinheiro a juros de suor e de sangue !

Mentio, quando a mentira podia ser lucro.

Ajoelhou-se diante dos que erão mais ricos que elle, e insultou mil vezes o indigente que lhe veio pedir uma esmola.

Quando um homem se chegava a elle, elle propunha uma transacção, ou se tornava seu devedor, o avarento tomava entre suas mãos o misero, e não o deixava mais, até arrancar-lhe, se podia, a derradeira camisa com que se furtava á nudez : era como a aguia, que recebe em sua gaiola a ave que lhe atirão, e cujas pennas arranca pouco a pouco, e da qual finalmente dovora as entranhas !

Claudio Góes casou, não com uma mulher, mas com o dote d'essa mulher, que foi a mãe de Jorge, e que tendo sido um anjo antes de casar, acabou sendo martyr depois de casada.

Insensivel, desconfiado, violento, despotico, miseravel no meio de immensa riqueza, insaciavel, e portanto desgraçado, aborrecido pelos pobres,

desprezado pelos ricos, ingrato para todos, por ninguém acreditado — tal era Claudio Góes, que nunca se lembrára de seus pais, deixados em pobreza na patria, que nunca amára a sua esposa, e nem mesmo talvez amava a seu filho.

Era a esse homem, que o povo tinha dado a alcunha de — *Onça* — : a alcunha, pois, assentava-lhe bem.

Por mais que seja desagradavel acompanhar essa figura hedionda, esse homem repulsivo e miseravel, tanto mais que seria possivel seguir de perto o carro, que conduz Branca e Iveta, tão moças, tão bellas, e tão candidas e nobres; força é que por agora nos imponhamos o sacrificio de ir passo a passo trilhando o mesmo caminho, que vai com uma celeridade, que não era de esperar dos seus cincoenta annos, o avarento Claudio Góes.

Como homem habituado a viajar a pé, Claudio Góes venceu em pouco tempo a distancia que o separava de sua casa: chegou e bateu: um escravo magro e andrajoso veio correndo e abriu a porta.

— Jorge?... perguntou o usurario.

— Está lá dentro.

— O meu cavallo; já!

O escravo precipitou-se para o campo, e d'ahi

a um quarto de hora o cavallo estava sellado junto da porta.

— Jorge! gritou Claudio Góes, que não tinha entrado em casa.

O mancebo acudio á voz de seu pai.

— Volto cedo, e não quero achar-te fóra de casa; disse Claudio Góes.

Jorge curvou a cabeça. O velho montou a cavallo, e, contra seu costume, tocou-o a galope.

Erão nove horas da noite; Claudio Góes nunca até esse dia tinha sabido a essa hora.

Jorge havia ficado pensativo á porta da casa: o escravo esperava de braços cruzados a curta distancia.

A cancella bateu; Claudio Góes já tinha vencido o campo.

— O meu cavallo; já! disse Jorge de repente.

O escravo olhou espantado para o mancebo, que pela primeira vez parecia querer desobedecer uma ordem de seu pai.

— O meu cavallo; já!

O escravo estremeceu; mas ia executar a determinação de seu senhor moço.

Jorge o comprehendeu, e suspendendo-o, disse:

— Espera: irei eu mesmo; não quero que pagues pela minha desobediencia.

Alguns minutos depois o cavallo de Jorge corria

a toda brida pela estrada que se dirigia á fazenda de Constança.

Claudio Góes tinha pelo contrario seguido o caminho da fazenda de Raphael.

Ás nove horas e meia da noite batião ao mesmo tempo: Claudio Góes á porta da casa de Raphael, e Jorge á janella do quarto de Leonel.

— Que é isso lá?... perguntou o *engeitado da Aldêa*, apparecendo.

— Leonel, meu pai acaba de montar a cavallo e de sahir apressado.

— E que tem isso?

— Elle nunca sahio a taes horas...

— E então ?...

— Hoje á tarde Raphael veio fallar-lhe, e agora sou capaz de jurar, que meu pai foi ter com elle; tenho presentimento de que vão tramar contra nós...

Leonel ainda estava vestido, e tendo tomado o chapéo, saltou da janella abaixo.

— Que vás fazer?... perguntou Jorge.

— O que fôr preciso: parto immediatamente.

E despedindo-se de Jorge, correu para a estribaria, onde o seu valente alazão alaranjado se achava recolhido.

Ao tropear do cavallo de Jorge que de novo

corria á desfilada, respondeu bem depressa, como se fôra um écho, o tropear de outro cavallo.

Ainda ninguem dormia na casa de Raphael, quando Claudio Góes bateu á porta.

As duas moças tinham-se recolhido como se estivessem fatigadas do passeio, e conversavão.

Iveta, sorrindo-se maliciosamente, acabava de mostrar á sua collaça a chave da capella, que tinha promettido fazer passar ás mãos de Leonel, e que já havia achado occasião de subtrahir.

— Ah! Iveta, eu receio bem, que nos venhamos a arrepender d'esta acção... tinha dito Branca.

Iveta havia córado, e ia sem duvida responder á sua collaça, quando ambas se suspendêrão, ouvindo bater á porta.

No campo não é uso fazerem-se visitas depois das nove horas da noite; e se o lavrador não espera alguem, a pancada que sôa á porta de sua casa, ou é o annuncio de um viajante, que vem pedir pousada, que nunca se lhe nega, ou é tambem, muitas vezes, uma noticia inesperada, que chega, e que nem sempre é agradavel áquelle que a recebe.

— Que será?... perguntou Branca.

— Sabes, minha irmã, que me estremeceu o coração?...

— Tens medo, Iveta?...

— Do futuro, Branca: desde que o *irmão-velho* me contou, que o Sr. Raphael e Claudio Góes assentárão de te casar com Jorge, tudo me assusta, e em tudo presinto a aproximação da minha desgraça...

— Mas que tem esse fatal projecto de casamento com a pessoa que acaba de bater á porta?...

— Não sei: lembrei-me d'isso, ouvindo bater... ouyes?... repara... o Sr. Raphael lá está trancando a porta do corredor... não ouviste a bulba da chave?...

— Sim... mas...

— Branca! disse Iveta erguendo-se tremula e sobresaltada: Branca! é de um segredo que se trata, e esse segredo é o teu casamento.

— Iveta! disse Branca levantando-se também.

A *mameluca* apertou a mão de sua collaça, e com o dedo apontou para fóra do quarto.

— Entendo-te, murmurou Branca; queres dizer, pobre irmã! que é preciso ver quem chegou, e saber de que se trata... vamos.

As duas moças sahirão de manso, e vencendo o corredor, que se dirigia á sala, forão até á

porta ver se podião descobrir quem tinha chegado.

Não lhes foi possível ver ninguém, olhando pelo buraco da fechadura; mas uma voz soou respondendo a Raphael, e ouvindo essa voz, Branca e Iveta apertarão as mãos com um impulso nervoso.

A voz era de Claudio Góes.

As moças collocarão-se á porta, entreabrirão a bocca, comprimirão a respiração, e não perderão mais uma só palavra do que se dizia na sala.

— Sr. Claudio Góes, dizia Raphael, vossa mercê se engana, sem duvida; minha sobrinha é uma criança, que ainda não pensou um só momento no que chama — paixão — O seu coração é livre e puro: é virgem como o seu corpo.

— E se eu lhe disser o nome do apaixonado, e lhe contar tin tin por tin tin uma historia, cujo fio apanhei de surpresa esta mesma tarde?...

— Duvido, que me convença.

— Pois escute com paciencia, e não se exaspere com o que vai ouvir.

— Póde fallar sem receio; estou seguro de que se engana.

Raphael affectava uma segurança e uma sere-

nidade, que não tinha no coração. Claudio Góes começou sem procurar adoçar a desagradavel confidencia, que ia fazer.

— Meu caro, comecemos do principio da cousa; vossa mercê me é devedor de uma somma avultada, que me devia pagar em oito mezes, contados do dia de hoje, e que por certo não o poderá fazer; ora, eu não gósto de apertar com os amigos; mas tambem não cavo ouro para deitar fóra o que ganhei com o suor de meu rosto.

— Mas a que vem...

— Espere; vá ouvindo. Vi que vossa mercê tinha uma sobrinha rica, e que o seu dote, ou os seus bens, devem importar seguramente no triplo da sua divida; pensei no caso, e disse-lhe: case sua sobrinha com meu filho, que convirei em esperar oito annos pelo que me devia pagar em oito mezes; bem entendido, satisfazendo regularmente ao premiosinho insignificante, a que se obrigou. Ora, casamento è negocio, e o negocio se arranjou entre nós.

— Bem: e que ha de novo agora?...

— Contei e calculei com os bens, e a riqueza da nora; disse duas palavras a meu filho, e descancei; mas...

— Mas?...

— As cavalladas e as dansas de mascarados pozerão-me de orelha em pé: vi que meu filho não quiz tirar argolinha alguma para não offercer a que tirasse á noiva, que lhe destino; e vi que um cavalleiro desconhecido fez o que meu filho deveria ter feito, e logo depois o mesmo cavalleiro, transformando-se em indio, deu pancas e zombou de todos nós.

— Ah! pois era isso?...

— Espere, vamos de vagar: primeiro fiz os meus entes de razão, e disse comigo mesmo: se meu filho não gosta de Branca, é porque gosta de outra; tratei de descobrir quem era a outra, e tive quem me aclarasse a duvida, dizendo-me logo tudo.

— E quem foi, que...

— Que me disse?... ora! forão os olhos de meu filho e os olhos da tal *outra*, que eu procurava.

Iveta sentio-se desfallecer.

O avaro prosequio.

— Faltava-me descobrir quem era o apaixonado da minha futura nora, e saber se era correspondido: tive logo minhas desconfianças, e hoje cheguei á certeza.

Branca abraçou-se com Iveta, para não cahir por terra.

— Então hoje... disse Raphael hesitando.

— Hoje tive a honra de receber a sua visita, e sabendo que as senhoras tinham ido passar a tarde no sitio da velha Cyriaca, logo que vossa mercê sahio, sahi eu tambem; partimos ambos para o mesmo ponto; mas com uma pequena differença.

— Qual?...

— É que vossa mercê foi pela estrada, e eu pelo mato.

-- E para que fim?...

— Para acabar de uma vez com as minhas duvidas: o tal passeio á casa da velha cabocla e a desconfiança que eu tinha, determinarão a minha viagem por dentro do mato. Espihei-me todo... mas agora sei o que queria saber.

— Sabe o que, Sr. Claudio Góes?

— Sei quem é o namorado da senhora sua sobrinha.

— Senhor!...

— Qual senhor! isto é vergonha para lá e vergonha para cá: e para consolal-o, vou primeiro pô-lo ao facto da minha vergonha. Quer saber quem é a menina dos olhos do meu tratante?... Quer saber quem é a nora que me preparava Jorge?...

Sentia-se a raiva ferver nas palavras, que sahião trêmulas da bocca do avaro.

— Quem é pois?... perguntou Raphael.

— É... é... é a *mameluca*.

— A *mameluca*?!!

— É verdade! a filha de uma vil cabocla, uma miseravel *mameluca*!...

Branca apertou Iveta contra o coração; Iveta deixou escapar de sua garganta a palavra *mameluca*, que soou surdamente como um écho sinistro.

— A *mameluca*! repetio ainda Raphael: Sr. Claudio Góes, seu filho podia ter-se lembrado d'ella para esposa?

— Basta de minhas vergonhas, disse Claudio Góes; vamos agora ás suas.

Raphael cravou os olhos no velho.

— Sabe, meu caro, quem foi o cavalleiro da *perpetua branca*?...

— Diga!

— Sabe quem foi o indio mascarado?...

— Acabe!...

— Sabe quem é o namorado de sua sobrinha?...

— Oh... enfim!

— Não se exaspere; olhe que é um seu amigo do peito, e pertence a uma casa de sua predilecção...

— O seu nome... o seu nome...

— É o *engeitado da Aldêa*... Leonel...

— Leonel! o engeitado da velha Constança!...

bradou Raphael saltando da cadeira, em que se achava sentado.

— Tal e qual.

— Oh!... antes o demonio!

— Pois hade contentar-se com elle.

— Não! nunca! respondeu com voz terrivel Raphael, deixando-se outra vez cahir sobre a cadeira.

Iveta arrastou para o seu quarto a pobre colação, que estava quasi desmaiada.

As duas moças ficarão, durante alguns momentos, silenciosas, pallidas e tremulas, em pé no meio do quarto.

— Oh! balbuciou finalmente Iveta: o meu coração não me enganou!... elle tinha, portanto, adivinhado!...

— Sim... sim... disse Branca; era mesmo a desgraça, que batia á porta, a desgraça, que chegava, a desgraça, que vai agora descarregar-nos o seu golpe terrivel...

E depois de reflectir um instante, continuou com voz surda.

— Comprehendes o que é, Iveta?... é o amor jurado á sombra do *ingaseiro do Tingidor*... lem-

bra-te a historia que nos contou hoje a mãe Cyriaca?... Oh! não é só a desgraça... é talvez tambem a morte...

— A morte?!!

— Sim... a minha morte ou a de Leonel; a mãe Cyriaca tem razão: aquelle lugar é fatal e maldito!

— Branca! Branca! não me falles assim; não desanimos: esperemos.

— Esperar... esperar o que?... não vês o abysmo aberto a nossos pés?... que faremos nós, pobres moças, sem protecção nem amparo?...

— Olha... disse Iveta hesitando; eu tenho uma idéa.

— Falla.

— É talvez um conselho imprudente...

— Embora, eu o seguirei: dize-o.

— O Sr. Raphael é um homem violento e despotico, que não sei se respeita a Deos do céo; mas que ao menos na terra, elle que parece desprezar a todos, curva-se mil vezes, ouvindo a voz magoada e triste de sua mulher.

— Sim, e então...

— Tua tia tem um coração de anjo... vamos fallar-lhe.

— Minha tia, Iveta?... olha: eu mal a conheço

ainda; creio, porém, que é uma mulher que vive menos n'este, do que no outro mundo: seu coração é talvez a urna que encerra e esconde uma dôr profunda, e tão grande e poderosa, que ella só vive para essa dôr! Minha tia não nos ouvirá.

— Tentemos, Branca.

— Queres, pois?...

— Que lhe confessemos tudo, e que procuremos alcançar a sua protecção. Se a alcançarmos, teremos feito muito.

— Oh Iveta! eu tenho o coração despedaçado, e nem sei...

— E eu, Branca?... já te esqueceste do que ouvimos ha pouco?... Branca! Branca! ninguém se espanta de que Leonel tenha pensado em casar contigo!... entendes?...

Havia indizível amargura nas palavras de Iveta.

— Vamos, minha irmã, disse Branca.

Sahirão ambas e dirigirão-se ao quarto de Alda: a porta estava apenas cerrada; batêrão, e não tiveram resposta.

— Entremos, disse Iveta: não perçamos tempo: as circumstancias em que nos achamos desculpão tudo.

Entrarão; mas ficarão logo suspensas diante

da figura dolorosa e meditativa da esposa de Raphael.

Pallida como os raios da lua, immovel como se fôra uma estatua de marmore, Alda estava sentada junto de um bufete, com a fronte pouxada sobre a mão, e o cotovello firmado sobre o bufete; seus formosos olhos azues fitos na parede, que alvejava diante d'ella, parecião embebidos e presos em algum objecto, que lhe arroubava os sentidos; seus cabellos cabião soltos sobre as espaduas nuas e bellas, e toda vestida de branco, muda, insensivel, indifferente, e com uma expressão de profundissima melancolia derramada no rosto, dir-se-ia a imagem da dôr resignada.

Alda não tinha ouvido bater á porta de seu quarto, e nem tão pouco vio entrar as duas moças.

Depois de um momento de hesitação, Branca e Iveta approximárão-se de Alda, e ajoelharão-se a seus pés.

Alda ainda não as via; seus olhos estavam pregados no mesmo ponto, e a sua immobilidade continuava: se não respirasse, dir-se-ia que, apanhada de subito pela morte, era apenas um cadaver sentado.

Foi preciso que a voz de Branca a arrancasse d'aquelle singular embevecimento.

— Minha tia ! disse Branca pondo-lhe as mãos nos joelhos.

Alda, sem que o mais leve estremecimento denunciasse surpresa ou perturbação, voltou vagarosamente os olhos para as duas moças, e perguntou quasi antes de vel-as :

— Quem é?...

— Somos nós, minha tia, nós, Branca e Iveta.

— Ah ! sois vós?... Branca... Iveta... de joelhos?... levantai-vos, minhas filhas ; que tendes?... que me quereis?...

— Oh minha tia, nós somos desgraçadas !

— Desgraçadas !... disse Alda com um d'esses sorrisos tão tristes e dolorosos, que se podem dizer irmãos das lagrimas : vós desgraçadas?... oh ! acreditai-me : n'este mundo a desgraça não é tão commum como se suppõe ; de ordinario confunde-se uma contrariedade com a desgraça.

Parecia que aquella mulher, á força de pensar no que por ventura soffria, comparando os outros comsigo, via só entes felizes no mundo.

— Mas nós somos realmente infelizes, senhora.

— Pois então rezai, disse Alda quasi que com insensibilidade.

— Oh ! porém nós queremos e podemos ser ainda ditosas, se vós vos compadecerdes de nós.

— Eu?... minhas pobres meninas : o que sou

eu n'este mundo?... nada mais que uma triste ruína do passado!... Mas que quereis de mim?... dizei.

— Minha tia, sêde boa e compassiva para conosco... perdoai o nosso atrevimento; poupai o nosso pudor...

— Não tendes receio.

— Nunca amastes, senhora?...

— Eu?!! exclamou Alda erguendo-se com violento tremor nervoso... eu?!!

— Oh! nós amamos!... ambas nós, senhora!

— Vós amais?... exclamou ella; vós amais? e ides ser infelizes?... fallai, depressa... depressa; eu vos escuto.

Branca e Iveta, muito occupadas com os seus proprios soffrimentos, não tinham reparado na exaltação de Alda.

— Fallai; repetio esta.

Branca quiz começar, e as lagrimas cortárlhe a voz: como sempre, foi Iveta a mais animosa, e com clareza e concisão referio a Alda a historia d'esses dous amores, que enchião seus innocentes corações, e os ultimos acontecimentos que ameaçavão apagar suas esperanças, e tornar impossivel para ellas a felicidade.

— Que quereis então de mim?... perguntou Alda que se tinha ido socegando pouco a pouco

ouvindo a relação d'aquelles doces e puros amores.

— Que nos protejais, senhora !

— E esse velho máo ainda está ahí?...

— Provavelmente.

— Pois bem ; não se dirá que fui surda á voz de dous anjos : ide em paz ; eu vou fallar a meu marido, e se a minha voz chegar a seu coração, o casamento de Jorge e Branca não se realisará.

— Oh minha boa tia !...

— Retirai-vos ; eu vou fallar a meu marido.

As duas moças lançárão-se chorando nos braços de Alda, que depois de as apertar contra o seio, despedio-as, e sahio tambem para encontrar-se com Raphael e Claudio Góes.

Branca e Iveta recolhêrão-se a seu quarto cheias de esperanças ; emquanto Alda triste, como sempre, tomou pelo corredor, que venceu com passos vagarosos.

Parando' diante da porta, disse :

— Não... não devem ser infelizes !... Deos tomará em conta o que vou fazer por ellas.

Emquanto esta scena se passava no quarto de Alda, Raphael e Claudio Góes continuavão a conversar na sala, combinando ambos os meios mais promptos e seguros para, sem mais de-

mora, fazer celebrar o casamento de Jorge e Branca.

Raphael, por mais que suspeitasse também, desde a tarde das cavalhadas, que sua sobrinha já amava a um homem, e que só a proprio pezar daria sua mão a Jorge, se havia determinado a defendel-a das accusações que lhe ia fazer Claudio Góes; desde, porém, que este fez soar a seus ouvidos o nome de Leonel, seu espirito exacerbou-se, esqueceu sua primeira e generosa resolução, e só pensou em cortar de um só golpe os laços que prendião os corações da filha de Pedro de Almeida, sua sobrinha, e de Leonel, o engeitado da Aldêa, o afilhado de Constança, sua fidal inimiga.

— Sr. Claudio Góes, disse Raphael; até agora, eu o confesso, era só o meu interesse que lhe assegurava o casamento de minha sobrinha com seu filho; de agora por diante, é mais do que o meu interesse: é a minha vingança.

— Oh! sim! o diabo me leve se eu não contava com isso, quando corri a fallar-lhe ás horas em que costume metter-me na cama; porém, meu caro, se apezar do nosso interesse e da sua vingança ficarmos logrados?...

— Logrados! como?...

— Se a pequena disser que *não*, e teimar?...

— Direi eu que *sim*, e teimarei mais do que ella.

— Olhe que, quem diz mulher, diz o diabo, e quem diz duas mulheres diz o inferno todo inteiro!

— Mas onde estão, ou quaes são as duas mulheres?

— Ah! pois já esqueceu a *mameluca*?...

— Amanhã ouvirá Branca as minhas ordens, e ha de sujeitar-se a ellas.

— E a *mameluca* aconselhará a resistencia; observará tudo quanto se passar em sua casa, e fará participação de tudo a Leonel, por intermedio da velha cabocla.

Raphael olhou com olhos abrazados de colera para Claudio Góes.

— E tem razão, disse com voz abafada: deve acontecer assim mesmo... ambos bebêrão o mesmo leite... são quasi irmãos!

— Ah!... já vai entendendo...

— Oh! *sim*... eu deveria tel-o comprehendido ha mais tempo.

— A conselheira é a *mameluca*; repetio com uma risada de escarneo o avarento.

— Naturalmente protege os amores de seu irmão adoptivo...

— E espia...

— Sim... é um espião que tenho em minha casa !

O avarento inflammava de proposito a raiva que enchia o peito de Raphael, e accendia-lhe cada vez mais terriveis suspeitas.

— Sem duvida alguma foi ella, continuou Claudio Góes, foi a *mameluca* quem ensinou sua sobrinha a amar ao afilhado da Sra. D. Constança.

Raphael olhou de revez para o avarento.

— E mais dia menos dia ha de ver que as duas pequenas lhe fogem de casa...

— Não !... não ha de ser assim ; exclamou Raphael.

— Oh se ha de ! e depois que se tiverem recolhido á fazenda da velha Constança, vossa mercê acabará por entregar a herança de sua sobrinha ao engeitado...

— Senhor ! senhor !...

— E a *mameluca* receberá dos noivos o justo premio da sua obra.

— Não ha de ser assim, juro-lh'o eu ! bradou Raphael, levantando-se exasperado.

— E será segredo o que pretende fazer, meu caro amigo?...

— Não ; é bem simples, e o senhor o verá, se quizer ter a bondade de demorar-se alguns minutos.

— Pois não! Mas que vai fazer?... diga, por quem é...

— Vou pôr immediatamente fóra de minha casa essa indigna *mameluca*.

Claudio Góes occultou com um fingido movimento de admiração a alegria que sentira ouvindo as ultimas palavras de Raphael.

— Oh!... mas a estas horas... disse, querendo simular compaixão.

— Fal-a-hei acompanhar por algum de meus escravos; mas não consentirei que durma ainda uma noite em minha casa a mulher perigosa, que já talvez perverteu o coração de Branca. Assim é preciso!... se eu consentisse que ella continuasse a viver no seio de minha familia, nunca mais teria socego: a cada passo que dêsse parecer-me-ia ter fitos sobre mim os olhos da *mameluca*; e não pronunciaria, mesmo em segredo, uma só palavra, sem que receiasse vel-a apañhada pelo ouvido da irmã do *engeitado*!

— Como agora, por exemplo; disse rindo-se medonhamente o usurario: quem sabe se ella não nos está escutando ali do corredor?

Raphael deu um pulo para a porta, e n'esse momento sentio que batião n'ella.

— Batem! disse o usurario.

— Quem é que está ali?... perguntou Raphael.

— Sou eu, senhor: respondeu uma voz de mulher.

A porta abriu-se, e Alda appareceu.

— Senhora! disse Raphael: n'esse estado?... com os cabellos soltos, e assim vestida... Que novidade ha?... que aconteceu?...

— Vim pedir um favor a meu marido, e ao Sr. Claudio Góes; respondeu Alda.

O avarento comprimou então a esposa de Raphael, que triste e vagarosamente avançou para tomar uma cadeira no lugar em que os dous tinham estado conversando.

Alda ia cumprir a sua promessa, tomando a peito a causa das duas moças.

Mas tinha dado apenas dous passos, quando subitamente parou, ouvindo o canto nocturno de um passageiro, que atravessava n'esse momento o campo da fazenda.

Era provavelmente algum tropeiro que passava cantando, com voz aspera e forte, uma cantiga rude, que quebrava o silencio da noite. Alda pallida, immovel, com a cabeça inclinada para o lado do campo, com os labios entre-abertos, e um braço estendido, como designando o canto, que soava, parecia dominada por um encanto inexplicavel, poderoso, mas terrivel.

O canto era todavia bem simples e tosco : era uma verdadeira cantiga de tropeiro.

O gallo cantou tres vezes,
Meia noite já chegou !
Pensei que amor me esperava,
E a tração me apanhou.

Ai que perfidia tão negra
A' meia noite soffri !
De magoa morrer devia,
P'ra vingar-me não morri.

Não choro amores perdidos,
Que se não devem chorar ;
Choro pela meia noite,
Em que me devo vingar.

Meia noite ! meia noite !
Meu coração te esperou :
O gallo cantou tres vezes
E a vingança não chegou.

O canto cessou : e Alda deixando cahir o braço, que conservára estendido, soltou um gemido pungente, pavoroso e terrivel, semelhante ao ultimo grito que arranca do seio a victima succumbindo ao golpe do assassino.

— Alda... exclamou Raphael abraçando-a :
Alda !... que sentes ?...

A misera correu toda a sala com um olhar es-

pantado, murmurou palavras inintelligiveis, e levada nos braços de seu marido, foi recostar-se em uma cadeira, onde durante alguns momentos respirou anciosamente, como se um peso enorme lhe estivesse carregando sobre o peito.

Um quarto de hora depois pareceu socegar.

— Estás melhor, Alda?... perguntou Raphael.

— A chave? disse ella sem responder á pergunta de seu marido.

Raphael levantou-se, e da gaveta de uma mesa tirou uma chave, que entregou a sua esposa.

Alda ergueu-se, e sem dizer palavra sahio por uma porta, que ficava na extremidade da sala.

Alda tinha-se completamente esquecido de Branca e de Iveta.

Ficarão na sala Raphael, muito commovido e Claudio Góes estupefacto.



IV.

Uma porta que se fecha, e outra que se abre.

A noute está cheia de assombro e de desastres. Oh, meus amigos, recebei-me, salvai-me d'esta noute.

Ossian.

Ainda hoje um pouco, infelizmente ainda hoje um pouco n'esses longinquos reconcados de algumas vastas e menos civilisadas provincias. onde o braço da lei chega enfraquecido e debilitado pelas distancias, ainda hoje um pouco encontra-se no Brasil o potentado, o despota de aldêa, que manda no districto, como o senhor feudal na idade média mandava nos dominios do seu castello: no tempo colonial, porém, era uma regra, o que hoje é excepção, e que amanhã desaparecerá de todo.

Na colonia portugueza da America via-se em cada parochia, em cada lugarejo homens notaveis ou por um nome de nobreza real, ou improvisada, trazido da orgulhosa metropole, ou pela posição elevada que sempre tem o poder de proporcionar o ouro, que deslumbra, vião-se poderosos senhores, alguns ricos sem nobreza, e outros ricos e dizendo-se descendentes de nobre linhagem, que dominavão, e muitos cruelmente opprimião o povo que habitava em suas visinhanças.

Era no tempo em que um capitão-mór valia e impunha mais do que um ministro de estado hoje : tempo em que o pobre peão tirava o seu chapéo ao *reisinho* do seu lugar, ainda a dez braças de distancia d'elle, e se o não fazia... misero peão !...

Era o nosso feudalismo : se o rei não reconhecia, nem dava o direito de baração e cutello a esses potentados, não mentirá quem disser, que elles o tomavão algumas vezes por suas mãos, e quasi sempre impunemente.

Era o nosso feudalismo incompleto, é verdade, obscuro, não reconhecido pela corôa, ante a qual se curvavão os *senhores* ; mas sentido pelo povo, sobre quem elle pesava demasiadamente.

Havia muitos senhores humanos, bons, caridosos, conscienciosos; mas isso não tira, que houvessem outros barbares e cruéis. Também não era preciso ser auctoridade civil, ou militar, senhor de linhagem, capitão-mór, ou juiz ordinario, para ser potentado: a espada à cinta, ou a vara entodilhada sobre a parte superior da aba da casaca não são necessarias: para se representar o papel de potentado bastava ser muito rico, ou somente passar por tal-o.

A prova d'isso estava em Raphael.

Simplez fazendeiro, e fazendeiro, porque em parte sua mulher lhe trouxera uma fazenda. Raphael nem por isso era menos orgulhoso, nem por isso menos oppressor.

E era preciso que o fosse: a população da sua parochia, simples, boa, alegre, hospitaleira, generosa, como ainda hoje o é, não soffrendo nem tyrannias, nem aggrays e prepotencias, de nenhum potentado, deveria contar ao menos com Raphael, um d'esses perseguidores dos pobres e fraços, que tolerados pela governança de então, servião para a plantaçõ da perniçiosa aborrecimento a um systema de governo, que não protegia, e o desamparava, a metropole, que lhe impunha esse viver de escravidão.

Raphael, vaidoso, perfido, vingativo e máo, era um homem detestado, mas temido de todos os habitantes pobres do lugar: insensível e duro não havia pranto de viuva nem de orphão que lhe abrandasse o coração: se alguma vez por acaso parecia fazer o bem, a ostentação com que o praticava era uma demonstração de que o fazia menos para soccorrer um infeliz, do que para dar que fallar de si. O egoismo era o movei de todas as suas acções: não pensava em Deos nem se lembrava dos homens: cuidava só de si.

Entretanto, a porta da casa de Raphael nunca se fechava ao pobre que n'ella ia bater. Alda, a esposa d'esse homem, mostrava-se affavel, sensível e boa para todos, e principalmente para aquelles que soffrião: ella, a filha dos ricos, não tinha a altivez do orgulho, nem a indifferença propria muitas vezes d'aquelles, que nunca sentirão privações.

Os pobres, que tremião diante de Raphael, animavão-se e sorrião diante de sua interessante esposa, em quem encontravão sempre uma complacente amiga, e uma carinhosa mãe.

Raphael nunca se havia lembrado de oppôr-se, nem de procurar corrigir esses sentimentos, e esse proceder de Alda, que em tão pouca harmonia com os seus se mostravão. Por uma ad-

miravel anomalia de seu character, elle, que era inflexivel e duro para todos, elle, que a ninguem amava, e só de si cuidava, fazia uma notavel excepção d'esta regra a respeito de sua mulher. Alda exercia, sem o pensar, um poder absoluto sobre seu marido: a sua vontade importava uma lei para elle, um sorriso passageiro de seus labios valia um dia inteiro de consolação e de felicidade para Raphael.

Tambem os sorrisos de Alda erão tão raros!... e quando por acaso vinha algum deslisar-se em seus labios, durava tão pouco, que realmente devia seu marido não deixar escapar-lhe nenhum d'esses tristes sorrisos, que se podião comparar ás flores mofinas e mirrhadas, abertas em um arbusto, que vai deínhando.

Raphael adorava sua esposa, e como ella era, fóra de sua pessoa, o unico objecto a que tributava affeição no mundo, essa affeição enchia seu coração e sua vida.

Mas, por isso mesmo que amava Alda apaixonadamente, sentia-se ferido no intimo da alma ao vel-a ir desfallecendo pouco a pouco, e a seus olhos marchando passo a passo para a sepultura.

Desde longos annos, desde o seu casamento, e talvez mesmo antes d'elle, que Alda soffria

uma enfermidade nervosa, contra a qual nada pôde-
ra a medicina, posto que mil vezes invocada
fôra para combatê-la.

Sempre triste e pensativa, pallida, e como que
fatigada do peso da vida, Alda passava seus dias,
ou na solidão de seu quarto, ou no seio da ca-
pella da fazenda, onde rezava horas inteiras a
sós.

Muitas vezes parecia delirar, e então pronun-
ciava a tremor palavras destacadas, cujo senti-
do ninguem comprehendia; no meio da noite
bastava ouvir o tropear de um cavallo, ou o can-
to longinquo de um carreiro, ou de um viajau-
te nocturno, para ser acommettida d'esses de-
lirios terriveis, que nunca serenavão de todo;
senão depois que de joelhos no altar da capella
rezava longo tempo; e chorava ás vezes horas
inteiras.

Quando em tal estado se achava, era preciso
deixal-a só; a companhia de seu proprio marido
parecia affligil-a e contrarial-a; fazia-se preciso
deixal-a só com Deos e a sua dor, sob pena de
ver prolongar-se o seu delirio, e redobrarem
seus soffrimentos.

Os melhores e mais afamados licenciados do
lugar, e cirurgiões da cidade já tinham sido em
vão consultados: na opinião d'elles o mal tor-

nára-se incurável; e talvez a morte não fosse uma grande desgraça para Alda: porque a loucura a esperava em breve.

Esse tremendo infortunio, que receio d'essa grande calamidade, fazia com que Raphael cercasse a misera doente de todos os cuidados possíveis, e não hesitasse nunca em satisfazer o mais difícil de seus desejos.

Se Alda não se tivesse esquecido da promessa que fizera a Branca e Lyeta, e do fim para que se dirigira á sala, a causa de Claudio Góes estaria talvez perdida, ou pelo menos adiada a execução da violenta e reprehensivel medida que Raphael se deliberára a tomar; o canto, porém, do tropeiro desafiou o delirio de Alda, e as duas pobres moças não foram mais lembradas.

Alda recebeu da mão de seu esposo a chave da capella e foi ajoelhar-se aos pés do Senhor.

Ficarão na sala, como dissemos, Raphael muito commovido, e Claudio Góes estupefacto.

Passarão alguns momentos de silencio. O marido pensava na morte ou na loucura: o usurario escravizando sua imaginação aos prejuizos da época, lembrava-se de que aquella mulher, que soffria uma enfermidade, que nenhum medico podia curar, e nem mesmo explicar, talvez tivesse no corpo o espirito maligno.

— Que terrível málestia! disse enfim Claudio Góes, persignando-se.

— Terrível, sim; respondeu Raphael com profunda tristeza; terrível porque atormenta a minha querida Alda desde tantos annos, e ainda mais terrível, porque a levará á sepultura!

— E não lhe manda fazer alguma applicação?... talvez eu o esteja incommodando.

— Não; ella foi rezar: é sómente a oração que tem o poder de acalmar os seus soffrimentos.

— Ah!... disse o usurario, lembrando-se do espirito maligno.

— D'aqui a uma, a duas, ou tres horas Alda voltará socegada; entretanto é preciso deixal-a só; a vista e a companhia de quem quer que seja, em vez de consolal-a, a affligé a ponto de desesperal-a.

— Ah... n'esse caso ainda não lhe estou incommodando, meu caro.

— Não, de modo nenhum, e tanto mais que os padecimentos de minha mulher não são taes, que nos impeção de levar a effeito o pensamento, em que assentámos ainda ha pouco.

— Que pensamento?... perguntou hypocritamente Claudio Góes.

— Se já o esqueceu, Sr. Claudio Góes, vai

ver agora, que eu me lembro bem da honra e do soccego da minha familia.

E dando um passo para a porta do corredor, Raphael chamou uma escrava e ordenou-lhe que fosse convidar Iveta a chegar immediatamente á sala.

A escrava encontrou Iveta e Branca sentadas defronte uma da outra esperando ansiosas o resultado da intervenção de Alda.

A escrava deu o recado que trouxera a Iveta, e retirou-se.

A *mameluca* pareceu adivinhar o golpe que ia receber; pois desatou a chorar desesperadamente, e abraçou-se com sua collaça.

— Iveta! Iveta! o que pensas?...

— Branca! disse a filha de Cyriaca; Branca! minha irmã! Deos sabe o que vou ouvir e o que me espera: adeos!

E arrancando-se, com rapido movimento, dos braços de Branca, sahio do quarto, e d'ahi a pouco appareceu na sala.

Atravessando o corredor o sentimento da propria dignidade fez calar a dôr e os receios: enxugou as lagrimas, e mostrou-se a Raphael e a Claudio Góes com a serenidade e pureza da innocencia na face, e com o fogo do resentimento nos olhos.

— Eis-me aqui, senhor; disse ella, parando diante de Raphale.

Claudio Géés cravou seu colhar de tigre n'aquelle rosto de cherubim.

Raphael, que tinha sempre aborrecido a velha Cyriaca, e nunca havia estimado a *mameluca*, não se sentio commovido á vista de sua peregrina formosura: vio n'ella a irmã adoptiva de Leonel, a protectora dos amores d'este e de sua sobrinha, e detestando-a por isso, encarou-a com uma expressão de despeito e ira, que já não fazia por disfarçar, e com voz alterada disse: —

— *Mameluca*, eu te recebi compassivo e caridoso em minha casa; e não contava arrependere-me tão depressa do que fiz.

As faces cor-de-jambo de Iveta tornáno-se cor-de-sangue: em seus olhos brillou um lampejo de cólera.

— Senhor, disse ella com voz um pouco tremula, mas não abatida; não implerei compaixão, nem caridade, para que vossa mercê me acolhesse á sua casa; tenho a casa de minha mãe para abrigar-me, e só vim aqui para acompanhar minha collaça.

— Sim! e para acabar a tua obra de perversão.

— Só os pervertidos pervertem; e eu estou

purá aos olhos de Deos, e dos que me conhecem.

— *Mameluca!* és digna da raça de que descendes por parte de tua mãe: mordes o seio que te aqueceu, e a que te acolheste; e em paga da honra que te fiz, esquecendo a baixez da tua classe, e levantando-te até a minha, tu tiveste a idéa de perder minha sobrinha, fazendo-a não cõrar de uma paixão vergonhosa, e procurando movel-a a amar um manco, que é tão vil como tu és; porque, se não é *mameluco*, o que eu não sei, é um enfeitado, o que todos sabem!

Tão despeitados e em tanta exaltação se achavam Raphael e Iveta, que não ouvirão um gemido doloroso que alguém deixára escapar á porta do corredor.

Claudio Gões o percebeu, e lançou seus olhos de tigre para o corredor; mas immediatamente os cravou de novo no rosto da *mameluca*, como se o quizesse devorar com elles.

Iveta respondeu a Raphael com nobre socego e voz calma:

— Sr. Raphael, insultais em mim uma mulher innocente e pura; lembrai-vos, porém, que haveis de responder perante Deos nosso Senhor por todos esses aleives, que me levantai.

— Insolente ! bradou Raphael levantando a mão em um impeto de furor.

— Dai ! disse a *mameluca* avançando um passo.

Os grandes e bellos olhos negros de Iveta parecião desferir chammias abrasadoras ; seus labios agitados por um tremor convulsivo, como que se sorrião com esse rir nervoso do louco, ou do desesperado ; gotas de suor cabião de sua fronte encrespada, como se a tempestade que agitava sua alma ali terrivelmente ondeasse ; suas sobrancelhas pretas e arqueadas negrejavão, como uma nuvem precursora de borrasca : o seu seio arfava ; e ella encarava Raphael como se o desafiasse com sua firmeza.

Estava formosa, arrebatadora, sublime no meio de sua justa cólera.

Claudio Góes recuou um passo, deixando escapar uma exclamação de assombro.

Raphael sentio, que o braço que levantára cahia inerte, como tomado de subita paralyisia.

— Dai ! repetio a *mameluca*, que triumphava de seus algozes.

— Agradece á tua idade e ao teu sexo o perdão da injuía que me disseste ; balbuciou Raphael.

Iveta não respondeu ; mas lia-se o desprezo na contracção de seus musculos labiaes.

Raphael proseguio :

— Mas para que não continues com perfidos conselhos a envenenar o coração de minha sobrinha ; para que não leves ávante teus negros planos ; para que eu não me sinta sempre exposto á traição de um vil espião, que vigia meus passos e minhas acções ; para que, emfim, esse miseravel eugeitado não veja e observe tudo quanto se passa no interior de minha casa, e tudo quanto n'ella se diz pelos olhos e pelos ouvidos de sua irmã adoptiva ; tu, *mameluca*, tu, que és a irmã adoptiva de Leonel e a protectora de seus indignos projectos, tu, *mameluca*, sahirás esta mesma noite, e já, de minha casa, para nunca mais entrar nella.

Duas grossas lagrimas rolarão pelas faces de Iveta, que enxugando-as depressa, disse :

— Não são de fraqueza, repárai bem ; são de vergonha talvez mal entendida.

E voltou-se, como se quizesse sahir.

— É alta noite ; continuou Raphael ; e para que ninguem enxergue falta de compaixão, onde ha só justiça, não te deixarei ir só, e te farei acompanhar por um escravo.

A *mameluca* voltou-se promptamente.

— Obrigada, disse; a filha da selvagem não tem medo nem da solidão, nem das sombras; regeito a companhia de vosso escravo, como regeitaria tudo o mais, que de vós partisse.

E ia retirar-se quando de subito rompeu do corredor a figura graciosa de Branca, que se foi atirar no seio de sua collaça.

— Iveta! minha irmã!...

— Branca!... Branca!...

E misturáram-se as lagrimas e os beijos das duas formosas moças.

Raphael arrancou Branca desmaiada dos braços de Iveta.

— Adeos, minha irmã!... exclamou a *mameluca*: adeos!...

E lançou-se apressadamente fóra da sala, sahindo, talvez para sempre, da casa de Raphael.

Claudio Góes, que não arrancára os olhos do rosto encantador da *mameluca*, deixou-se cair em uma cadeira, apenas a viu desaparecer.

Raphael chamou algumas escravas, mandando-as conduzir Branca para o seu quarto.

Enfim! disse elle, sentando-se tam em por sua vez.

— Qué demonio de mulher! marmurou Claudio Góes: é formosa, insolente, perigosa e tentadora, como o anjo, que se revoltou contra o Senhor!

— Agora, continuou Raphael, fica o resto por minha conta: amanhã arrancarei a palavra de minha sobrinha, e depois d'amanhã assignar-se-hão as escripturas do casamento de Jorge e Branca.

— Assim seja; disse Claudio Góes, levantando-se e tomando o chapéo para retirar-se.

— Não quer ficar?... perguntou Raphael.

— Não; nunca em minha vida passei uma noite inteira fóra de minha casa: os homens de bem devem dormir ao pé do que é seu. Boa noite!

— Boa noite!

Mas ainda os dous amigos, ou fingidos amigos, não tinham retirado as mãos, que se davão a apertar em despedida, quando a porta, que da sala se dirigia para a capella, abriu-se de repente, e Alda espavorida, descabellada e delirante entrou correndo, soltou um grito pavoroso, e como arrancado das entranhas, e cahio estendida no assoalho.

— Alda!... soccorro!... acudão!... gritou Raphael, levantando em seus braços a esposa, que estava fria, e sem sentidos.

No meio da confusão, que reinou por alguns minutos na casa de Raphael, Claudio Góes, que tinha conseguido o que queria, e que não se im-

portava muito com os desgostos e incommodos da familia do futuro sogro de seu filho, deixou desaperebidamente a sala, montou a cavallo, e tocou-o outra vez a galope para casa.

Apenas apeiou-se, acudio-lhe ao primeiro signal o escravo.

— Jorge?... perguntou o usurario.

— Dorme; respondeu o escravo.

— Não sabio?...

— Não, senhor.

— Alguem lhe veio fallar.

— Ninguem.

Com um olhar, que brilhava na escuridão, como o do gato, o avarento pareceu querer romper pelo rosto do escravo até o amago de seu coração, e o intimo de sua alma; mas o semblante do negro conservou-se calmo e impassivel.

O avarento fechou a porta de sua casa; foi observar se seu filho estava com effeito dormindo, e achando-o a resonar socegradamente, retirou-se, e foi dormir o resto da noite.

Os mãos tambem dormem: os tigres não velão sempre nos antros a que se recolhem; Claudio Góes dormio.

Emquanto se travava a luta, e se passavão as scenas, que acabamos de descrever no interior da casa de Raphael; um mancebo audaz e im-

prudente, tendo deixado seu cavallo atado a uma arvore de um bosque visinho, passeava ao redor d'essa casa, parando ás vezes para ver se lhe era possivel descobrir alguma cousa, observando uma certa janella, como se algum signal podesse d'ella ser-lhe dado, e ás vezes andando precipitadamente, e indo até examinar a porta exterior da capella da fazenda.

Ninguem hesitará um instante em reconhecer Leonel, n'esse joven, cujo arrojo está sempre a ponto de passar á louca temeridade.

Leonel se convenceu, apenas chegou á frente da casa de Raphael, que de facto Claudio Góes se dirigira a entender-se e a fallar com o tio de Branca, conforme o pensára Jorge.

Nas cidades adivinha-so a presença de um homem notavel em qualquer parte, pelas armas de sua carruagem, ou pelas côres das librés de seus criados: no campo a côr e os signaes de um cavallo fazem quasi sempre reconhecer o seu dono.

Leonel convenceu-se de que Claudio Góes estava em companhia de Raphael, reconhecendo o cavallo do usurario preso a pouca distancia da porta da casa.

Mas o que viera fazer Claudio Góes a semelhante hora, o que viera discutir com o tio de

sua querida Branca, era o que Leonel não podia adivinhar, e o que a todo trance jurára a si mesmo descobrir n'aquella mesma noite.

Era por isso que o mancebo corria de um para outro lado, parando muitas vezes defronte da janella, que devia ser a do quarto de Branca, e onde procurava ver se distinguia o signal ajustado com a sua bella amada na tarde d'esse dia, que acabava de passar; e era por isso tambem que outras vezes chegava-se á porta da capella, cuja chave lhe fôra promettida, e que felizmente ainda não tinha em seu poder; felizmente, sim, porque se a tivesse, Leonel teria penetrado na casa de Raphael, e Deos sabe qual seria o resultado de semelhante imprudencia!

Fatigado, enfim, mas sempre decidido a esperar por algum feliz acaso, que lhe decifrasse os mysterios d'essa noite, o mancebo afastou-se um pouco, e foi descansar, sentando-se debaixo de uma sapucaeira, que a breve distancia se erguia.

Tinha acabado apenas de sentar-se, quando vio abrir-se a porta da casa, e sahir d'ella um vulto que lhe pareceu de mulher.

Leonel ergueu-se e observou: a noite estava escura; mas seus olhos ha algumas horas habi-

tuados ás trevas, distinguão com menos difficuldade os objectos.

A porta da casa tinha-se outra vez fechado: o cavallo de Claudio Góes continuava a conservar-se atado, e o vulto dirigia-se para a mesma arvore, junto da qual fôra descansar Leonel.

O mancebo recuou algumas braças, deitou-se no campo, e, com os olhos fitos no vulto, esperou.

O vulto chegou-se á arvore, sentou-se no mesmo lugar em que estivera sentado Leonel, e desatou a chorar, soluçando e lamentando-se dolorosamente.

Era a pobre *mameluca*! Desde que se separára de Branca, desde que sua collaça fôra arrancada de seus braços, Iveta sentio que o coração se lhe afogava em saudades, e não pôde reter mais as lagrimas que corrêrão em rios de seus lindos olhos!

Devia chorar, devia lamentar-se; ella, que não curvára a cabeça diante de Raphael; ella que suffocára a sua dôr para ostentar em frente de seus oppressores a força de sua dignidade propria, e a coragem de sua innocencia, agora, que se achava no seio da soledade, precisava deixar correr o pranto de seus olhos, e exhalar as queixas de sua

alma para abrandar assim a afflicção, que lhe enchia o seio, trasbordando do coração.

Iveta chorou, pois, e queixou-se; mas no fim de cada queixa, que deixava escapar n'esse soliloquio doloroso, acabava sempre repetindo uma palavra, que parecia resumir toda a humilhação porque passára :

— *Mameluca! mameluca!*... dizia ella.

Leonel, que de perto observava aquelle vulto, que á arvore se chegára, ergueu-se apenas n'elle reconheceu uma mulher, como logo a principio julgára, avançou alguns passos percebendo-a chorar, e logo que ouvindo algumas palavras, pareceu distinguir a voz da *mameluca*, correu promptamente para ella.

— Iveta!... exclamou.

— Oh! Leonel!... disse Iveta levantando-se sorprendida.

— Como te achas aqui?... porque choras?... que aconteceu?...

— Leonel, acabo de ser ignominiosamente expulsa da casa de Raphael!...

— Tu?... e quem ousou...

— Elle mesmo, elle em pessoa, ajuntando á vergonha o insulto.

— Será possível?... de noite, e a estas horas!

Iveta contou a Leonel tudo quanto se havia

passado em casa de Raphael n'essa noite tormentosa.

— Oh! é inacreditavel!... disse o mancebo.

— Mas é verdade: uma das victimas d'esses dous homens, sem generosidade e sem honra, está aqui a teus olhos: quanto á outra, Deos sabe o que a esta hora está soffrendo lá dentro!

Leonel estremeceu.

— Tu dizes então que Branca...

— Branca ficou desmaiada, quando eu sahi.

— Desmaiada!... desmaiada!...

— Sim; mas isso não é o peor: o seu desmaio passará; mas o martyrio a que vai ser sujeita, quem terá o poder de pôr-lhe um termo?...

— Quem?... eu...

Iveta sorriu-se tristemente.

— Minha irmã, disse Leonel: não tens pai, pois que a morte prematuramente t'o arrancou d'este mundo; mas tens em mim um irmão, que te ha de defender e vingar: foste ultrajada, insultada por um homem, cobarde por força, pois que não teve pejo de injuriar uma mulher: eu te protesto, que hei de fazel-o arrepender-se: tua mãe me deu o leite de seus peitos; *mameluca*, derramarei por ti, se fôr preciso, todo o sangue de minhas veias: não chores mais, eu t'o peço.

— Leonel, meu irmão, respondeu Iveta; nem

penso em vingár-me, nem tão pouco desejo que alguém me vingue; se em tal pensasse, Deos me perdôe, o sangue ardente de minha raça, este sangue que ás vezes sinto ferver no coração, me está dizendo que bastava eu só para a minha vingança.

— Pobre criança!

— Oh! juro-te, que não penso em vingár-me; penso agora sómente n'essa misera moça, em minha... em *nossa* irmã, Leonel, em Branca, que se acha abandonada e só, exposta ao furor de seus tyrannos!

— Branca!... ah, Iveta! eu tenho passado toda noite a correr ao redor d'esta casa amaldiçoada... Jorge me foi prevenir da vinda de seu pai para aqui, e eu corri... oh! e teria corrido inutilmente, se não te houvesse encontrado por acaso em baixo d'esta arvore; mas agora...

— Agora o que?...

— Tu me prometteste uma chave da porta da capella.

— Eil-a aqui, disse Iveta, mostrando-lhe uma chave: que tentas fazer?...

— Dá-me a chave...

— Leonel, tu és um louco...

— Não; tu estás vendo, que é necessario salvar *nossa* irmã: a chave, Iveta!

— Não é com infructíferas imprudências que poderemos salva-la : espera.

— Não ! exclamou Leonel, arrancando a chave das mãos de Iveta.

— Leonel, que vás fazer?...

— Iveta, não te afastes d'aqui ; dentro de meia hora, ao muito, estarei de volta.

— Estás armado, meu irmão?...

— Para que armas?... lá dentro não encontrarei senão um homem cobarde.

Iveta ouviu as ultimas palavras de Leonel pronunciadas já de longe.

O temerario mancebo precipitou-se para o lado da capella.

Em seu ardor Leonel não tiuha ainda pensado que ia commetter um crime introduzindo-se furtivamente na casa alheia, e com um fim, que a sociedade não saberia desculpar.

Nenhuma consideração, porém, seria capaz de suspender o impetuoso mancebo : chegou á porta exterior da capella, e, sem hesitar, introduzio a chave na fechadura, abriu a porta ; mas de subito recuou um passo.

Appareceu no lumiar um vulto negro e agigantado.

— Volta sobre teus passos, Leonel ! disse o vulto ; vai acompanhar Iveta á casa de sua

mãe, e descansa : Branca está sob a minha guarda.

Leonel acabava de reconhecer o homem que lhe fallava.

Era o *Forasteiro*.



V.

O tio Anselmo e o sobrinho André

OBERON.

.... Sê zeloso e acutelado no desempenho da tua missão...

PUK.

Não vos inquieteis, meu soberano; vosso humilde servo saberá executar as vossas ordens.

SHAKSPEARE. — *O sonho do estio.*

Leonel, que havia recuado um passo ao ver, como se surgisse do centro da terra, apparecer no lumiar da porta da capella a figura do mysterioso *Forasteiro*, hesitou um momento; mas logo depois avançou de novo, e respondeu ás palavras que acabavão de lhe ser dirigidas.

— Velho, quem quer que és, que te importa a minha vida, e o que pretendo fazer?... arreda-te, e deixa-me passar...

— Que me importa?... disse o velho com voz melancolica; um dia o saberás, mancebo.

— Afasta-te, pois!

— Não: retira-te, já t'ò disse: eu vélo por Branca; acompanha tu Iveta.

— E com que direito pretendes tomar a peito a defesa de Branca?...

— Não a amas tu, Leonel?...

A voz rouca e pavorosa do *Forasteiro* tomára uma tal expressão de doçura, que o mancebo sentio-se enternecer.

— Leonel, farei por ti mais do que tu mesmo podes fazer; confia no velho, que te deve a vida: vai-te; em nome de Constança, que é tua mãe, em nome de Branca, que será tua esposa; em nome de Deos, que é o pai de nós todos: vai-te, Leonel!

O *engeitado da Aldêa* não podia lutar com o *Forasteiro*: lembrava-se do juramento que fizera á sua madrinha, e, ainda mais, sempre que se achava diante d'esse velho mysterioso, sentia-se possuido de uma força irresistivel, que o obrigava a respeitá-lo, e como que a considerá-lo um ente de natureza superior. Sua imaginação exaltada pela influencia do mysterio dominava sua razão.

Leonel reflectio.

Até áquella hora o *Forasteiro* sempre lhe parecêra um homem impertinente talvez, mas seguramente devotado : na tarde que precedêra essa noite, a não ser elle, Raphael o teria encontrado na margem do *Tingidor*, em uma entrevista amorosa com Branca : esse velho, portanto, esse velho, a quem tinha salvado de um imminente perigo de vida, não podia ser seu inimigo.

E quando o fosse : como penetrar no interior da casa de Raphael, e arrancar Branca de seu poder, depois de descoberto ao querer penetrar na capella?...

Se o *Forasteiro* era um amigo, devia confiar n'elle : se era inimigo, o seu projecto estava evidentemente burlado.

Leonel arrancou da fechadura a chave que lhe fôra dada por Iveta, e disse :

— Eu me vou, senhor ; é a primeira vez, que recuo na minha vida : praza a Deos que não me arrependa de tel-o feito !

— Não te arrependerás, mancebo.

Leonel tinha dado alguns passos, retirando-se ; mas voltou logo ao lembrar-se que não havia fechado a porta.

— Velho, disse elle, vendo o *Forasteiro* ainda em pé no lugar em que o deixára : velho, essa porta não deve amanhecer aber-

ta: arredai-vos por vossa vez: deixai-me fechada.

O *Forasteiro* afastou-se, e deixou que Leonel fechasse a porta.

— Agora vai-te em paz; disse elle.

— E vós?...

— Eu fico, e velarei por ella.

E estendendo o seu grande *ponche* negro na relva, o *Forasteiro* deitou-se, como se devesse passar ali a noite.

Leonel foi apressadamente encontrar-se com Iveta.

A *mameluca* estava tremendo de medo.

— O que houve, *irmão-velho*?... perguntou.

— Nada; respondeu Leonel sentindo-se envergonhado por não haver conseguido penetrar na capella: nada... até recuei!

— Oh! fizeste bem; mas eu percebi que estavas fallando com alguém... e tive medo.

— Sim... estava.

— E com quem, Leonel?

— Iveta, já ouviste fallar no *Forasteiro*?...

— O *Forasteiro*?... sim... sim... um homem desconhecido e mysterioso... uma especie de feiticeiro, de quem contão, e dizem uns muito mal, e outros muito bem... sim, ouvi referir muitas historias do *Forasteiro*, e tanto eu como Branca ti-

— — —
nhamos medo d'esse personagem sem nome christão, e de fama contraditoria.

— Pois era com elle, que eu fallava, Iveta.

— Com o *Forasteiro*?... meu Deos!

— Não te assustes, minha irmã: foi o *Forasteiro* que esta tarde vos fez fugir do lugar, onde conversavamos, prevenindo assim um encontro com Raphael: esse desconhecido nos protege e nos ama, e acaba de prometter-me que velará por Branca.

Assim praticando sahio Leonel do campo da fazenda com Iveta, e indo buscar o seu cavallo á arvore, onde o deixará atado, saltou sobre a sella, poz sua irmã adoptiva na garupa, e partio para o sitio da mãe Cyriaca.

O *Forasteiro* tinha ficado só e deitado sobre o seu longo poncho ao pé da capella.

Ouvio o bater da cancella do campo, e pouco depois sentio o tropel do cavallo, em que se retirava Leonel: ergueu então a cabeça, sentou-se, e ficou por alguns momentos meditando com a frente apoiada entre as mãos.

Seu chapéo desabado estava no chão junto d'elle: a lua mostrava-se, emfim, surgindo de detraz de uma floresta: soprava uma brisa fria, que levantava os longos cabellos brancos do velho acima de seus negros vestidos, como uma onda de espuma.

Um gemido doloroso e prolongado rompeu do seio do mysterioso velho; como despertando ao som d'esse gemido, elle de repente levantou-se, tomou o chapéo, envolveu-se no ponche, e lançando um ultimo e ardente olhar para a casa de Raphael:

— Até mais ver! murmurou com os dentes cerrados.

E com passos precipitados sahio do campo da fazenda.

Que homem será esse?... como adivinha elle os passos, os pensamentos, os projectos de Leonel para acompanhal-o por toda parte, e em toda parte apparecer aos olhos do mancebo, como se fosse a sombra de seu corpo?...

Como é que desconhecido e estranho para todos em uma terra, em que elle apparece, ave arribada, sem que ninguem o espere, póde conhecer a todos, e dizer o nome, a historia, a vida, e enumerar os parentes e determinar as familias de todos?...

Porque porta passou elle; porque meios se introduzio na casa de Raphael, para mostrar-se á entrada da capella da fazenda d'este, quando Leonel fez voltar a chave, e abriu a porta, por onde pretendia entrar?...

Será o *Forasteiro* um traidor vendido ao ouro

de Raphael?... será um amigo votado de coração a Leonel?...

Ninguém pôde decifrar o mysterio de sua vida : esse mysterio é negro como seus vestidos. Sempre só, sem um amigo, tem por sua casa uma lapa no centro de um bósque: vive pobremente, e espalha ouro; ouve a todos, e raramente falla a alguém; ninguém lhe sabe ao certo a idade; tem nos cabellos e na longa barba a marca da velhice, e no braço de ferro todo o vigor da mocidade: quando ouve um gemido de dôr acode sempre; se escuta uma palavra de agradecimento, foge; se lhe chega aos ouvidos uma phrase de compaixão, irrita-se. Nunca pede nada: ás vezes, porém, ordena com a voz e o accento de um soberano.

Tal é o *Forasteiro*.

Não pensão todos do mesmo modo sobre elle; correm a seu respeito diversas versões entre o povo.

Segundo uns, é um homem que soffreu tremendas desgraças, e que fugio para a solidão com todas as suas riquezas, e que desconfiando de todos, e nada mais querendo do mundo, emprega seus ultimos dias em fazer o bem que pôde aos pobres e aos infelizes.

Na opinião de outros, é um miseravel que, em

contracto infernal, cedeu sua alma ao demonio, e que pratica certas acções que parecem philantropicas e boas, com o fim unico de se insinuar no espirito d'aquelles que elle quer levar para o caminho da perdição.

Alguns sustentão, que é um doudo.

Muitos asseverão que é um feiticeiro.

E todos confessão dentro de si, que não sabem o que é, nem quem é verdadeiramente o *Forasteiro*.

Em uma pequena casa, coberta de palha, situada a curta distancia da margem direita do *Aldêa*, estavam, na mesma noite em que occorrerão os acontecimentos, de que acabamos de dar conta, conversando exactamente a respeito do *Forasteiro*, dous pobres lavradores, com quem já tomámos conhecimento.

Erão um tio e um sobrinho; o bom e prudente Anselmo, e o malicioso André, aquelles mesmos que jantárão com o *Forasteiro* no *Outeiro das Pedras*, na tarde das *cavalhadas*.

A casa em que habitavão estes dous lavradores tinha sido levantada pelo pai de Anselmo, e demorava em terras pertencentes á fazenda de Constança.

O tio e o sobrinho conversavão.

— Então, dizia Anselmo: a nossa velha dona disse-te isso, André?

— Sim, tio Anselmo: e é preciso obedecer e servir aquella a quem tanto devemos.

O tio sacudiu a cabeça tristemente.

— Não entendeis assim, tio Anselmo?

— Rapaz, a nossa velha dona vale bem que por ella se faça alguma cousa: tem sido até o dia de hoje a protectora constante de nossa familia toda; mas, olha, que o serviço que agora exige de nós, nem é bonito, nem, Deos me perdôe, me sahe da cabeça, que nos ha de custar caro!

— Embora: eu penso que a gente deve aproveitar a occasião de mostrar-se agradecida aos beneficios que recebe.

— Sim... sim... isso é assim; mas os ricos, quando se achão em guerra uns com os outros, empregão os pobres como instrumentos de suas vinganças, e se acontece fazerem as pazes, abandonão os pobres, de que se servirão para suas vinganças e desaffrontas, e por fim de contas são sempre os pobres que pagão as favas: ouviste, André?

— Ouvi, tio.

— A Sra. D. Constança e o Sr. Raphael são inimigos jurados... os annos não tem podido extinguir o odio, que ambos se volião, e, ou eu me engano muito, ou elles se preparão agora para se declararem em guerra aber-

ta, e a nossa velha dona quer nos metter na alhada!

— Está me parecendo que a cousa anda por ahi, disse André: mas que se ha de fazer, tio Anselmo?

— Atiça o fogo, André, disse-lhe o tio coçando a cabeça.

Esta conversação se passava na parte da casa, a que os dous lavradores chamavão a sua sala; sobre o chão duro e entremeiado de ligeiras fendas, estavão sentados Anselmo e André junto de um braseiro, que elles alimentavão com achas de boa lenha, e sobre o qual estendião as mãos e se aquecião.

André atiçou o fogo, como lhe ordenára o tio, e este continuou.

— Sobrinho, pensemos bem no caso: eis-aqui o que querem que façamos: a pretexto de uma rixa levantada entre nós dous, porque eu te ordenava, que te alugasses ao Sr. Leonel, como seu guarda-costas, e tu a isso te oppuzeste, ponho-te ou fóra de nossa casa em castigo da tua desobediencia, e a Sra. D. Constança não te quer mais em suas terras: tu, sem asylo, e sem meios, corres a procurar a protecção do Sr. Raphael, e fazes tudo para ser recebido em sua casa, e desde que n'ella ficares, não tirarás mais o olho de cima

do homem, e darás conta do que fôr preciso que se saiba, a quem te manda para lá. Não é assim ?...

— Tal e qual.

— Pois digo-te que é uma especie de entremez da casa da opera, no qual nós vamos fazer os mais feios papeis : eu serei um tio máo, e sem alma, tu um sobrinho desobediente : isto é quanto ás apparencias ; porque no fundo do caso, tu, André, serás um espião, e eu te ajudarei a sel-o.

— Tio Anselmo, ninguem me fallou ainda assim !

— Mas é o caso.

— É que nós devemos tudo á velha Constança : é que nós amamos todos ao Sr. Leonel, que é o nosso amigo, o nosso protector, o nosso anjo : e é finalmente que o Sr. Leonel corre talvez risco de ser mais dia menos dia assassinado : porque o Sr. Raphael descobriu que elle e a Sra. D. Branca se amão ; e julga-se ultrajado por isso, tanto mais que a noticia corre de boca em boca, e já muitos desconfião, que o cavalleiro-negro das cavalladas foi o nosso valente Leonel.

— Quem te disse tudo isso ?...

— A nossa velha dona, que não mente.

— É assim : lá mentir, ella não mente.

— Pois então, tio Anselmo...

— Pois então o que?...

— Quando eu posso introduzir-me na casa do Sr. Raphael, e observando-o passo a passo salvar talvez o nosso bom amigo de ser assassinado...

— Psio! olha que já duas vezes deixaste escapar essa palavra...

— Mas quando tenho occasião de fazer este serviço ao nosso protector; hei de dizer, que não, tio Anselmo?... e se elle um dia apparecer morto?...

— Atiça o fogo, André: disse Anselmo suspirando.

André foi atiçando o fogo, e ao mesmo tempo fallando.

— E demais, tio Anselmo, demais...

— Demais o que, vingativo?...

— Ah! é isso mesmo: a gente guarda ás vezes suas lembranças do mal, que fazem aos seus... já vos não lembrais, tio?...

— Não... não falles d'isso.

— Lembra-me bem! Eu era pequenino, mas lembra-me perfeitamente, como se fosse hoje! meu pai vivia e era feliz ao lado de minha mãe: moravamos em uma boa casa, boa e melhor do que esta; mas que tinha o defeito de estar nas

terras do Sr. Raphael : uma vez, e depois d'essa muitas vezes mais, o gado da fazenda do Sr. Raphael devastou as roças de meu pai ; elle queixou-se a esse homem duro e cruel, mas inutilmente : um dia alguns animaes, tres ou quatro sómente, que meu pai possuia, fugirão do nosso campo e forão apanhados em uma das roças do Sr. Raphael, que orgulhoso e colerico, como é, vendo uma vingança, no que, quando muito, poderia ser descuido, enfureceu-se, insultou-nos, chamou-nos canalha vil, e, apesar das lagrimas de minha mãe e dos pedidos de meu pai, mandou deitar fogo á nossa casa, e enxotou-nos para fóra de suas terras, como se enxotasse a gente pervertida ou faccinorosa. Oh tio Anselmo, tio Anselmo!... deveis lembrar-vos bem d'este terrivel caso ; porque fostes vós que nos recebestes n esta casa, e aqui ficámos.

— Esquece, André, esquece e perdôa.

— Oh ! não ! eu me lembro bem, lembro-me de tudo, como se fosse hoje ; bem que então, criança e pequeno ainda, eu tivesse apenas os meus dezeseis annos de idade.

O tio Anselmo sorriu-se ao ver a seriedade com que seu sobrinho se dizia pequenino e criança, com os seus dezeseis annos.

André não o vio sorrir-se : tinha os olhos

pequenos e vivos cheios do brilhantismo da colera.

— Oh! eu me lembro bem! repetio elle; minha pobre mãe veio para aqui chorando, e meu pai bramindo: seu bramido foi impotente... Raphael era rico, e nós canalha vil, oh!... mas hoje...

— Hoje serás sómente um miseravel instrumento da vingança do rico contra o rico!

— Sómente não, tio Anselmo: porque d'esta vez o rico, sem o saber, será tambem um instrumento da vingança do pobre.

— André, tu não és christão... disse Anselmo com voz grave.

Em resposta a seu tio, André se poz a rezar em meia voz.

Passado algum tempo, Anselmo continuou:

— Juras-me, que não meditarás projecto algum de vingança, e que te limitarás a cuidar em salvar o Sr. Leonel de qualquer traição?...

André tinha rezado.

— Juro; disse sem hesitar.

— Atiça o fogo, André.

O sobrinho satisfez a ordem do tio.

— E como, perguntou este: como farás tu para prevenir a tempo o Sr. Leonel de alguma cilada que lhe armem?...

— Eu não direi, nem vós direis nada ao Sr. Leonel.

— Porque?...

— Porque elle ignora tudo, e rejeitaria certamente os nossos serviços.

— E então?...

— De noite e a uma hora convencionada, a menos que não seja preciso dar alguma noticia logo e logo mesmo de dia, de noite, digo, e á hora que se ajustará, eu me irei encontrar com o *homem*.

— O *homem*!

— Sim, tio Anselmo, o *Forasteiro*.

— Sempre elle!...

— É o mysterioso defensor do nosso bom amigo.

— Quem sabe?...

— Pois então?... a cabeça que arranjou todo este plano não foi a d'elle?... e se elle fosse suspeito, quando me mandastes fallar e entender-me com a nossa velha dona, por certo que ella não aprovaria tudo, e ainda menos insistiria para que tudo fosse immediatamente executado.

— André! André! tu és rapaz e não tens experiencia, e eu já tenho muitos annos pesando-me nas costas: André, este homem me faz medo!

— Pois a mim já não me assusta: o que sinto agora por elle é só respeito, respeito como o que tenho ao Sr. vigario.

— O homem innocente e bom, aquelle que não tem máos pensamentos, aquelle que só pensa em fazer o bem a seus semelhantes, não se envolve em um mysterio impenetravel, e não vive em uma cova no meio do mato, como uma féra no seu antro.

— Tio Anselmo, o *Forasteiro* ainda não fez mal a ninguem.

— André, a onça, ás vezes, acompanha horas inteiras o viajante que pretende atacar: segue-o, caminhando cautelosa pela beira do mato, que abainha a estrada, com os olhos fitos na victima; segue-o uma, duas, e mais leguas, até que no momento opportuno, salta na anca do cavallo, fere e maíta o cavalleiro.

— Mas porque havemos de julgar mal dos homens antes de vel-os proceder mal?... o que faz o *Forasteiro*?... dá esmolos aos pobres, cura doentes abandonados, enxuga as lagrimas dos afflictos, defende os fracos e innocentes: que mais provas quereis?...

— E porque não faz elle tudo isso á luz do dia e aos olhos dos homens?... porque prefere as trevas ao sol, como as aves nocturnas?... por-

que sua fronte se mostra sempre enrugada, e seu rosto sempre nublado, como a imagem da tempestade?... porque sua voz tem sempre o accento da cólera concentrada?... para que tanto mysterio annuviando á beneficencia e á virtude?... Procura-o de dia, ao romper da aurora, quando brillão as flores, e cantão os passari-nhos; não o encontrarás: trata de evital-o de noite, quando bramem as feras, e velão os bandidos, e vel-o-has surgir inesperadamente diante de ti!...

— Tio, quereis que atice o fogo?...

— Nós nos vamos entregar de mãos e pés atados a esse homem; André, damos-lhe assim a prova da mais completa e cega confiança: porque então não se confia elle em nós tambem?... porque nos não diz quem é, e o que pretende n'estes lugares?... Oh! meu sobrinho, mysterio, e só mysterio rodeia esse homem! isso não é bom... isso não é bom... isso me faz ficar banzeiro, e é até capaz de me tirar o juizo!... isso não é bom... isso não é bom!

— Tio, repetio André: quereis que atice o fogo?...

— Mysterio, e só mysterio!... proseguio Anselmo sem attender á pergunta do sobrinho: eu não gósto dos mysterios dos homens; mysterios só

os de Deos Nosso Senhor! Oh! ninguém comprehende o *Forasteiro*, ninguém!... ninguém o procura, e elle está em toda parte... em toda parte elle apparece como uma alma do outro mundo; em toda parte... na estrada, no bosque, no meio da festa, á porta ou á janella da cabana, elle sempre!...

— Tio! que é isso?...

— Oh! nem me espantaria, se mesmo n'este momento sua mão pesada batesse á nossa porta...

Uma forte pancada soou effectivamente na porta da casa de Anselmo.

— É elle!... balbuciou empallidecendo o tio Anselmo.

— Talvez, meu tio; respondeu André.

A porta abriu-se e appareceu o *Forasteiro*.

Os dous lavradores, que se havião levantado, conservárão-se de pé.

— André, disse o *Forasteiro* com voz grave: partirás amanhã para a casa de Raphael: tu, Anselmo, guardarás em teu coração o segredo d'este ardil indispensavel.

O *Forasteiro* não tinha pedido, ordenára.

— Irei, senhor; respondeu André.

Anselmo quiz tentar um ultimo esforço.

— Senhor... senhor, exclamou elle; eu estou velho e cansado, e vou assim separar-me do unico arrimo de minha velhice: meus braços

debilitados já se prestão mal a cavar a terra : André é quem me sustenta com o seu trabalho, e quem me acode em minhas molestias!...

O *Forasteiro* franzio as sobranceiras, olhou com expressão de desconfiança para o lavrador, pareceu com o seu olhar penetrante perscrutar até o fundo o coração de Anselmo; e depois, como se tivesse comprehendido o pensamento íntimo e occulto do pobre homem, seus supercilios de novo se dilatárão, e elle, arrancando do seio uma bolsa cheia de ouro, atirou-a nas mãos de Anselmo, e disse :

— Toma : se trabalhasses dous annos com teu sobrinho ao lado, não ganharias o ouro que enche essa bolsa : não precisas; pois, do braço de André : ahí tens ouro : se adoeceres, não te faltará quem te acuda, e quem por ti se desvele.

O *Forasteiro* nunca tinha fallado tanto.

Anselmo, vendo baldado o pretexto de que se servira para embarçar a partida do sobrinho, avançou um passo, e apresentando a bolsa, que lhe fôra atirada :

— Ahí tendes o vosso ouro, senhor : eu menti ; meu braço é forte ainda, e o meu trabalho me dá tanto, quanto me é preciso para viver. André partirá : serei seu connivente ; mas recebei vossa bolsa.

O *Forasteiro* descansou a mão direita sobre o hombro do lavrador.

— Anselmo! eu te perdôo o mal que pensas de mim: não sou bandido, nem féra; sou desgraçado. Adeos!

E sahio sem receber a bolsa.

Os dous lavradores ficarão olhando um para o outro sem dizer palavra.

Ao romper do dia seguinte, André entrouxou a sua roupa, tomou a benção ao tio Anselmo, e sahio de casa.

O primeiro lavrador que n'esse dia se encontrou com Anselmo, soube que o tio e o sobrinho tinham tido uma desavença, e que em consequencia d'ella André havia deixado talvez para sempre a casa de Anselmo.

O dia chegou ao seu termo: era meia noite, quando sahio de uma casa pequena e rude, como são de ordinario as casas dos feitores das fazendas, e que se mostrava a poucas braças da grande e espaçosa morada de Raphael, um homem alto e robusto, o qual depois de observar com todo cuidado se havia alguem que o podesse ver, ou que o estivesse espiando, tomou socegada, mas sempre vigilantemente o caminho de uma das cancellas da fazenda.

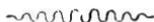
Esse homem era André.

Tinha promettido encontrar-se com o *Forasteiro* á meia noite em um lugar visinho da fazenda, para dar-lhe parte do que com elle e Raphael se tivesse passado, e ia, muito satisfeito de si, dizer-lhe que Raphael, tendo ouvido a historia, que lhe fôra ensinada para explicar a sua retirada da casa de seu tio, não só lhe promettêra protegê-lo, mas ainda o contratára logo para lhe servir de feitor.

André, ancioso por dar conta do feliz resultado do primeiro dia da sua commissão, apressára o passo, como dissemos, e dirigindo-se á cancella, ia já seguro de que todos dormião, e ninguem observára o seu passeio nocturno, quando vio levantar-se o vulto de um homem que se achava deitado debaixo de uma arvore.

André deu um salto para traz.

— Sou eu : disse o *Forasteiro*.



VI.

A velha cabocla.

Filha, socega; da esperança ainda
Não se foi todo o albor. Confia e guarda:
Deos ha de ouvir teu pranto... e o meu.

GARRETT. — *Lyrical de J. Minimo.*

O espirito de Raphael não podia estar menos agitado, do que o das duas innocentes moças, a quem tanto fizera soffrer n'essa noite, em que, cedendo ás instigações do velho usurario, lançára fóra de sua casa a pobre *mameluca*.

Longas horas d'essa noite dolorosa tinha-as elle passado velando junto do leito da esposa. Alda nunca parecêra soffrer tanto: em um prolongado e terrivel delirio a misera lutava com um phantasma aterrador, que erguido diante d'ella ora a cobria de maldições e ameaças, ora

estendia para ella gigantescos braços, querendo agarral-a e arrastal-a para um abysmo, em cujo fundo ardia o fogo do inferno.

Raphael conservava-se em pé junto do leito, onde Alda se debatia em uma agitação incessante: ás vezes estremecia violentamente ouvindo sahir dos labios da esposa um nome, uma exclamação, um juramento, ou um protesto desarrazoado e inexplicavel, e então, como se receasse que alguém pudesse ouvir aquellas phrases desconexas, soltas no delirio, elle afflicto e cuidadoso, posto que tivesse feito retirar todas as escravas, corria á porta do quarto para examinar se algum ouvido curioso e indiscreto procurava penetrar o mysterio d'aquella dôr imensa e profunda.

Havia talvez algum segredo lamentavel e tremendo n'esses soffrimentos constantes da esposa de Raphael, segredo para todos, menos para elle, que por isso mesmo com tão temeroso cuidado o escondia.

A prostração succedeu emfim á febre e ao delirio, e Alda fechou os olhos, e adormeceu: tão pallida e desfigurada se achava, que se poderia confundir o seu somno com a morte, se de instante a instante estremecimentos nervosos não viessem manifestar a vida nos signaes do seu padecer.

Longe ainda estava o dia ; mas Raphael commovido e agitado, tendo debalde procurado conciliar o somno, ergueu-se do leito, sahio do quarto, e, abrindo de manso as portas, desceu para o terreiro.

A despeito da lua, que se deslisava no céo, tudo se achava envolvido em densos véos de neblina.

Raphael insensível á brisa geladora, que soprava, e ao orvalho que cahia peneirado das nuvens, passeava ao longo do terreiro todo abysmado em suas reflexões, quando de subito os latidos de um cão, que mostrava ter presentido alguém, que se avisinhava, vierão attrahir sua attenção.

O cão, que nos primeiros momentos latira, enfezado, como annunciando a approximação de um estranho, pouco depois pareceu festejar a chegada de um conhecido.

Raphael suspeitoso, e reconhecendo que alguém se vinha chegando, recuou alguns passos, e foi encostar-se á parede de sua casa, onde a sombra se tornava mais impenetravel e era mais espessa a neblina.

Um instante depois passou perto d'elle, e sem vel-o, um vulto de mulher, que carregava sobre os hombros um objecto, que Raphael não pôde distinguir.

O vulto parou diante da janella do quarto de Branca.

Raphael approximou-se cauteloso, e sem se desviar da parede.

A janella do quarto de Branca era alta demais para que a ella podesse chegar o vulto; mas o objecto que este trazia sobre os hombros era uma pequena escada de páo, mercê da qual pôde chegar á janella e bateu com a precaução de quem receia ser descoberto.

Raphael esperava ancioso: ainda não tinha reconhecido o vulto.

O vulto esperava tambem, batendo de momento a momento, até que enfim uma voz tremula de medo perguntou de dentro :

— Quem é?...

— Abre, minha filha! respondeu o vulto.

— Mãi Cyriaca!... disse Branca abrindo logo a janella.

Raphael susteve a custo um rugido de tigre, que lhe partira do coração.

Era com effeito a velha cabocla: mas que vinha ella buscar ali a semelhante hora?...

A chegada imprevista de Iveta tinha sobresaltado a velha Cyriaca: mas sabendo do que occorrêra em casa de Raphael, esquecêra de improviso o insulto recebido por sua filha para só lembrar-

se dos martyrios a que ficára condemnada, e dos traques porque estava passando Branca.

Não era que amasse mais a sua filha adoptiva do que a propria; mas esta achava-se a seu lado e livre das perseguições e da tyrannia de Raphael, emquanto aquella, longe de seus olhos, e abandonada e só, via-se exposta a todos os tormentos, que lhe quizesse impôr a prepotencia.

Cyriaca tinha dado a Branca o leite de seus peitos, e o amor de seu coração. O amor nos selvagens é sempre ardente e violento, como todas as suas paixões. Cyriaca adorava Branca.

Em sua rudez medio toda a extensão do infortunio da infeliz e idolatrada moça, e ainda em sua rudez procurando-lhe um remedio, acertou logo com o mais decisivo e extremo, e adoptou-o sem hesitar, por isso mesmo que elle cortava o mal pela raiz.

O remedio era livrar Branca da oppressão de seu tio, arrancando-lh'a de casa.

A velha Cyriaca não calculava com as consequencias do acto, que pretendia praticar: tinha trazido dos bosques, e da sua tribu o costume de só pensar no presente, e de abandonar o futuro ao acaso. Christã, pensava sempre n'esse ponto, como pensara selvagem, e apenas se

limitára a confiar o futuro á bondade de Deos, em vez de abandonal-o ao acaso, como d'antes.

A idéa estava concebida, só faltava realisal-a: Cyriaca julgou-se capaz de pôl-a em execução, sem auxilio de mais alguém: não quiz confiar o seu projecto nem a Leonel, nem a Iveta; abraçou e despedio o mancebo; abraçou e recolheu a filha a seu quarto, depois sabio.

Tinha dado alguns passos, quando voltou atraz: acabava de lembrar-se da altura da janella do quarto, onde Branca dormia: tomou uma grossira escada de páo sobre os hombros, e partio ligeira, como uma mãe, que corre a salvar sua filha.

Chegou junto da casa de Raphael arfando de fadiga, e palpitando de esperança: Branca appareceu emfim á janella, e Cyriaca pensou que tinha já vencido todos os obstaculos, que podião oppôr-se á fuga da infeliz moça.

Não contava com Raphael, que de perto a estava observando.

— Mãi Cyriaca!... havia dito Branca.

— Sim, sou eu, respondeu a velha; nada temas; sou eu, que venho salvar-te.

— Salvar-me?... e como?...

— Vem, dá-me a tua mão, para que eu te ajude a descer, minha filha: vem! foge d'esse inferno!

— Que diz, mãe Cyriaca?...

— Digo-te que debes fugir d'esta casa maldita, e acolher-te á pobre cabana de tua mãe adoptiva: vem!

— Querida mãe, o que me veió propôr é um impossivel!

— Impossivel!... e porque?...

— Primeiramente porque o meu retiro seria descoberto ámanhã, e não só eu voltaria para o poder de meu tio, mas ainda vós terieis de soffrer por minha causa as perseguições dos meus oppressores.

O olhar da velha cabocla brilhou com uma luz sinistra: era um olhar de desafio.

— E depois, continuou Branca, não é verdade, mãe Cyriaca, não é verdade, que uma moça honesta não deve fugir nunca da casa de seus pais, ou de seus tutores?... que se diria de mim ámanhã, se eu fugisse d'aquí esta noite?...

— Dirião que uma filha fugio com sua mãe, e nada mais.

— Oh! mãe Cyriaca, o amor que me tendes vos cega: o coração me diz que eu não devo fazer o que me viestes propôr.

— O coração!... Branca! minha filha! então não ha amor dentro d'esse coração?...

— Duvidais de que eu vos ame, minha boa mãe?

— Eu?... mas não é de mim que se trata: é de ti, e d'elle...

— D'elle?...

— Sim, d'elle: por ventura não amas a Leonel?... como?... eu vos criei ambos aos meus peitos, com o meu leite, e com o meu amor, ensinei-vos a adorar-vos um ao outro desde pequeninos, para agora consentir, que me separem meus dous filhos, meus dous anjos!... não! não!... hasde fugir, Branca, hasde fugir! vem! não percamos tempo...

Branca, em vez de responder desatou a chorar.

— Choras?... tu choras?... louca, minha pobre criança! minha filha do coração! pois tens o caminho da felicidade aberto diante de ti, tens o meu seio para te esconder, tens o meu amor para te defender, e recusas?... e choras?... oh! é melhor então ficar, e entregar-te de mãos atadas a teus algozes?... é melhor perder Leonel, e ser escrava de Raphael, de Claudio Góes, de Jorge, de todos elles emfim?...

— Mãe Cyriaca!...

— Não entendo... não entendo isto! disse a velha sentidamente: este amor dos brancos é a fraca chamma de uma vela, que se apaga com um sopro: o amor do selvagem é outro, é amor que abrasa como o sol; que se defende e resiste,

como a fera mais bravia; que não se dobra como o caniço; que resiste ás tempestades como a rocha; é emfim um amor, que morre com o coração; mas que não cede.

— Mas eu tambem não cedo, mãe Cyriaca.

— Deixar-te-has morrer então?...

— Antes.

— Não! não! eu não quero que morras! enheço-te, és capaz de o fazer! porém eu quero que vivas, e hasde viver para mim, para Léonel, para Iveta: oh! vem! vem!...

— Não... não... eu não fugirei.

— Ingrata! por tua causa deixei minha filha, que está curtindo a vergonha de uma affronta; por tua causa corri trazendo ás costas uma pesada cseada; por tua causa... oh! mas tu hasde vir comigo... olha: essa gente que te opprime, opprime-te porque deseja apoderar-se da tua riqueza; pois bem: foge comigo, deixa-lhe o teu oiro, traz-nos só o teu coração, e nós teremos tudo; vem!

— Mãe Cyriaca; disse a moça com uma voz, que trazia ao mesmo tempo o accento da dôr e da resolução; mãe Cyriaca, eu vos agradeço, quanto tendes feito, e quanto quereis ainda fazer por mim: n'este momento o vosso amor delira, e me aconselha um erro; mesmo assim porém eu

abençoarei toda vida esse erro, que é todo filho do amor santo e puro que vos devo; entretanto fiquei certa, de que não fugirei da casa de meu tio. Sei bem, que me esperão aqui horriveis tormentos; sei que me querem impôr um casamento, com um homem que me não ama, e a quem nem posso, nem heide jámais amar; sei que tratado de prender-me em laços abominaveis, e que para conseguil-o hão de lançar mão de todos os meios, e ainda dos mais reprovados; mas eu saberei resistir ás ordens dos meus oppressores, como resisto ao conselho que me déstes ha pouco: não fugirei, mãe Cyriaca, e não me casarei com o filho de Claudio Góes. Retirai-vos segura d'isso, minha boa mãe, e podeis dizel-o a Leonel.

— Branca!

— Sim, posso dizel-o hoje; hoje, que a desgraça cahio sobre mim, o pudor não embaraça mais a expressão singela e franca dos meus sentimentos; eu amo a Leonel, e serei d'elle esposa ou morreréi solteira.

— Minha filha, vê o que fazes? ámanhã já não será tempo.

— Embora: ainda não houve quem se arrependesse de ter seguido sempre o caminho da virtude. Não, não fugirei, mãe Cyriaca: se al-

guma vez em minha immensa fraqueza entender, que me cumpre deixar a casa de meu tio, e resolver-me a fazel-o, heide sair de dia, aos olhos de todos, e pela porta da rua; mas de noite, e ás escondidas, nem comvosco, mãe Cyriaca.

A velha, apesar do amor que a cegava, e da sua rudez primitiva, que nunca a sociedade dos homens civilizados tinha podido vencer de todo, pareceu reconhecer, que a razão fallava nos labios de Branca, e curvando a cabeça, suspirou dolorosamente.

— Adeos, mãe Cyriaca! disse ainda a moça; é tempo de retirar-se: não tarda a romper o dia, e não convém, que suspeitem; o que acaba de passar-se entre nós. Adeos! talvez que o céo nos conceda ainda dias melhores, e menos tristes, e então seremos todos felizes! adeos! beije por mim a minha querida irmã, e...

— E Leonel?...

— Oh! sim!... diga-lhe que eu o amo mais do que nunca, e que ninguem terá o poder de roubar-lhe o meu coração. Adeos!

— Adeos! disse a velha Cyriaca descendo a escada tristemente: adeos, minha filha! não quizeste fugir comigo... quem sabe o que succederá!

— Espere... suba outra vez! tornou a moça; olhe, mãe Cyriaca, meu tio despedio de sua casa

minha pobre irmã, e é bem possível, que pela mesma razão, porque o fez, também não consinta mais que nos vejamos: separão-me de todos aquelles, que me amão: é portanto bem provavel, que me não deixem receber aquella, que me servio de mãe. Oh! sim!... suba, mãe Cyriaca, eu quero beijar-lhe a mão e o seio ainda uma vez!...

A velha subio chorando e soluçando até a altura da janella, e emquanto Branca a abraçava, e beijava-lhe as mãos, e molhava-lhe de lagrimas o seio, ella imprimia seus labios na fronte angelica da moça.

Emfim, Cyriaca e Branca se separárão; a velha desceu a escada, e tomou-a de novo sobre os hombros, olhou outra vez para a janella e disse com a voz e com os soluços:

— Adeos, minha filha!... adeos!...

— Adeos! respondeu a moça: ide em paz, minha boa mãe, ide depressa, e sobre tudo, que todos ignorem, que aqui viestes...

— Não... não tenhas medo; ninguem me viu: ninguem o saberá..

— Excepto eu! bradou Raphael apparecendo inopinado.

Branca deu um grito, e ficou immovel pregada á janella: a velha Cyriaca deixou cahir a

escada, e conservou-se impavida e firme diante de Raphael.

— Excepto eu! repetio elle.

— Pois que é assim, não importa; disse a velha com voz socegada e grave: no que acaba de se passar não vio vossa mercê mais do que um grande amor de mão, e uma grande virtude de filha: deve portanto desculpar a primeira, e respeitar a segunda.

— Velha e insolente cabocla! exclamou Raphael enfurecido; pois tu, que te atreveste a pretender lançar a vergonha e a deshonra no seio de minha familia, em vez de cahir de joelhos a meus pés, e de implorar de mãos postas o teu perdão, ainda te atreves a fallar-me assim?...

— Cabocla sou, respondeu Cyriaca exaltando-se tambem; velha cabocla, como dissestes, e ainda que envelhecida no meio de vós outros, conservo sempre no coração as paixões da minha raça, e da minha primitiva bruteza: sim! lembrai-vos d'isso! sei amar, e sei vingar-me; e agora olhai para aquella janella... ali está um de meus amores; e olhai tambem para vós mesmo... oh! pensai bem, que podeis vir a ser o objecto da minha vingança!...

— Miseravel!...

— Lembrai-vos d'isso!... insultastes a Iveta, minha innocente e formosa filha; vós a insultastes... lembrai-vos! vós a puzestes fóra de vossa casa, como se uma donzella pura e virtuosa fosse o mais vil dos malfeitores... vós insultastes minha filha, lembrai-vos! pois bem: a velha cabocla vos perdôa; mas com uma condição... ouvi! não maltratareis, não opprimireis, não fareis a desgraça de Branca!...

Os olhos abrasados de Cyriaca lampejavão, como o olhar ardente da onça.

A tamoya do deserto substituiu n'aquelle momento a catechumena dos padres portuguezes, e a mulher arrancada á selvaticidade pela civilisação.

Raphael recuou diante d'ella, como se recuá diante de uma féra embravecida.

— Lembrai-vos d'isso!... repetia Cyriaca com os dentes cerrados.

Branca tremia por sua mãe adoptiva; mas não ousava pronunciar uma só palavra.

Breves momentos passarão em silencio: Raphael comprehendeu, que devia pôr um termo áquella scena, e que não lhe estando bem lutar com uma mulher, nem lhe convindo para expellir-a á força, ou mesmo castigar-a, chamar alguns de seus escravos, que virião a ser testemunhas de

um facto, que revelava a desharmonia, e o desgosto, que perturbavão a paz de sua familia, cumpria-lhe sómente abafar a sua colera, e adiar a vingança, com que em seu profundo resentimento jurava a si proprio opprimir e abater a soberba cabocla.

— Misera e estúpida selvagem, disse elle; vai-te de meus olhos, e para sempre! agradece á lembrança de que amamentaste a minha sobrinha o não receberes o castigo, que merecias: mas vai-te já d'aqui, e para sempre! vai-te, e nunca mais penses em voltar a esta casa, porque a porta que se fechou para tua filha, nunca mais se abrirá para ti! vai-te!

— Vou-me, sim!... respondeu a velha; porém lembrai-vos! lembrai-vos do que eu vos disse!

— Vai-te! vai-te! a vibora não me hade morder, porque ainda a tempo a lancei fóra do seio: nem tu, nem tua indigna filha poderão continuar a perverter minha sobrinha com insanos conselhos: d'ora ávante um muro de bronze vos separa d'ella para sempre...

E depois accrescentou com um rir sinistro:

— E consinto, que ainda uma vez lhe digas adeos; porque esse adeos será o último!

A estas palavras Branca não se pôde conter,

e começou a chorar com tanta força, que seus soluços chegáram aos ouvidos e cabirão no coração de Cyriaca.

A velha estendeu os braços para a janella e exclamou com desespero, e dôr :

— Não chores, minha filha, não chores! estanca esse pranto... engole esses soluços... chora dentro d'alma; mas ri no rosto, diante d'este homem: não vês que elle folga, que se alimenta, que elle exulta e triumphá, quando sente que estamos soffrendo?! oh! não chores!... no teu pranto está a sua felicidade; nas tuas angustias a sua festa! oh!... não lhe dês o gosto de te ver chorar... é um homem máo... é... oh! não chores... retira-te... adeos! adeos!...

E voltando-se para Raphael, disse com voz rouca e tremula :

— E quanto a vós, cuidado! Branca é minha filha... bebeu o leite de meus peitos: é minha filha, e se ousardes...

— Miseravel!...

— Branco! branco!... não acordes no coração da velha cabocla os furores da tamoya selvagem!... pensa bem, que a mansa ovelha pode-se tornar em féra accessá em raiva... pensa bem!...

E dardejando sobre Raphael um ultimo olhar

de colera, e de ameaça, a velha Cyriaca retirou-se apressadamente.

Branca, apenas vio desaparecer sua mãe adoptiva, sahio da janella, e foi cahir sobre o leito quasi desfallecida.

Raphael arquejando de ira e de despeito ficou immovel, entregue á mais tremenda meditação duas longas horas, em que nem vio abrirem-se no céo as rosas da aurora, nem reflectirem na terra os primeiros raios do sol.

Quando André chegou, e apresentou-se a Raphael, achava-se este ainda no mesmo lugar.



VII.

A capella abandonada.

« Aberta em par do templo estava a porta ;
Entrei.

GARRETT. — *Camões.*

E elles se afastarão o mais depressa que
pudérão.

BYRON. — *D. João.*

Alguns dias tinham passado, depois dos acontecimentos, que acabamos de narrar, dias de lagrimas para o amor infeliz, de martyrios para o arrependimento, de maquinações tenebrosas para o odio e a vingança, de temores e de calculos sinistros para a avareza.

Das diversas personagens, que representam n'este afadigoso drama, umas esperavão, algu-

mas maquinavão, todas ou quasi todas temião, e uma, a esposa de Raphael, devorava em silencio sua inexplicavel e mysteriosa dôr.

A mãe Cyriaca não voltára mais a ver sua filha adoptiva e conservava-se triste e obumbrada no interior de sua cabana ao pé da *mameluca*, que chorava por sua irmã, e certamente tambem por seu amor.

Branca, recolhida a seu quarto, constantemente observada por seu tio, mostrava-se abatida e resignada: parecia haver tomado um partido, e só dava livre curso ás suas lagrimas, quando a deixavão só.

Alda soffria sempre; ninguem porém comprehendia a causa do seu padecer: suas escravas a olhavão quasi com terror, e ao vel-a passar silenciosa e branca como uma sombra, dizião tremendo umas ás outras: «está louca!»

Raphael parecia preocupado de algum difficil projecto: conferenciava ás vezes horas inteiras com Claudio Góes, praguejando e jurando castigar o atrevido *engeitado*, que ousára levantar os olhos para sua sobrinha.

O usurario retinha em casa, como em uma prisão a um criminoso, a seu filho, o fraco e submisso Jorge, que tremia ouvindo a voz de seu pae, e não se atrevia a resistir-lhe.

Leonel, o imprudente, velára debalde noites inteiras correndo em torno da casa de Raphael, sem que jámais visse abrir-se a janella do quarto da sua amada, e sentindo ás vezes passar perto d'elle o vulto negro do *Forasteiro*, ou vendo-o apparecer, e suspender-lhe o braço, quando em algum momento de desespero, lembrava-se de penetrar na capella, mercê da chave, que lhe déra Iveta.

E o *Forasteiro* enfim vivia a vida do mysterio, ignorado de todos, embrenhando-se de dia nos bosques, e vagando de noite, como um genio benefico, ou como um demonio perseguidor.

Não nos prevaleceremos do nosso indisputavel direito de autor para ir perscrutar os corações d'estas diversas personages, esmerilhando seus sentimentos, recolhendo seus pensamentos occultos, aparando suas lagrimas e estudando suas dôres, ou seus favores.

Deixaremos fallar os acontecimentos: a voz dos factos sôa sempre mais alto do que o raciocinio do melhor philosopho: a lição, que penetra pelos olhos é mais depressa recebida pela alma, do que aquella que entra pelo ouvido: a melhor lição é o exemplo: o facto tem mais poder, que a palavra.

Acompanharemos sómente a marcha dos acou-

tecimentos: os dias das meditações, dos projectos, dos sonhos, e das lagrimas silenciosas passarão: tocamos a hora, em que a acção continúa.

A acção é um discurso vivo: deixemol-a fallar por si mesma.

Era uma noite de sexta feira: um escravo do Raphael tinha chegado algumas horas antes da cidade, trazendo cartas, que este parecia esperar ansioso: um outro escravo partio logo depois para a casa de Claudio Góes, que d'ahi a algumas horas apresentou-se na casa de Raphael, risonho e satisfeito.

O rir de um usurario corresponde sempre ao pranto de alguma victima: a alegria de Claudio Góes era sinistra.

Claudio Góes e Raphael trocarão vistas e palavras de intelligencia, e d'ahi a pouco Branca, que provavelmente devia ser a victima, que o rir do usurario festejava, appareceu na sala em obediencia a uma ordem de seu tio.

Branca estava pallida, e triste; seus olhos mostravão-se amortecidos: trajava roupas da côr do seu nome: sua figura, seu andar sereno, sua melancolia profunda, todo seu aspecto tinhão um não sei que, que á força farião lembrar uma virgem condemnada ao martyrio.

Chegando ao meio da sala cumprimentou a Claudio Góes com um leve movimento de cabeça, e sem dizer nada, voltou-se para seu tio, e esperou que elle lhe fallasse.

Até ali era a obediencia, ou a resignação, que tinha chegado á sala; mas o seu calculado silencio demonstrava, que a proprio pezar havia obediado.

— Senta-te, Branca; disse Raphael.

A moça deixou-se cahir sobre uma cadeira como se fôra uma maquina inerte.

O silencio de Branca contrariava Raphael.

— Estás incommodada?... perguntou.

Em vez de responder, ella sorriu-se com um d'esses risos, que se podem chamar as lagrimas dos labios.

A resposta de Branca era como um protesto da victima contra o algoz.

Raphael estava visivelmente contrafeito; foi só depois de alguns momentos de reflexão, que elle pôde encetar a conversação atacando de frente o objecto d'ella.

— Adivinhas, certamente, a razão porque nos achamos aqui reunidos...

Esperou debalde que Branca lhe respondesse: proseguio no fim de alguns instantes:

— O Sr. Claudio Góes, que ha pouco chegou á

nossa casa, veio dar-nos a honra de pedir-te para esposa de seu filho.

Um leve estremecimento nervoso agitou o corpo de Branca; também foi esta a sua única resposta.

— Como tio, tio e tutor, continuou Raphael, já aceitei e agradei a proposição do Sr. Claudio Góes: todos os ajustes necessários se achão concluídos, e o teu casamento deverá em breve ter lugar; mas como bom parente que sou, e visto que aprecio tuas qualidades, e recto juízo, quiz ter a complacência de prevenir-te, do que se trata, e dar-te hoje mesmo occasião de agradecer a teu futuro sogro a dita que te offerece.

Raphael contava já com a continuação do silencio de Branca; mas sorprendido ficou ao vel-a erguer-se, encaral-o sem tremer, e responder com voz calma:

— Meu tio, o *sim* da mulher é essencial para que se realise o seu casamento: ora, eu não me quero casar com o filho do Sr. Claudio Góes, e juro por meu pae, e por minha mãe, que estão no céu, que hei de dizer *não* diante do altar.

— Insensata!... bradou Raphael, que não pôde vencer um impeto de colera.

Branca tornou a sentar-se placida, e indiffe-

rentemente, como se nada tivesse dito, e nada tivesse ouvido.

Raphael serenou pouco a pouco.

— Faremos por dispensar o teu sim, minha bella menina; disse elle com ironia: a bocca de um homem de juizo o dirá por ti, e o sacerdote ouvirá o tal *sim* indispensavel.

— E Deos?... perguntou Branca levantando ao mesmo tempo a cabeça e a voz.

— Deos manda que me obedecas.

— E vos ordena tambem, que me não sacrificeis, meu tio!

— Ousas então...

— Senhor! senhor! exclamou a moça erguendo-se outra vez; sou orphã de pae e mãe, sou na terra uma desgraçada, e aos olhos de Deos um objecto sagrado: não tenho nem o braço de meu pae para me defender, nem o scio de minha mãe para me abrigar... oh! mas tenho a Providencia divina para velar por mim: Deos é pelas orphãs:.. Deos é por mim!...

Claudio Góes, o *Onça*, não tinha até ali pronunciado palavra; vendo porém a direcção, que ia tomando a conversação, com a manha, que lhe era natural, fallou de modo a não parecer um tyranno a Branca, e a accender ainda mais as furias de Raphael.

— Minha boa senhora, disse elle, por quem sois, não me façais a injustiça de pensar que'desejo perturbar a tranquillidade da vossa vida, ou desfazer os planos de futuro, em que o vosso coração adivinha a felicidade: ao senhor vosso tio tenho eu preso por uma solemne promessa, mas não seja essa a duvida... se elle n'isso convier, eu o desligo da sua palavra.

— De modo nenhum! exclamou Raphael.

Claudio Góes estava certo de que Raphael assim responderia; continuou pois no mesmo sentido, posto que Branca não mostrasse prestar-lhe attenção alguma.

— Confesso que desejei que meu filho casasse com a senhora; visto porém que o seu coração repugna este casamento... convenho até, se o senhor seu tio convier tambem, que não se falle mais n'isso: eu respeito muito certos sentimentos, e gósto dos casamentos de inclinação; sou um exemplo d'elles, pois me casei sómente por amor.

O usurario mentia, mas sem córar, e sem hesitar proseguio:

— Provavelmente a senhora já fez a sua escolha, e por certo que terá escolhido um noivo digno do seu nome, da sua riqueza, e da sua posição; pois bem... fique livre com o seu amor...

case com o homem que ama... leve-lhe a sua fortuna... faça-o feliz... o Sr. Raphael hade concordar n'isto.

— Não! e não! bradou este enfurecido, pois acabava de lembrar-se de Leonel: minha sobrinha não pôde dispôr de si, e a mim é que cumpre determinar o que lhe convém: Sr. Claudio Góes, sustento a minha palavra, e não o desligo da sua: nossas mutuas promessas devem ser cumpridas.

Claudio Góes levantou um pouco os hombros como se não concordasse, e apenas se sujeitasse ao parecer de Raphael.

— O coração de minha sobrinha está livre, continuou elle; ella não fez ainda, e nem podia fazer escolha alguma. Branca ainda não ama.

— Amo: disse a moça com voz firme.

Claudio Góes trahio-se, soltando uma risada.

— Amas?... tu dizes que amas?... perguntou Raphael com os dentes cerrados: amas?...

— Sim, meu tio, amo.

— E a quem?... a quem?...

— A Leonel, o *engeitado da Aldéa*.

— E atreves-te a confessal-o?...

— Porque não, se é verdade?...

— Que baixeza de sentimentos!... foi o leite que bebeste nos seios de uma vil cabocla, que as-

sim te envileceu, e te afogou no coração o nobre orgulho de uma familia illustre!... Quem diria, que a filha de Pedro de Almeida e de minha irmã se lembraria de abaixar os olhos até um homem de nada, um fructo do crime apanhado no meio de uma estrada por uma velha tresloucada?... oh que famosa escolha!...

— Meu pae e minha mãe terião abençoado o meu amor.

— Mentos ! exclamou Raphael ; mentos e calumnias teus paes, assim como pretendes deshonnar a sua memoria.

Branca sentíra o sangue acudir ás suas faces, e o fogo aos seus olhos.

— Nunca menti, senhor ! disse ella com voz firme : nem jámais fui maltratada, como por vós o sou.

— Que amor ! proseguio Raphael : assentava bem na *mameluca* ; mas em ti, juro que não : far-te-hei lembrar de que não és Iveta...

— Sou pura como ella, meu tio, e em nossa pureza é que somos nobres, ambas igualmente nobres, aos olhos de Deos.

— E accita a comparação!...

— De toda a minha alma.

Branca sempre debil, fraca e condescendente, nunca tinha deixado suspeitar que podésse uma

vez em sua vida ostentar tanta firmeza : natureza eminentemente nervosa, tornava-se forte e decidida sem affectação e sem esforço de vontade : sua força não provinha d'ella, mas sómente de um estado anormal, em que se achava desde alguns dias, e a que fôra levada por uma constante, e exaggerada excitação nervosa.

Raphael comprehendeu que era já tempo de pôr um termo áquella desagradavel scena de familia.

— Branca, disse elle ; mandei-te chamar á sala não para pedir que conviesses no teu casamento com o Sr. Jorge ; mas para annunciar-te simplesmente, que elle deve ter lugar dentro de tres dias. Não te fiz um pedido : o que acabas de ouvir é uma ordem : uma criança não pôde decidir do seu futuro : as orphãs tem um tutor para pensar por ellas : pensei por ti ; eis tudo.

Branca não respondeu, nem se levantou.

— Nada mais tens que fazer aqui : podes retirar-te.

A moça ergueu-se, e sem mesmo comprimentar Claudio Góes, sahio da sala com passos vagarosos.

Apenas Branca desapareceu, o usurario tomou o chapéo, e voltando-se para Raphael disse riundo-se com um rir satânico :

— Agora, olho vivo, e chaves dobradas nas portas, meu caro.

— Todas as medidas de segurança estão tomadas, respondeu Raphael; e demais, posso assegurar, que minha sobrinha é incapaz de uma acção indigna, e nunca se lembraria de fugir da casa de seu tio.

— Homem, com mulheres não é bom brincar, e toda cautela é pouca: não ha cabeça de mulher que não tenha seus momentos de loucura; cautela e caldo de gallinha não fazem mal a ninguem!

Raphael fingio um sorriso em resposta aos graças grosseiros do usurario.

Alguns minutos depois separárão-se os dous algozes.

A noite correu placida e tranquillã: nenhum ruido, nenhum movimento perturbou o somno da familia de Raphael; mas no dia seguinte a janella do quarto de Branca amanheceu aberta, e de balde se procurou a promettida esposa de Jorge — o *Triste*.

Raphael parecia succumbido: o desaparecimento de Branca, a sua fuga inesperada vinha destruir todos os seus projectos; mas sem que um só momento perdesse a serenidade de espirito sempre tão indispensavel em circumstancias dolorosas, começou primeiro por impedir que um

só de seus escravos sahisse de casa, para que fóra não transpirasse a noticia do lamentavel caso, e só ao principiari da tarde mandou por emissarios de sua inteira confiança observar se sua sobrinha se havia recolhido á cabana da mãe Cyriaca, ou se por acaso era encontrada pelas circumvisinhanças.

Os emissarios voltárão tristes e desanimados: Branca tinha escapado a todas as suas indagações e pesquisas.

O aspecto da casa de Raphael era melancolico e luctuoso: morno sileneio peava todas as linguas, ou só se fallava em voz baixa e temerosa, como perto do leito de um moribundo.

Alda conservava-se sempre no mesmo estado: a noticia da fuga de Branca produzira n'ella uma terrivel impressão; uma hora, porém, depois que lhe tinhão dado a funesta nova, de todo a havia esquecido, e retirada no seu quarto, nem sentia os signaes de afflicção que em sua casa se notavão.

Fóra da fazenda de Raphael, e logo que os emissarios por elle mandados partirão em busca de Branca, a noticia do desaparécimento da bella moça espalhou-se por toda a parte com essa rapidez fabulosa, que faz chegar a todos os ouvidos a nova de um acontecimento desagradavel.

Quanto mais ridicula ou terrivel é a historia que se conta, tanto mais com ella se alimenta a curiosidade do povo: aquelle que ouve a narração de um caso recente, e desgraçado, vòo logo a contal-o ao visinho, que por sua vez o vai passando a outros: o fio electrico da maledicencia faz desaparecer as distancias, e a historia corre dez leguas em uma hora, ornando-se no fim de cada legua com circumstancias novas que se inventão, com explicações quasi sempre alheias da verdade, até que no fim da decima legoa chega tão cheia de atavios e de ornamentos, tão correcta e emendada, que os primeiros que a contarão não a reconhecem mais no termo da viagem.

A tarde apenas tinha chegado ao seu meio, e já todos os habitantes das circumvisinhanças da fazenda de Raphael sabião que Branca havia fugido da casa de seu tio; e cada qual fazia sobre o caso as reflexões que mais justas julgava.

— Aposto, dizia um, que foi o *cavalleiro negro* quem furtou a sobrinha do Sr. Raphael!

— Qual furtar, nem meio furtar! acudia outro: pois tu acreditas que mulher é cousa que se furte?... a mulher foge muitas vezes, mas não se furta nem uma só vez.

— Pois deixou-se furtar pelo *cavalleiro negro*: não te lembrás das cavalhadas?...

— Sim; mas hoje todos sabem que o *cavalleiro negro* foi o Sr. Leonel, o engeitado da Al-dêa, e eu o vi ainda esta manhã muito socegado ir visitar a velha Cyriaca.

— Só se não foi elle!

— Então quem foi?... dizem todos que a Sra. D. Branca amava o Sr. Leonel.

— Que tem isso?... chegaria um terceiro mais feliz do que elle; a mulher vai para onde lhe dá o vento, e é capaz de mudar de namorados como de vestidos.

— Fugio! fugio! pensava outro: sou capaz de jurar que o *Forasteiro* anda mettido n'essa embrulhada: vão á toca do feiticeiro, e verão como lá encontrão a menina enfeitçada: aquelle velho é o diabo com figura de gente!

Mais longe rião-se outros da desgraça de Raphael, e vingavão-se do homem máo festejando o infortunio de sua casa, e o ridiculo, que cahira em sua familia.

Alguns pacs de familia censuravão acremente o procedimento de Branca diante de suas filhas: os mancebos defendião-na, e as senhoras, que nunca se perdoão umas ás outras, tanto mais séveras se mostravão para com a infeliz Branca, quanto mais se lembravão de sua formosura, e de seus encantos.

Mas onde estará, onde se teria ido abrigar a sobrinha de Raphael?...

Cyriaca e Iveta havião ficado sorprendidas, ao receberem a inesperada noticia, e tinhão cahido de joelhos rezando por sua filha e irmã adoptiva.

Leonel, ignorando o que succedera, conservárase a tarde inteira junto de sua madrinha, que lhe dava sabios conselhos de prudencia, que elle fingia ouvir, emquanto pensava na formosa Branca.

O *Forasteiro*?... o *Forasteiro* a ninguem tinha apparecido na noite que acabava de passar: seria elle autor de um rapto?... Branca ter-se-ia confiado a esse homem desconhecido e mysterioso?... ninguem o poderia asseverar.

O desaparecimento de Branca era um facto ainda inexplicavel; tinha desaparecido: mas como?... em que abrigo se acolhera?... ninguem o sabia.

Ao declinar da tarde, á hora do crepusculo, n'essa hora de encanto e de magia, em que o dia aeaba, e a noite começa, em que a luz e as trevas parecem tocar-se, um cavalleiro correndo á desfilada chegou á fazenda da velha Constança, atirou uma carta a um escravo, que ehegára á porta, voltou e desapareceu com a mesma rapidez, com que viera.

A carta era dirigida a Leonel: o escravo foi

ter com elle, que ainda se achava conversando com a velha Constança e entregou-lhe o papel, que recebera.

Leonel abriu a carta, e leu para si.

« Se o *cavalleiro negro* quer salvar a dama de seus pensamentos, corra, se é tempo ainda; Branca é n'este momento arrastada para uma casa sinistra, que lhe servirá de prisão, até que obedeça ás ordens de seu tio, e case com o filho do usurario: onde a levão não sei bem: além do rio Iguá ha uma velha casa, que os algozes chamão asylo, e que a victima terá de chamar carcere: cumpre que o *cavalleiro negro* acorde á voz de um — amigo. »

A pallidez de que se cobrio o rosto de Leonel não podia escapar aos olhos da velha Constança.

— Que carta é essa, meu filho?... perguntou ella.

Em vez de responder, Leonel correu á janella e bradou:

— O meu cavallo alazão sellado e prompto já, immediatamente!

— Que carta é essa?... tu não sahirás...

— Oh minha madrinha! sahirei, ainda que vá buscar a morte...

— Mas essa carta?.

— É a revelação de uma infamia! é a trai-

ção de Raphael, que me rouba sua sobrinha, e a arrasta para uma prisão, e para o martyrio!

— Meu filho!

Leonel tinha já deixado a sala: foi ao seu quarto, escondeu no seio um punhal, tomou o chapéo, e correndo como um louco montou a cavallo, e partio.

Apenas Leonel passou além da cancella do campo da fazenda, Constança tremula e agitada fez chamar o mais fiel de seus feitores, que recebendo em voz baixa uma ordem mysteriosa, montou tambem a cavallo e partio apressadamente.

Leonel levava o seu ardente alazão-alaranjado á redea solta, e corria sem saber bem para onde.

Sempre temerario e precipitado. não reflectira, que a carta que pouco antes recebera, mais parecia ter partido da mão de um inimigo, do que ser um aviso dado por amigo. Porque não trazia ella assignatura?... não era talvez um meio grosseiro de attrahir o mancebo para alguma emboscada?...

A mãe Cyriaca, Iveta, e o *Forasteiro* não hesitarião em ir fallar a Leonel; Jorge, se tivesse escripto, assignaria a carta, e qualquer dos numerosos amigos de Leonel; qualquer dos lavradores pobres, que tão dedicados erão ao *engei-*

tado da Aldêa, correria a ter com elle, e nenhum se lembraria de appellar para um meio, que podia naturalmente inspirar desconfiança, quando quizesse prevenir o mancebo dos perigos que ameaçavão Branca.

Mas Leonel não se dera o tempo de reflectir : a noticia do desaparecimento de Branca perturbava-lhe a razão ; seu sangue ardia com o fogo da febre ; tinha no coração a raiva, junto do seio um punhal, e na alma a negra idéa da vingança.

A carta fallava de uma casa solitaria do usurario, que demorava para além do rio Iguá : Leonel tinha ouvido muitas vezes fallar d'ella ; era uma casa sinistra ; mas infelizmente nunca a havia visitado, nem visto, nem sabia o lugar onde ficava. Não importa ; alguém lhe ensinaria o caminho ; Leonel corria.

Os camponezes que o vião passar apiedavão-se d'elle, pois que já conhecião a causa, que o levava em tão desesperado impeto ; e alguém que mais attento havia podido ler-lhe na physionomia os pensamentos, que agitavão sua alma, dizia tremendo :

— Ai de Raphael !...

A noite começava a envolver a terra com seu manto, quando Leonel, tendo passado além do

rio Iguá, e vendo-se embaraçado sobre o caminho, que devia seguir, lembrou-se, que a poucas braças da estrada vivia uma familia de pobres lavradores, que lhe erão dedicados: atirou-se logo para o pequeno *sítio*, chegou em poucos instantes á casa, saltou do cavallo e entrou.

— Meu padrinho!... exclamou batendo as mãos uma linda menina, que teria seis ou sete annos de idade.

— Adeos, Clara, adeos; mas onde está teu pae?... já, já... vai chamal-o, preciso fallar-lhe.

A menina não teve de sahir; porque, ouvindo a voz de Leonel, corrêrão a recebê-lo o pae, que era um homem de meia idade, rosto franco, leal, e alegre; e a mãe, que apenas teria trinta annos, e que trazia um filho pela mão, e uma filhinha recém-nascida ao collo.

Parárão ambos admirados ao ver Leonel coberto de suor, e poeira, com os olhos em chamas, e os traços pbysonomicos decompostos.

— Cosme, Lucia, adeos! preciso que um de vós me ensine o caminho da casa, que tem n'estes lugares Claudio Góes, o *Onça*; já, e depressa...

— Como?... pois quer...

— Depressa, e já, ou parto em procura de quem melhor me attenda.

— Mas que acontece?...

Em duas palavras Leone! disse o que succedera.

— Agora ensina-me o caminho d'essa casa.

— Oh meu compadre! não caia vossa mercê em lá ir, respondeu Cosme; não sabe que todos chamam essa casa, a casa mal-assombrada?...

— Embora! estou perdendo o tempo mais precioso da minha vida!...

— Deixe então, que eu lhe conte as cousas extraordinarias e pavorosas, que se tem passado n'aquella maldita casa.

— Não! e não! Cosme, pela ultima vez, ou ensina-me o caminho que vai ter a essa casa, ou nunca mais me verás chegar á porta da tua.

— Ensina-lhe, Cosme, disse Lucia; tu bem vês que elle está fóra de si, e que é capaz de se perder ahi por esses caminhos, ou...

— Está bem, meu bom compadre, visto que não quer attender-me, iremos juntos.

Lucia empallideceu.

— Não: quero e heide ir só: ninguem se ha de ir arriscar por mim: ensina-me o caminho. e basta.

Poucos minutos depois Cosme e Lucia, que tinham ficado á porta, enquanto pudêrão ouvir o ruido do galopar do cavallo, recolhêrão-se, e olhando um para o outro, disserão em voz baixa:

— Malditos sejam Raphael, o máo, e Claudio Góes, o *Onça*.

Seguindo a direcção que Cosme lhe indicára, Leonel no fim de alguns minutos deixou a estrada real, e lançou-se por um estreito e tortuoso carreiro, pelo qual foi obrigado, apesar de toda sua sofreguidão, a levar o cavallo a passo.

Ao cabo de meia hora de marcha difficil e penosa, o mancebo desceu a um valle estreito e profundo, onde a natureza era triste, o solo ingrato, e o coração do homem dolorosamente se apertava: vegetação enfezada, apenas em um ou outro ponto apparecia na encosta de montes pedregosos; em vez de uma corrente, um verdadeiro paul se estendia no seio do valle, em cujo fundo avistava-se uma casa arruinada, que era propriedade de Claudio Góes.

A casa era como o sitio de triste ou sinistra apparencia: suas paredes ennegrecidas pelo tempo, estavam em muitos lugares esburacadas: as portas e janellas fechadas; mas, quasi todas fendidas, não podião impedir que olhos curiosos lhe devassassem o interior: um degráo apenas a levantava acima do terreno; mas tinha um sótão, que aliás ameaçava imminente ruina.

Ao pé da casa uma simples cabana dava guarida a dous pobres velhos. O interesse e não o

amor do proximo os havia ali acolhido : Claudio Góes sob pretexto de fazer uma esmola áquelles infelizes , tinha-os encarregado da guarda de sua propriedade, e do cultivo e conservação de um miseravel pomar.

Leonel correu primeiramente a ter com os velhos, aos quaes vio sentados ao pé de um fogo á porta da cabana, e que admirados se levantarão ao sentirem que um cavalleiro se aproximava.

— Onde está Claudio Góes?... onde está Raphael?... perguntou Leonel saltando do cavallo.

Os velhos olhárão espantados um para o outro, e nada respondêrão.

— Não procureis esconder-me a verdade: sei que esses dous miseraveis arrastárão para aqui uma infeliz menina : quero saber onde estão.

— Senhor , respondeu um dos velhos : vossa mercê veio enganado ; ha seis mezes, que não se tem visto na *Cova-negra* um vulto humano , não contando comuoso.

Cova-negra era o nome d'esse valle feio e antipathico. Leonel olhou com olhos abrasados de colera para os dous velhos, e apontando para a casa, replicou:

— Estão ali, eu o sei.

— Ali?... oh! não : ninguem pensaria em se recolher áquella casa.

— Pois bem : quero entrar dentro d'ella e convencer-me de que não mentis ; uma luz, ou um facho, e a chave.

— Senhor... aquella casa é maldita !

— Zombais de mim ; mas eu saberei fazer tudo por minhas mãos : não me quereis dar a chave?...

— Senhor... vossa mercê deve saber...

— Negais-me aquillo de que não preciso, meus velhos : ides ver o que faço.

Apenas o disse, Leonel tomou algumas varas, que ardião na fogueira, precipitou-se para a casa, com um pontapé deitou a porta dentro, e entrou.

Os dous velhos ficarão mudós e boqui-abertos.

Leonel agitando sobre sua cabeça as varas ardentes, correu a casa toda, subio ao sótão, examinou todos os quartos, e sahindo triste e contrariado, porque a ninguem tinha encontrado, dirigio-se de novo aos velhos.

— Dissestes a verdade, ninguem está ali dentro ; perdoai-me se duvidei da vossa palavra ; mas agora jurai-me pela salvação das almas de vossos paes, e das vossas, jurai-me que nem Claudio Góes, nem Raphael aqui vierão ?

— Nós o juramos, senhor.

Leonel não quiz ouvir mais ; montou a cavallo, e voltou com toda a pressa que o caminho permittia.

Pela primeira vez brilhou no seu espirito a idéa, de que a carta, que recebera, podia ser obra de Raphael, ou de Claudio Góes.

Mas que fazer então?... o impetuoso mancebo começava a duvidar de si proprio, e a acreditar, que se o seu braço era sempre vigoroso e prompto na acção; a sua cabeça ás vezes era pouco feliz na reflexão.

» Tudo concorria para augmentar-lhe as difficuldades e os tormentos: a propria natureza principiava a conspirar contra elle: á medida que a noite se adiantava, uma terrivel tempestade se ia preparando em nuvens carregadas e negras, que se amontoavão no horisonte. Relampagos offuscadores rasgavão já os ares, que cada vez mais se toldavão: a borrasca estava imminente e proxima a desabar.

Leonel vio-se emfim livre do trilho quasi intransitavel, que o levára á *Cova-negra*, e entrando na estrada real, tornou a fazer o seu ginete correr a toda brida, voltando para o lado, em que corre o rio Aldêa.

Tinha perdido inutilmente algumas horas e exasperado maldizia a sua inexperiencia e credulidade: em sua cabeça já não fervia nenhum projecto... não sabia o que lhe cumpria tentar, e arquejava de raiva.

Mas atravessando o campo da fazenda de Iguá, que se abre junto do rio do mesmo nome, algumas luzes vierão tocar os olhos de Leonel, e um canto religioso chegou aos seus ouvidos.

Sciante dos costumes da sua terra, o mancebo não tardou a adivinhar o que era que ali se passava.

Depois da mudança do local da freguezia de Itaborahy, que era d'antes n'essa mesma fazenda, servindo de matriz uma capella consagrada a Nossa Senhora da Conceição, grande parte da população, tendo levado a mal, que um outro orago se tomasse para a nova parochia, redobrára de ardor no culto da Sacrosanta Virgem.

Entre numerosas e ferventes demonstrações de devoção, um terço era na capella celebrado em todas as noites dos sabbados, e numerozo concurso de fieis acudia sempre para rezar aos pés da sagrada imagem da Mãe dos Christãos.

Ainda quando Leonel não fosse profundamente religioso, de sobra erão as circumstancias tormentosas em que se via para que elle deixasse de recorrer ao poder divino.

A mais doce e consoladora das esperanças, aquella que é filha da fé em Deos, que tudo pôde, encheu de consolação e de suavidade o coração de Leonel, que diligente se dirigio para a capella, e foi ajoelhar-se nos degrãos do altar.

No meio de suas orações pedia á Santissima Virgem, que lhe restituísse a sua querida Branca, e quando o terço acabou, quando todos os devotos se haviam retirado apressados, porque a tempestade já bramava, Leonel ergueu-se, e dirigindo-se ainda uma vez á sagrada imagem, exclamou em alta voz :

— Oh! Mãe Santissima! ouvi os meus rogos! fiz com que eu torne a ver aquella a quem amo, a escolhida do meu coração!...

Logo depois sahio reanimado pela fé, e com a alma cheia de esperanças.

No campo a escuridão era profunda; Leonel avançou um passo para o sitio, onde deixára preso o seu cavallo, quando uma voz, que partia da sombra, soou a seus ouvidos, dizendo :

— Leonel! hasde ver Branca esta mesma noite.

O mancebo atirou-se para o lado d'onde partira a voz, e achou-se diante de um vulto negro, que segurava o seu cavallo pelas redeas.

— Quem és tu?...

— Não me conheces?... perguntou o vulto.

Leonel reconheceu o *Forasteiro*.

— E Branca?... e Branca?...

— Tu a verás, eu o disse.

D'ahi a pouco Leonel e o *Forasteiro* fazião seus cavallos correr a toda brida para o lado do Aldêa.

VIII.

Tempestade e luta.

Nunca vi funcção, que menos se
pareça com uma bôda.

SHAKSPEARE.

Ruge, ruge, tormenta desvairada,
O' filha do deserto!

A. HERCULANO.

A tempestade acabava de desabar com furor e violencia.

A chuva, impellida pelo vento, cahia em vastos leuções d'agua: as nuvens escondião o céu com a negridão da borrasca: os trovões se succedião de instante a instante, entremeiados e annunciados pelos relampagos, que brilhavão deslumbrantes no espaço, como enormes serpentes de fogo.

A natureza gemia sob o imperio do terror.

Nas cidades não se pôde fazer uma idéa exacta e completa do que seja uma tempestade.

E na solidão immensa do oceano, ou nos desertos de um paiz novo que a borrasca sabe ostentar todos os seus horrores e impetuosidades.

É terrivel ver bramir um céu ennegrecido por cima de florestas seculares: a estrada que corta os bosques torna-se uma torrente; o rio que trasborda, rugindo como o leão, transforma o campo e o valle em um lago immenso: os échos das montanhas repetem o bramir das nuvens, o trovejar do céu; os fuzis são tochas infernaes que se accendem um momento para mostrar as scenas do horror, e se apagam logo para que redobre o horror no abysmo das trevas; e o vento arrojado e impetuoso arranca de cima do monte a arvore de cem annos e a arroja no valle, fazendo-a levar diante d'ella ramos, que rebentão, e outras arvores, que estalão e se desprendem, misturando todo esse pavoroso ruido com o ronco das cachoeiras, com o fragor das catadupas, e com o estampido dos trovões.

Era assim a tempestade, que acabava de desabar.

Mas a despeito das trevas e da borrasca, arrostando as torrentes, que alagavão a terra, e os

raios que partião do céu, dous cavalleiros ião levando seus cavallos a troté largo para o lado da nascente povoação de Itaborahy.

Felizmente para elles, tendo partido da margem direita do rio Igná, não tinham mais nenhum rio que passar até á povoação que nomeámos.

Como é facil de adivinhar, esses dous cavalleiros erão Leonel e o *Forasteiro*.

O ancião e o mancebo, igualmente apressados, apertavão as esporas contra o ventre dos cavallos, que trotavão bufando desinquietos; porque a chuva, arrojada com força pelo vento, cahia-lhes do encontro ás caras, e lhes ofiendia os olhos.

Os dous cavalleiros guardavão um silencio que não rompião uma só vez: como se estivessem certos de que um unico pensamento os dirigia a ambos, e que suas idéas e seus projectos em tudo se assemelhavão, não se lembravão nunca de trocar a mais simples palavra.

Caminhavão, pois, em silencio ao bramar da tormenta, açoitados pelo vento, e alagados pela chuva, e apenas uma ou outra vez, quando por acaso se interrompião os trovões, ouvião, passando diante de algum *sítio*, que demorava á beira da estrada, sahir da humilde cabana a reza entoada em voz alta, dolorosa e tremula pelos seus pobres habitantes.

Emfim, o *Forasteiro* e Leonel chegarão á povoação de Itaborahy; mas em vez de irem bater á porta de algum amigo, ou conhecido, até que cessasse a tempestade, apressarão ainda mais os cavallos, lançando-os pela ladeira do *Bom-Fim*, e seguindo a estrada que vai ter ao rio Varzea.

Tres a cinco minutos depois os dous cavalleiros estacarão de repente os seus cavallos.

O rio Varzea trasbordára : sua corrente tornára-se impetuosa, e lançava-se raivosa e arrojava-se violenta levando diante d'ella os arbus-tos, que cresião á sua margem, e que depois de enrolados na areia, erão arrancados e levados pela ruidosa torrente.

O rio não tinha ponte; era pois quasi uma loucura pretender atravessal-o.

Os dous cavalleiros acabavão de respirar, quando o *Forasteiro*, voltando o rosto para o mancebo, perguntou :

— Tens medo?...

Por unica resposta Leonel picou com as esporas o seu ardente cavallo, que de um salto foi atirar-se no meio da corrente.

O *Forasteiro* seguiu immediatamente Leonel...

Houve alguns minutos de luta terrivel para os cavallos, que bufavão, nadando com as cabe-

ças levantadas; os relampagos mostravão-lhes a estrada além do rio; os cavalleiros procuravão animal-os com vozes e signaes, a que sem duvida aquelles animaes se achavão habituados: por vezes pareceu impossivel aos dous cavalleiros resistir á força e violencia do rio, até que enfim os cavallos tocárão a margem desejada, e sem lhes ser concedido um só momento de descanso, continuárão no seu largo trote a vencer a estrada, que fugia debaixo de seus pés.

Uma hora ainda de longa e incommoda viagem passou para os dous cavalleiros, que, finalmente, tornárão a parar, não como da outra vez, diante de um rio, mas diante da cancella de uma fazenda.

O *Forasteiro*, como se fosse o mais habil pratico d'aquelles lugares, tinha conduzido o mancebo por atalhos e trilhos, umas vezes para encurtar as distancias, e outras para fugir de atravessar algum regato engrossado pela chuva, de modo que Leonel, apezar de muito conhecedor de todas as estradas e caminhos da sua freguezia, ou por muito occupado de seus pensamentos de amor e de vingança, ou porque verdadeiramente se achasse desnorteado, no primeiro momento não conheceu a fazenda a que acabava de chegar.

Mas um relampago mostrou a seus olhos o campo, as casas, o engenho, e as senzalas, e apenas as distinguio, o mancebo exclamou sorprendido :

— A fazenda de Raphael!

Por unica resposta o *Forasteiro* abriu a cancella, e disse a Leonel:

— Avante!

O mancebo passou adiante, e voltando o cavallo, fallou ao seu companheiro de viagem:

— Entreguei-me a vós, como um cego ao seu conductor...

— Que mais?... perguntou o ancião.

— Promettestes mostrar-me Branca.

— Sim.

— Acompanhei-vos sem vos perguntar para onde me levaveis; não procurei nem mesmo examinar a estrada e os atalhos, por onde me conduzistes, e de subito vejo, que me arrastastes até á fazenda de Raphael...

— Então?...

— Branca foi arrancada d'aquella casa; não era portanto aqui, que me devieis ter trazido!

O velho não respondeu.

— Senhor! disse Leonel levantando a voz: uma vez que me o promettestes, haveis de dizer-me, onde se acha Branca.

— Trazes o teu relógio, Leonel? perguntou o *Forasteiro* friamente.

— Não; respondeu de mau humor o manco.

— É o mesmo: trago eu o meu; esperemos um fuzil, que nos allumie.

E abrindo o seu relógio diante dos olhos, esperou alguns instantes.

Um relampago brilhou no espaço e foi logo seguido de um horroroso trovão.

— Chegamos a tempo, disse o ancião com voz calma e serena: faltão cinco minutos para a meia noite.

— E que tem isso?...

— As luzes vão accender-se na capella.

E como se os factos devessem vir logo verificar as palavras d'aquelle homem mysterioso, Leonel viu atravez da escuridão começarem a scintillar algumas luzes na capella da fazenda de Raphael.

— Adivinhastes... cil-as!... exclamou o manco.

— Chegamos a tempo: tornou o velho, approximando-se tanto de Leonel, que pôde pousar a mão sobre a cabeça do cavallo do seu companheiro de viagem.

— E Branca? perguntou este com anciedade.

— Sabes o que deve ter lugar ali na capella, Leonel?...

— Dizei... dizei...

— Um casamento...

— E Branca?... Branca?:...

— Está lá... é a noiva...

Leonel enterrou as esporas no seu fogaço cavallo; mas este em vez de precipitar-se em violenta carreira, empinou-se, e depois bateu com as mãos no mesmo lugar, e ficou immovel bu-fundo de raiva.

— Mancebo, disse o *Forasteiro*, adivinhei o teu pensamento; caleulei com a tua precipitação, e felizmente já tinha a mão no freio do teu cavallo, quando o feriste com as esporas.

— Senhor!

— Nada, nada de observações; prosigamos em nossa viagem: não vêdes que nos achamos tão perto do termo d'ella?

— Mas...

— Nada de observações, já disse: segui-me, que é tempo; a hora solemne acaba de soar.

Leonel curvou a cabeça, sentindo-se dominado, apesar seu, pela influencia d'aquelle homem extraordinario; e conseguindo triumphar de seu desespero, fez o seu cavallo marchar a passo ao lado de seu companheiro de viagem.

Quanto mais avançavam, mais distinguíam as luzes, que brilhavam na capella.

O *Forasteiro* ouvia a respiração agitada de Leonel, apesar do ruído da tempestade e do tropel dos cavallos, e no meio da escuridão via o brilho sinistro dos olhos do mancebo.

Finalmente, os dous cavalleiros pararão a algumas braças de distancia da capella; apeão-se e prendêrão seus cavallos a uma arvore.

— Jura-me, que hasde ser prudente! disse o *Forasteiro*, voltando-se para Leonel.

— Juro, que farei o que devo; respondeu este.

— E perderás tudo! e Branca será esposa de Jorge!

— Nunca!

— Leonel, deixa que eu seja a cabeça, que pense por ti: não te arreponderás.

— Senhor!

— Jura, que me obedecerás!

— Pois bem: serei obediente... serei fraco uma vez... disse Leonel apertando a mão do velho.

— Agora, vem comigo: murmurou o *Forasteiro* visivelmente sensibilizado.

O velho e o mancebo avançaram até á porta da capella.

Leonel ia entrar ; mas o *Forasteiro* travou-lhe do braço e o suspendeu.

— Nem mais um passo, disse.

O mancebo parou junto do lumiar

— Agora vê, tornou o *Forasteiro* apontando para a nave da capella.

Leonel vio então um padre em pé junto do altar : logo depois entrárão na capella, e se enca-minhárão para o altar Branca, que era levada pela mão de Raphael, e Jorge, que era quasi arrastado por Claudio Góes.

Duas outras personagens, dous homens decentemente vestidos, approximárão-se tambem : crão complices de Raphael, devião ser testemunhas de um casamento.

O *Forasteiro* sustinha Leonel prendendo-lhe o braço entre os seus dedos de ferro.

Agora devemos suspender por breves instantes a narração que estamos fazendo. Cumpre antes de proseguir n'ella dar uma ligeira idéa do theatro em que se vai passar a scena a que chegamos, e em que se passarão ainda outras de não menor importancia.

O romancista tem obrigação de escrever o drama e ao mesmo tempo de edificar o seu theatro.

Lancemos pois uma vista d'olhos sobre a capella da fazenda de Raphael.

A capella tinha uma unica porta, que abria para o campo, e que dava entrada immediatamente para a nave, de modo que o christão que buscava aquella casa de Deos, apenas tocava o lumiar via logo em frente o sagrado altar.

Um pouco abaixo das escadas do altar havião mais duas portas; a que lbe ficava á esquerda communicava-se com a sacristia, e esta era logo seguida, para o lado da entrada da capella, de uma sala, que dava sahida, ainda para a parte direita, para o cemiterio da fazenda. Chamava-se — a sala dos mortos.

A porta da esquerda abria-se em uma sala, por cima da qual ficava a tribuna destinada á familia do senhor e dono da fazenda: um longo e escuro corredor ladeado de quartos, ou pequenas saletas, que ninguem habitava, servia para estabelecer facil communicação entre a capella e a casa de vivenda.

Contentamo-nos com o pouco, que acabamos de dizer: a imaginação do leitor pinte de vermelho as portas da capella, e as grades de páo da tribuna, e carregue de pesados ornatos o altar, todo de obra de talha dourada, e faça alvejar as paredes altas e nuas.

E ainda mais alguns momentos de paciencia.

Talvez que o leitor não tenha podido compre-

hender como Branca, que havia fugido na noite antecedente da casa de seu tio, apparecia então na capella conduzida pela mão de Raphael, aos pés de um padre, que a esperava junto do altar, sem duvida para casal-a com o filho do usurario.

Poucas palavras serão de sobra para encher de luz as trevas e desnublar o mysterio.

Volte o leitor connosco á noite antecedente: é privilegio nosso fazer viver os dias já vividos, e renovar o passado. Se não fôra esse privilegio, ninguém quereria ser romancista.

Voltemos pois á noite antecedente.

É meia noite.

Na casa de Raphael dormem todos, menos elle o Branca. Alda sonha gemendo: a sua dôr não dorme nunca.

Raphael, que parecia descansar ao lado da esposa, ergue-se, e tomando uma luz, encaminha-se para o quarto de Branca.

A triste amante de Leonel, que velava pensando no escolhido do seu coração, vio a luz, que penetrava por baixo da porta do seu quarto, e levantou-se assustada da cadeira em que estava sentada.

Logo depois ouviu a voz de Raphael.

— Branca, ainda não dormes? eu preciso falar-te: estás vestida?

— Sim, meu tio; respondeu a moça.

— Abre então.

Branca abriu a porta: julgou que seu tio vinha desconfiado observá-la, e apresentou-se a seus olhos firme e calma.

— Aqui estou, meu tio; disse ella.

Raphael pareceu hesitar.

— Que me quereis, senhor? perguntou a joven com voz socegada e triste.

— Venho perguntar-te, se estás enfim resolvida a casar-te com o Sr. Jorge?

— Não respondi eu já, senhor?

— Mas agora?...

Branca encarou Raphael com firmeza e dignidade; mas não respondeu.

O seu silencio era quasi desprezador.

— Estás ou não disposta a obedecer-me?... repetio-lhe Raphael com autoridade.

— Não; disse a joven.

— Pensa bem no que respondes, Branca!

— Já declarei que amava a outro, senhor.

— E portanto...

— E portanto, esposa d'elle, ou esposa de Deos.

— Bem: em tal caso, segue-me.

— Seguir-vos?!!

— Sim, e immediatamente.

— Seguir-vos?... e para onde?...

— Sabel-o-has dentro em pouco.

— E minha tia?...

— Dorme.

— Seguir-vos então?... É para onde quereis levar-me?...

— Tens medo?...

— Oh senhor! eu já não tenho medo de nenhum perigo: o perigo assusta, porque é o caminho da morte, e eu desejo morrer.

— Receias então que eu te vá condemnar a tormentos, que sejam superiores á tua constancia, e que te fação sacrificar o teu acrisolado amor?...

A ironia de Raphael ferio o coração de Branca e despertou-lhe o orgulho: ella ergueu a cabeça, lançou sobre o seu algoz um brilhante olhar de desafio, e com um sublime sorriso nos labios, disse sem hesitação:

— Vamos; eu vos sigo.

Raphael não contava com tão facil victoria: voltou-se, pois, com rapidez para não deixar ver a alegria que ella lhe causava, e tomou logo a direcção da sala.

Branca o seguiu de perto.

Chegados á sala, Raphael não parou, e abrindo a porta, que dava passagem para a capella, avançou pelo corredor.

A misera joven estremeceu, mas foi sempre andando em seguida de seu tio.

Emfim, entrárão na sala, que ficava contigua á nave da capella, e por baixo da tribuna.

Raphael voltou-se para traz, e disse:

— Esta sala será de hoje em diante todo o teu mundo, até que te mostres obediente aos justos desejos d'aquelle, que te governa, e te serve de pae.

— Como?... prendeis-me então?...

— É isso pouco mais ou menos, senhora; ficarás encerrada aqui até o dia em que me declarares, que estás prompta a receber Jorge por teu marido.

— Oh meu pae!... oh minha mãe!... exclamou Branca elevando as mãos, como se appellasse para o céu!

— Pódes fazer quantas exclamações quizeres, ia dizendo Raphael.

— Perdão, meu tio, disse Branca interrompendo-o: escapou-me involuntariamente um grito partido do coração: hade ser o ultimo, e aqui ficarei toda a minha vida.

Raphael rio-se com escarneo.

— Vêl-o-eis, senhor! tornou a moça alçando a voz.

— Como te aprouver, menina; continuou no

mesmo tom de zombaria o algoz; ali tens agua e alimentos para o dia de amanhã: não morrerás á fome e á sêde; serei um bom e humano carcereiro: que mais queres?

— Nada mais, senhor; tenho a dous passos o altar de Deos para ir orar, e pedir á Santa Virgem, que alcance de seu Bemdito Filho o vosso perdão, senhor!

— Pódes orar todo o tempo que quizeres, minha sobrinha; e se tiveres medo da solidão, e desejares soccorro, ou se te vier ao pensamento dar a conhecer que estás aqui presa, grita, e grita bem; porque é preciso que grites bem alto para que te possam ouvir!

— Gritar?... e quem me acudirá n'esta casa, se eu gritar?

— Eu... pelo menos, eu, sem duvida eu.

— Oh senhor! podeis estar seguro de que me deixaria morrer sem exhalar um só gemido com receio de que me ouvissem.

Raphael fingio não entender o que lhe queria dizer a sua victima, e deixando a luz sobre uma mesa, olhou de novo para Branca, deu-lhe as boas noites com um accento de ironia insultuosa, e retirou-se.

Branca ouviu o ruido de tres ou quatro portas, que se fechavão sobre ella, e levantando-se

correu á capella, atirou-se de joelhos aos pés do altar, e bradou :

— Meu Deos! meu Deos! meu pae do céu!... devo eu ficar aqui presa toda a minha vida?...

Raphael, depois de trancar a ultima porta, que abria para o corredor da capella, entrou na sala, sentou-se para descansar alguns momentos, e logo depois erguendo-se, disse fallando comsigo mesmo :

— Agora estou seguro : dentro de vinte e quatro horas ella será mulher do filho de Claudio Góes.

E accrescentou com voz quasi imperceptivel :

— E além de vingar-me, e de ferir ainda uma vez os meus inimigos... não verei desabar a minha fortuna.

E satisfeito do que fizera, foi dormir o somno do máo, ao lado d'aquella que dormia o somno da loucura, do remorso ou da desgraça.

Branca tinha ficado de joelhos junto do altar da capella, e tanto orou, e tanto chorou, que os anjos do céu derramarão sobre ella as papoulas do paraíso, e a joven ali mesmo adormeceu.

Duas horas depois despertou : levantou-se assustada parecendo-lhe que ouvia passos de alguem, que se retirava da nave da capella ; voltou

a cabeça tremendo de susto, e julgou ver um vulto negro, que fugia pelo lado da sacristia; quiz gritar, e não pôde; faltou-lhe a voz, e cahio outra vez de joelhos.

No dia seguinte ninguem vio Branca na casa de Raphael.

A noticia da fuga da infeliz joven correu por toda a parte.

Raphael esperou longas horas a observar, se a sobrinha denunciava a sua prisão com seus gritos e brados: seguro, emfim, do silencio da victima, fingio acreditar na fuga de Branca, e mandou procural-a pelas circumvisinhanças.

As indagações, que por sua ordem fizeram os seus emissarios, tinhão por fim illudir a Leonel, e para definitivamente livrar-se do mancebo, e afastal-o dos arredores da sua fazenda, Raphael fez escrever aquella carta auonyma, em que elle proprio e Claudio Góes, seu complice, orão accusados.

Já vimos que a carta havia produzido o effeito desejado, graças á imprudencia e ao genio impetuoso do *engeitado da Aldéa*.

Tudo pois corrêra o melhor possivel para Raphael: habil e previdente elle tinha calculado com todos os obstaculos, e todos os obstaculos havia conseguido remover para chegar ao seu

fim: apenas se esquecêra de um homem: não contára com o *Forasteiro*.

Mas que poderia importar ao *Forasteiro* o casamento de Branca?... que tinha elle que ver com os projectos de Raphael?... e o que ousaria tentar, e chegaria a realisar esse personagem desconhecido, solitario, sem recursos, e sem amigos?...

Raphael contou com anciedade e impaciencia as horas d'aquelle dia, que lhe parecião arrastar-se pesadas. Seus emissarios chegavão a cada momento annunciando-lhe os vãos esforços que tinhão feito para descobrir a sua victima; e alguns espiões de confiança corrião a dar-lhe parte de todos os passos de Leonel.

André, o esperto sobrinho do velho Anselmo, que se tinha feito o mais activo e desvelado d'esses espiões, chegou coberto de suor e poeira ao pôr do sol á casa de seu novo amo.

— Então?... que ha?... perguntou-lhe este em voz muito baixa.

— Novidade; respondeu André no mesmo tom: o Sr. Leonel faz o seu cavallo voar, como uma flecha de caboclo, em direitura da freguezia.

Um sorriso quasi imperceptivel passou pelos labios de Raphael.

— Tanto melhor, disse elle comsigo; o cami-

nho da freguezia é o mesmo que vai ter ao rio Iguá: a minha carta está dando de si.

Algun tempo depois começou a tempestade.

Erão dez horas da noite; ribombava a borrasca: Alda rezava no seu quarto; Raphael conversava com dous amigos, que tinhão chegado antes da chuva, com grande felicidade para elles, pois que vinhão encasacados, e ataviados, como se tivessem de assistir a alguma festa.

— Santa Barbara! São Jeronymo! exclamou um d'elles deslumbrado por um fuzil e aturrido por um trovão pavoroso.

— Que é lá isso, compadre?... perguntou Raphael: pois tem medo do perigo que já passou?...

— Com a fortuna!... como me póde faltar o tempo para ter medo do raio, que ha de vir, vou me assustando com aquelles de que escapo... mas... quer saber, compadre?... duvido que o *Onça* se atreva a metter-se a caminho com este tempo!

— Oh! hade, hade! o *Onça* conta apoderar-se hoje de uma bella presa.

— E o noivo, disse o outro, e o noivo?... esse viria por entre relampagos e coriscos.

— Mas já erão horas... creio eu.

— Pois bem: sinto tropel de cavallo... eil-os ahi!

Com effeito, Claudio Góes, o *Onça*, e Jorge, o *Triste*, entrárão na sala alguns momentos depois. Como era de prever, chegavão alagados.

Em quanto o velho usurario e seu filho mudavão de roupa, e preparavão-se para o acto solemne, que ia ter lugar, Raphael foi dar as ultimas ordens.

Seguido de duas escravas que levavão os vestidos e a corôa de noiva, dirigio-se á sala contigua á capella, onde Branca se achava encerrada.

As escravas ollárão espantadas uma para a outra: acabavão de comprehender tudo.

— O teu casamento com o Sr. Jorge vai celebrar-se dentro em poucos minutos; disse Raphael á sua sobrinha: eis ahí os teus vestidos de noiva; creio que te deixarás vestir.

Branca ergueu-se: tinha as faces afogueadas, os olhos brilhantes, e ardente febre a devorava.

— Vestir-me-hei, sim, disse ella com voz tremula e agitada: as vestes de uma noiva são iguaes á mortalha de uma virgem; hão de por tanto assentar-me bem. Retirai-vos pois, meu tio! a noiva quer vestir-se.

Raphael voltou para a sala, onde o esperavão os seus amigos, em quanto Branca com uma agitação verdadeiramente febril deixava-se pentear e vestir pelas escravas.

Pouco antes da meia noite, Raphael, Claudio Góes, Jorge, e as duas testemunhas encaminhã-
rão-se para a capella.

Pararão um momento na sala em que estava Branca já vestida e prompta.

O noivo, que até alise conservára silencioso, e, por assim dizer, inerte, avançou alguns passos para a formosa joven, que ia em breve ser sua mulher.

Branca levantou a cabeça com singular ousadia.

Os dous noivos encararão-se.

A mulher, que devia estar confundida pelo pudor, e tremula de receio, mostrava-se cheia de fogo, e dardejava vistas inflammadas.

O homem, que devia naturalmente apresentar-se com todo o ardor de um affecto vehemente, e de uma esperança luminosa, achava-se pallido, abatido, e desanimado.

Parecia que tinham ambos trocado os papeis que lhes cabião; entretanto ambos se comprehenderão.

Jorge chegou até junto de Branca, curvou-se ante ella, e tomando-lhe a mão para beijar-lh'a, disse-lhe baixinho :

— Socegai, senhora; eu direi que « não ».

— Se eu não disser primeiro, senhor; respondeu-lhe Branca também em voz baixa.

As luzes brilhavam já na capella.

— Vamos, senhores! disse Raphael.

E dando aos outros o exemplo, tomou elle a mão de sua sobrinha, e rompeu o cortejo.

Claudio Góes seguiu logo apóz com o filho.

As duas testemunhas fechavam o cortejo.

Alda não tinha vindo assistir á cerimonia: rezava, gemia, ou dormia.

Um sacerdote já estava ao pé do altar esperando os noivos.

Era o capellão da fazenda de Raphael, e chamava-se Christiano.

O padre Christiano era um homem de quarenta annos de idade; alto, magro, e pallido; sua figura, seu aspecto parecião annunciar uma vida passada em jejuns e nos martyrios da carne: sua fronte alta e bella dava fianças de uma intelligencia brilhante: sua voz sonóra e melancolica enchia de um encanto inexplicavel suas palavras sempre notaveis pela gravidade e sabedoria dos pensamentos, que exprimião; tinha os cabellos negros, crescidos e cahidos ao redor do pescoço: as mãos brancas e bem feitas; mas o que n'elle sobretudo agradava, era o olhar sereno, doce, animador, angelico talvez, que derrama-

vão meigamente seus grandes olhos de um azul admiravel.

Tinha o olhar de um santo: adivinhava-se o coração do homem n'aquelles olhos.

O padre Christiano apenas vio chegarem os noivos, deu alguns passos para elles, trazendo na mão direita algumas folhas de papel.

Dirigio-se antes de todos a Raphael.

— Tudo está em regra, senhor, disse, mostrando os papeis: tudo está, como era de esperar que estivesse: temos a licença para celebrar o casamento a esta hora, e n'esta capella; temos a dispensa dos pregões: nada pois nos falta, e portanto podemos dar começo a esta sagrada solemnidade.

— Um momento, senhor padre! disse Branca afastando-se de Raphael: um momento!... Tenho eu o direito de dizer algumas palavras?

— Senhora, respondeu o padre Christiano; ninguem aqui tem mais direito de fallar do que vós e o senhor vosso noivo: é meu dever ouvir-vos: fallai pois!

— Não a ouçais, padre! exclamou Raphael avançando um passo.

Começava a reinar tanta confusão e ruido na capella, e era ainda tão forte a tempestade, que ninguem se apercebeu da entrada de dous novos

personagens na capella: se alguém, no entanto, tivesse voltado os olhos, veria um ancião sustentando á força um mancebo, e procurando occultar-se com elle na sombra.

— Não a ouçais, padre! repetio Raphael.

— Por Deos, que nos ouve, Sr. Raphael, nunca tal faria eu!

E voltando-se para a noiva, o padre Christiano continuou dizendo:

— Em nome de Deos, senhora, podeis fallar. Raphael recuou bramindo de raiva.

— Temos arenga?... perguntou Claudio Gócs em sua linguagem ridicula e baixa.

— Eu me havia esquecido de que este padre é ás vezes louco... respondeu Raphael.

Branca dirigio-se ao sacerdote.

— Padre, disse ella: póde-se casar uma mulher á força, e contra a sua vontade?... Póde-se prendel-a em sagrados laços, quando ella diante de Deos, diz — *não!* — e repelle esses laços?

O padre Christiano olhou com severidade para Raphael, e depois voltando os olhos para a joven, respondeu com doçura:

— Não, mil vezes não, minha filha; Deos quer os juramentos, que partem do coração, e não aceita outros.

— Pois bem: eu vos declaro, que me arras-

tárão aos pés do altar... eu vos declaro, que não quero casar com o Sr. Jorge, e juro-vos que elle também foi para aqui arrastado, e que também não quer casar comigo!

— É impossivel?!?! exclamou o padre Christiano!

— É verdade, meu padre! balbuciou Jorge tremendo.

Claudio Góes deu um salto para traz, como tendo recebido um golpe inesperado.

— Padre, disse Raphael; cerrai os ouvidos ás loucas palavras de duas crianças inexperientes, e ensinai-lhes a respeitar a authoridade de seus paes, ou tutores: vamos, celebrai o casamento!

O padre dobrou socegradamente os papeis, que tinha na mão direita, subio os degráos do altar, e voltando-se para os assistentes, disse com voz grave e serena:

— Retirai-vos, senhores! em nome de Deos, este casamento não póde ter lugar.

Branca soltou um grito de alegria.

O padre Christiano desceu do altar, sereno e bello, como tinha a elle subido.

Ia retirar-se.

Quando passou junto de Raphael, e Claudio Góes, disse-lhes com voz doce:

— Meus irmãos, arrependei-vos, porque peccastes.

— Padre Christiano! exclamou Raphael enraivecido; padre Christiano! d'ora ávante não sois maiso capellão da minha fazenda!... padre Christiano!... sahi!...

— Padre Christiano!... bradou uma outra voz rouca e terrivel; padre Christiano! d'ora ávante sois o capellão da fazenda de Constança!... padre Christiano! vinde!...

Todos olhárão, e virão com espanto um ancião de barbas brancas, e envolvido em um longo ponche negro, que se retirava levando comsigo quasi á força um gentil mancebo.

O ancião era o — *Forasteiro*.

FIM DO SEGUNDO TOMO.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).